



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE COMUNIDADES E
ECOLOGIA SOCIAL

***“NINGUÉM USA SEMPRE. NINGUÉM”*: ESTUDO SOBRE OS CONTEXTOS RELACIONAIS QUE
DETERMINAM O USO E O NÃO USO DO PRESERVATIVO NA INICIAÇÃO AMOROSA E
SEXUAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DO RIO DE JANEIRO.**

MARCIA ARARIPE MELLO

Rio de Janeiro

- 2012 -



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE COMUNIDADES E
ECOLOGIA SOCIAL

***“NINGUÉM USA SEMPRE. NINGUÉM”*: ESTUDO SOBRE OS CONTEXTOS RELACIONAIS QUE DETERMINAM O USO E O NÃO USO DO PRESERVATIVO NA INICIAÇÃO AMOROSA E SEXUAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DO RIO DE JANEIRO.**

MARCIA ARARIPE MELLO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação EICOS – Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

ORIENTADORA: Prof^ª Dr^ª SIMONE OUVINHA PERES

Rio de Janeiro

- 2012 -

FOLHA DE APROVAÇÃO

“*NINGUÉM USA SEMPRE. NINGUÉM*”: ESTUDO SOBRE OS CONTEXTOS RELACIONAIS QUE DETERMINAM O USO E O NÃO USO DO PRESERVATIVO NA INICIAÇÃO AMOROSA E SEXUAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DO RIO DE JANEIRO.

Marcia Araripe Mello

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Simone Ouvinha Peres

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Prof^ª Dr^ª Simone Ouvinha Peres (Orientadora)

Doutora em Saúde Coletiva / Programa EICOS/IP/UFRJ

Prof^ª Dr^ª Maria Cecília de Mello e Souza

Doutora em Antropologia / Programa EICOS/IP/UFRJ

Prof^ª Dr^ª Elaine Reis Brandão

Doutorado em Saúde Coletiva – Depto. de Medicina Preventiva Faculdade de Medicina/UFRJ

Rio de Janeiro

- 2012 -

À minha mãe e ao meu irmão, por serem
exatamente quem são.

AGRADECIMENTOS

Desejo, em primeiro lugar, agradecer todo o apoio que recebi da minha família, sempre tão próxima e tão querida. Vocês são figuras centrais no meu desenvolvimento pessoal e têm participação fundamental em minha trajetória acadêmica.

À Simone Peres, que acompanha meu percurso acadêmico desde a graduação e com quem tenho o privilégio de conviver desde 2007. Agradeço pelas aulas, que fizeram despertar em mim o interesse pela pesquisa, por todas as indicações de leitura e, em especial, pela dedicação e orientação nestes dois anos de mestrado.

À Cecilia de Mello e Souza, por ter aceito o convite para integrar tanto a banca examinadora da qualificação como a banca de defesa do mestrado e pelas valiosas sugestões que colaboraram enormemente para o aperfeiçoamento deste estudo.

À Simone Monteiro, pela participação na banca de qualificação e pela contribuição com ideias que foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

À Elaine Brandão, por ter aceito, prontamente, o convite para fazer parte da banca de defesa do mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar esta pesquisa através da concessão de bolsa de estudo.

Aos professores e funcionários do Programa EICOS, pela seriedade com que conduzem o trabalho e pelo acolhimento que proporcionam aos alunos.

Aos meus queridos amigos, que estiveram comigo ao longo de toda esta trajetória e me ensinaram que tudo o que há de mais importante na vida pode e deve ser discutido numa mesa de bar. Vocês foram uma importante e divertida fonte de inspiração.

E, por fim, agradeço a todos os jovens que fizeram parte desta pesquisa por compartilharem comigo um pouco de suas trajetórias. A participação de vocês tornou esta pesquisa muito mais rica.

RESUMO

MELLO, M. A. ***“Ninguém usa sempre. Ninguém”***: estudo sobre os contextos relacionais que determinam o uso e o não uso do preservativo na iniciação amorosa e sexual de jovens universitários do Rio de Janeiro. Orientadora: Simone Ouvinha Peres. Rio de Janeiro: UFRJ/CFCH/IP/EICOS, 2012. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social).

Dados recentes fornecidos pelo Ministério da Saúde (MS) e Organização Mundial de Saúde (OMS) apontam que a juventude é hoje a faixa de idade que apresenta a maior incidência de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). A incidência crescente destas doenças entre os jovens não parece, entretanto, ser explicada por um baixo grau de informação acerca dos métodos de prevenção. Estudos qualitativos sobre a temática da juventude e sexualidade mostram que a capacidade e a possibilidade de adotar práticas sexuais seguras irão depender sempre do contexto e da percepção de risco à prática sexual. Ou seja, é fundamental que sejam considerados o tipo de vínculo e qualidade do afeto envolvidos nos relacionamentos, o momento em que ocorre a relação e o parceiro com quem ela se dá. O presente estudo tem como objetivo central compreender, com base nas práticas dos jovens, a lógica do uso e do não uso do preservativo durante a iniciação amorosa e sexual. A pesquisa, orientada por uma perspectiva socioantropológica, contou com uma fase inicial de observação de campo, que permitiu o acesso às redes de sociabilidade das quais foram selecionados os participantes, e com a realização de entrevistas abertas, realizadas em pequenos grupos. Interessavam-nos, em especial, as declarações dos jovens sobre os fatores que determinavam o uso do preservativo, bem como as razões apontadas para o não uso. Foram entrevistados dez jovens, com idades que variaram entre 19 e 26 anos, sendo sete do sexo feminino e três do sexo masculino. Com base no material colhido pudemos perceber que, para os jovens em questão, a preocupação com DSTs e HIV/AIDS não parece ser um fator determinante para o uso do preservativo. No contexto das relações de namoro, percebidas como seguras e protegidas, o uso do preservativo tende a ser interrompido quando as jovens iniciam o uso da pílula anticoncepcional evitando, portanto, a ocorrência de uma gravidez não planejada. Nas relações que não ocorrem com parceiros fixos o preservativo tende a ser utilizado com maior frequência, em especial quando os parceiros são desconhecidos ou pouco conhecidos. Todos os entrevistados reconheceram, entretanto, que ocorreram “falhas” na prevenção durante sua iniciação amorosa e sexual.

PALAVRAS-CHAVE: JUVENTUDE, PREVENÇÃO, INICIAÇÃO AMOROSA E SEXUAL, DSTS E HIV/AIDS.

ABSTRACT

MELLO, M. A. ***“Nobody uses it all the time... nobody”***: a study that covers the emotional ramifications of the usage, and lack thereof, of condoms in the sexual and amorous initiation of college students in Rio de Janeiro. Advisor: Simone Ouvinha Peres. Rio de Janeiro: UFRJ/CFCH/IP/EICOS, 2012. Dissertation (Masters in Psychology of Community and Social Ecology).

According to recent data from the Ministry of Health (MH) and the World Health Organization (WHO) young people between constitute the highest risk group when it comes to sexually transmitted diseases (STDs). The high percentage of young people contaminated with these diseases can't be explained by the lack of information regarding prevention methods. Well-regarded studies about youth and sexuality have shown that the enactment of safe sexual practices will always depend of context and perception of risk regarding the sexual act. This means that it is fundamental to take into account the type and quality of the emotional involvement in these relationships, the timing of the sexual relation and the partner involved in the act. This study endeavors to understand the logic behind the usage of condoms in the sexual and amorous initiation, using as a basis the practices among young people. The research, which has a social-anthropological scope, had an initial phase of field observation. This phase consisted of access to social networks, where the participants were selected, and small-group collective interviews. It was interesting to this study the statements of the participants about the deciding factors when it came to the usage – or lack thereof – of condoms. Ten participants, with ages varying from 19 to 26, were interviewed. Seven were women and three men. Based on the gathered material, it was possible to see that the worry about STDs and AIDS were not a leading factor when it comes to using condoms. Regarding to relationships, which are considered safe ground, the participants stopped using condoms when the participants were either started using the pill or with partners that used it. The main concern, it is easy to determine, was with unplanned pregnancies. When it was approached the subject of sexual relationships with different partners, i.e. outside the confines of a relationship, the participants tended to use condoms more often – especially if the partner isn't previously known to or doesn't have a close relationship with the participant. All the participants have recognized, however, that there are “blind spots” when it comes to prevention during the sexual and amorous initiation.

KEY-WORDS: YOUTH, PREVENTION, SEXUAL AND AMOROUS INITIATION, STDs/HIV.

LISTA DE SIGLAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

HPV – Papilomavírus Humano

MS – Ministério da Saúde

OIJ – Organização Internacional da Juventude

OMS – Organização Mundial de Saúde

PCAP – Pesquisa de Comportamento, Atitudes e Práticas da População Brasileira

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNAIDS – Programa Conjunto das Nações Unidas com foco no HIV/AIDS

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a infância

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.	10
CAPÍTULO I.	14
1.1 - CRESCIMENTO DAS DSTs/AIDS ENTRE OS JOVENS.	14
1.2 - EPIDEMIOLOGIA DAS DSTs/AIDS.	16
1.2.1 - PANORAMA DO HIV/AIDS NO MUNDO: UM BREVE HISTÓRICO.	16
1.2.2 - A EPIDEMIA DE HIV/AIDS NO BRASIL.	18
1.2.3 - PANORAMA DAS DEMAIS DSTs NO BRASIL E NO MUNDO: CAMINHO ABERTO PARA O HIV/AIDS.	20
CAPÍTULO II.	24
2.1 - A NOÇÃO DE JUVENTUDE E OS JOVENS COMO “PROBLEMA SOCIAL”.	24
2.2 - JUVENTUDE, VULNERABILIDADE E O “APRENDIZADO DA SEXUALIDADE” NO ÂMBITO DA INICIAÇÃO AMOROSA E SEXUAL.	27
2.3 - SEXUALIDADE E GÊNERO: BARREIRAS PARA A PREVENÇÃO DAS DSTs NA JUVENTUDE.	32
CAPÍTULO III.	34
3.1 - LIMITES E DIFICULDADES NA PREVENÇÃO DE DSTs/AIDS: PERCEPÇÃO DE RISCO E ADOÇÃO DE PRÁTICAS SEXUAIS SEGURAS.	34
3.2 - SEXUALIDADE E RELACIONAMENTOS AMOROSOS NA ATUALIDADE: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS.	37
3.3 - INICIAÇÃO AMOROSA E SEXUAL DOS JOVENS E ADOÇÃO DE PRÁTICAS SEXUAIS SEGURAS: ENTRE O AMOR ROMÂNTICO E O “SEXO PURO”.	44
CAPÍTULO IV.	47
METODOLOGIA.	47
4.1 - ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO E UNIVERSO DA PESQUISA.	47
4.2 - OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.	49
4.3 - OS JOVENS ENTREVISTADOS E A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.	58
4.4 - PERFIL DOS ENTREVISTADOS E ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS.	62
4.5 - PERFIL INDIVIDUAL DETALHADO E TRAJETÓRIAS AFETIVO-SEXUAIS DOS ENTREVISTADOS.	64
CAPÍTULO V.	75
ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.	75
5.1 - JOVENS ENTREVISTADOS E A INICIAÇÃO AMOROSA E SEXUAL.	77
5.1.1 - PRIMEIRAS EXPERIMENTAÇÕES: O APRENDIZADO DA SEXUALIDADE.	77
5.1.2 - OS PRIMEIROS NAMOROS.	78
5.1.3 - AS PRIMEIRAS “SALIÊNCIAS” E AS RELAÇÕES SEXUAIS.	79
5.1.4 - ENTRE IDAS E VINDAS: O FIM EFETIVO DOS PRIMEIROS NAMOROS.	81
5.2 - ESTAR SOLTEIRO OU ESTAR “NA PISTA”: POSSIBILIDADES DE EXPERIMENTAÇÃO.	83
5.3 - O QUE DEFINE O NAMORO PARA OS JOVENS? E COMO SÃO ESCOLHIDOS OS PARCEIROS?	86
5.4 - FIDELIDADE <i>VERSUS</i> TRAIÇÃO.	88
5.5 - PRÁTICAS DE PREVENÇÃO.	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	108
ANEXO I.	112
ANEXO II.	113

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema central a juventude e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs/AIDS) e busca proporcionar um maior entendimento sobre os fatores que levam os jovens a adotar, ou não, práticas sexuais seguras em sua iniciação amorosa e sexual. Este trabalho visa recuperar e dar continuidade à pesquisa iniciada em minha monografia, orientada pela mesma professora, sobre as razões da dissociação entre conhecimento e adoção de práticas de prevenção na iniciação amorosa e sexual de jovens universitárias, moradoras da Zona Sul do Rio de Janeiro. Nas entrevistas realizadas para a monografia chamou atenção a maior dificuldade de negociação e, conseqüentemente, menor adoção de práticas sexuais seguras, durante os relacionamentos definidos pelas jovens como *estáveis*, *sérios* ou *exclusivos*, em especial no início de suas trajetórias. Verificou-se entre as entrevistadas que estes tipos de relacionamento eram percebidos como seguros, em oposição aos relacionamentos com parceiros eventuais ou com pessoas que não fizessem parte de sua rede social próxima. Ainda durante a monografia a ocorrência de um caso de contaminação por HPV e outro de gravidez não planejada e aborto subsequente entre as entrevistadas apontaram para a necessidade de ampliar os estudos sobre o tema em questão, bem como para a necessidade de estudar os jovens do sexo masculino, uma vez que, de acordo com o relato das entrevistadas, seriam eles os “responsáveis” pela tomada de decisão acerca dos métodos utilizados na prática sexual durante um significativo período de tempo.

A partir de dados fornecidos pelo Ministério da Saúde (MS) e Organização Mundial de Saúde (OMS), verificamos que a juventude é, atualmente, a faixa de idade que apresenta a maior incidência de DSTs. Especificamente em relação ao HIV/AIDS, as duas últimas edições do Boletim Epidemiológico AIDS/DST (2010, 2011) apontam para uma tendência de crescimento na prevalência da infecção entre os jovens. Como forma de reduzir os riscos de transmissão das DSTs/AIDS, tanto a Organização Mundial de Saúde (OMS) como o Ministério da Saúde (MS), determinam o uso de preservativos em todas as relações sexuais, sejam elas orais, anais ou vaginais.

A incidência crescente destas doenças entre os jovens não parece ser explicada por um baixo grau de informação acerca dos métodos de prevenção. De acordo com dados fornecidos pela *Pesquisa de Comportamento, Atitudes e Práticas da População Brasileira* (PCAP, 2008), por exemplo, 97% dos entrevistados entre 15 e 24 anos

declararam saber que o preservativo, ou camisinha, é a melhor maneira de evitar a infecção tanto pelo HIV como pelas demais DSTs. Também não parece haver, entre os jovens, uma rejeição ao uso do preservativo. Ainda de acordo com o PCAP (2008), em comparação com todas as outras faixas etárias (25 - 64 anos), os jovens foram os que mais relataram fazer uso do preservativo (PCAP, 2008). Entretanto, o alto nível de informação acerca do preservativo, bem como seu uso mais frequente entre os jovens, não é garantia de que ele seja adotado de forma constante em todas as relações.

A ideia de que um alto grau de informação acerca dos riscos de contrair DSTs seria suficiente para modificar comportamentos e práticas, apoia-se em pressupostos dos modelos cognitivos de mudança de comportamento, cujas limitações vêm sendo apontadas por diversos pesquisadores. Dentre essas limitações, ressalta-se a ausência do reconhecimento da diversidade de representações e práticas dos grupos sociais e do enfoque no contexto socioeconômico.

Nos últimos anos, diversos estudos, em sua maioria qualitativos, buscaram avançar na discussão sobre prevenção e risco das DSTs, tendo por base o pressuposto de que a lógica das práticas cotidianas, em geral, não resulta simplesmente de decisões racionais individuais, mas decorre de condições materiais e simbólicas de existência. Os resultados destes estudos apontaram que a capacidade e a possibilidade de adotar práticas sexuais seguras vão estar sempre relacionadas ao contexto e percepção de risco à prática sexual. Por esta razão, é fundamental que sejam considerados nos estudos sobre adoção, ou não, de práticas sexuais seguras o tipo de vínculo e qualidade do afeto envolvido, o momento em que ocorre a relação e o parceiro com quem ela se dá.

Na presente pesquisa, trabalharemos com uma noção de sexualidade que vai de encontro à expressa por autores como Bozon (2004), Heilborn (2006) e Paiva (1996), entre outros, considerando-a como um processo de aprendizado e socialmente construída. Ou seja, entendendo que os indivíduos são socializados para a entrada na vida sexual por meio da cultura, que orienta roteiros e comportamentos considerados aceitáveis. Todas as expressões e manifestações relativas à sexualidade correspondem a distintos significados, que vão de encontro aos valores vigentes em cada grupo social. Dentre os inúmeros fatores que contribuiriam para modelar a experiência da sexualidade, Bozon (2004), destaca os seguintes: *trajetórias biográficas, influência da religião, condições de vida, redes de sociabilidade, padrões de relação entre os sexos, usos do corpo e posição na estrutura social*.

Compreender estes roteiros, que orientam comportamentos e práticas sexuais, é fundamental para os estudos sobre práticas sexuais seguras e também sobre uso e não uso de preservativos. Diversos autores, como Bozon (2004), Monteiro (2002), Paiva (1996) e Parker (2000), apontam que, ao contrário do que desejariam os responsáveis pela prevenção, o fato de uma relação não ser protegida indica, paradoxalmente, a sua importância ou centralidade para o indivíduo. As relações que parecem socialmente arriscadas são sempre as que ocorrem fora do casal ou fora da rede social próxima. Estas sim levariam os indivíduos a demandar alguma forma de proteção.

Entendemos que os roteiros sexuais são especialmente relevantes na adolescência/juventude, quando se dá o início da vida sexual. Isto porque, são interiorizados pelos sujeitos sem que haja uma consciência permanente de sua presença e desempenham um papel extremamente relevante na maneira com que cada um vive sua iniciação amorosa e sexual.

Ainda em relação aos jovens, de acordo com Paiva, Peres e Blessa (2002), eles são sempre um grupo vulnerável, no que diz respeito às DSTs/AIDS, em todas as sociedades do mundo globalizado. Diante do que foi exposto anteriormente, entendemos que para compreender melhor tal vulnerabilidade, é fundamental buscar conhecer como os jovens significam suas práticas desde a iniciação amorosa e sexual. Para isto, é preciso tentar decifrar os códigos de significados inerentes às suas práticas. Cada uma das formas que possuem de relacionar-se entre si – tais como o “ficar”, o namoro, ou mesmo relações ocasionais e “rolos” – possui regras e significados próprios, que convém desvendar. Tais significados precisam ser aprendidos pelos jovens que estão iniciando suas trajetórias e parecem ter influência significativa nas decisões tomadas em relação à prevenção.

É a partir do mencionado que esta pesquisa se situa e parte, com o objetivo de aprofundar a discussão acerca das razões que levam à adoção, ou não, de práticas sexuais seguras entre jovens, em especial o uso do preservativo. Interessa-nos, sobretudo, saber em que medida os jovens se percebem, ou não, vulneráveis às DSTs e como tal percepção repercute em suas práticas e afeta suas interações afetivo-sexuais.

Espera-se que este trabalho, possa contribuir com os debates da temática em questão, acerca da prevenção das DSTs/AIDS, e com a construção de políticas públicas de promoção de saúde e de prevenção de DSTs que, cada vez mais, levem em conta a visão dos jovens acerca dos problemas que os afetam.

O trabalho está organizado na seguinte maneira: no primeiro capítulo serão apresentados boletins, relatórios e pesquisas, sobretudo quantitativas, que apontam para a maior incidência de DSTs e HIV/AIDS entre os jovens.

No segundo capítulo será apresentada a noção de juventude que fundamentou essa pesquisa, bem como algumas especificidades desta fase da vida. Além disso, apresentaremos alguns dos aspectos indicados pela literatura que estariam relacionados a uma maior vulnerabilidade dos jovens em relação a estas doenças.

No terceiro capítulo encontra-se um breve panorama sobre as possíveis formas que os relacionamentos assumem na atualidade. Interessa-nos compreender, sobretudo, de que forma a maneira com que são vividos os relacionamentos amorosos na atualidade, bem como os valores que os guiam, explicam as práticas juvenis e podem funcionar como chave interpretativa para alguns dos comportamentos adotados pelos jovens, em especial no que diz respeito à adoção de práticas sexuais seguras.

A metodologia utilizada na presente pesquisa – os detalhes da observação de campo, das redes contatadas e das entrevistas realizadas – compõe o quarto capítulo. O quarto capítulo traz também os perfis individuais de cada um dos entrevistados e uma representação gráfica de suas trajetórias amorosas e sexuais.

E, por fim, no quinto e último capítulo, são apresentadas tanto a forma com que foi feita a sistematização dos dados colhidos ao longo da pesquisa, como sua análise. O material das entrevistas foi separado em cinco eixos principais de análise, a saber; 1) a iniciação amorosa e sexual (primeiras experimentações, namoros, relações sexuais e primeiros términos de relacionamentos), 2) as demais possibilidades de experimentação, 3) características dos namoros e os fatores que determinam a escolha das parcerias, 4) a questão da fidelidade e da traição e 5) as práticas de prevenção.

Espera-se que a análise empreendida possa trazer subsídios para o debate sobre a prevenção e as trajetórias amorosas e sexuais dos jovens. Reconhecemos que esta análise ficou centrada em um universo particular de jovens e que, portanto, seus resultados não podem ser atribuídos à juventude brasileira como um todo. Ainda assim, acreditamos que esta investigação abordou questões importantes para o debate em questão, que poderão ser tomadas em pesquisas futuras.

CAPÍTULO I

1.1 - CRESCIMENTO DAS DSTs/AIDS ENTRE OS JOVENS.

As doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) são consideradas, atualmente, um dos problemas de saúde pública mais comum em todo o mundo. São doenças transmitidas, principalmente, por contato sexual sem proteção com parceiro infectado e que tendem a se manifestar por meio de feridas, corrimentos, bolhas ou verrugas, embora muitas vezes permaneçam assintomáticas, para ambos os sexos. A ocorrência de uma DST, tanto em homens como em mulheres, pode tornar o organismo mais vulnerável a outras doenças, como o HIV/AIDS, por exemplo. Quando seu diagnóstico não é feito a tempo, podem evoluir para complicações graves, como infertilidade e câncer, além de se relacionarem com índices mais elevados de mortalidade materna e infantil. Como forma mais eficaz de reduzir os riscos de transmissão das DSTs/AIDS, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e Ministério da Saúde (MS), determinam o uso de preservativos em todas as relações sexuais, sejam orais, anais ou vaginais (www.aids.gov.br).

No Brasil, a incidência de DSTs/AIDS tem aumentado na população em geral, sendo crescente também o número de jovens contaminados. As duas últimas edições do Boletim Epidemiológico AIDS/DST (2010; 2011) divulgadas pelo Ministério da Saúde, apontaram tendência de aumento na prevalência da infecção pelo HIV entre jovens. Em relação às demais DSTs, de acordo com Braverman (2000), aproximadamente 25% de todas as doenças sexualmente transmissíveis são diagnosticadas em jovens com menos de 25 anos.

Como forma de monitorar a epidemia de HIV/AIDS e algumas outras DSTs, o Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, do Ministério da Saúde, recorre à *Pesquisa de Comportamento, Atitudes e Práticas da População Brasileira* (PCAP), um inquérito domiciliar realizado com a população brasileira de 15 a 64 anos. O PCAP forneceu subsídio para as principais campanhas da grande mídia e ações de prevenção nos últimos anos, além de ter possibilitado o cálculo de estimativas confiáveis quanto ao tamanho de algumas populações mais vulneráveis a estas doenças.

Em relação aos jovens – na pesquisa considerados como a população entre 15 e 24 anos –, dados referentes ao inquérito realizado em 2008 apontam que eles têm alto nível de informação sobre como se prevenir de DSTs. De acordo com a pesquisa, aproximadamente 97% dos entrevistados nessa faixa etária declarou saber que o

preservativo – também chamado popularmente de camisinha – é a melhor maneira de evitar a infecção tanto pelo HIV como pelas demais DSTs. Além disso, em comparação a todas as outras faixas etárias, os jovens foram os que mais relataram fazer uso do preservativo (PCAP, 2008). O uso do preservativo neste grupo, entretanto, embora mais frequente que nos demais, não significa que esta prática seja adotada de maneira constante. O que se pôde verificar na pesquisa é que a prática sexual segura parece estar relacionada com o momento da trajetória afetivo-sexual em que os jovens se encontram, bem como ao tipo de parceria na qual ocorre a relação sexual e a sua duração. Ainda de acordo com o PCAP (2008), considerando esta mesma faixa etária (15-24 anos), os maiores percentuais de uso do preservativo foram encontrados na primeira relação sexual (61%) e nas relações com parceiros casuais. Quando perguntados sobre as relações sexuais com parceiros casuais nos últimos 12 meses, aproximadamente 68% dos entrevistados declararam ter feito o uso de preservativos. Entretanto, quando perguntados sobre o uso do preservativo em todas as relações com parceiros casuais no último ano, essa porcentagem caiu para cerca de 50% dos entrevistados. Considerando as relações sexuais independente do tipo de parceria, 55% dos entrevistados declararam ter feito uso de camisinha na última relação e, quando perguntados sobre o uso do preservativo em todas as relações nos últimos 12 meses, essa porcentagem caiu para 35%. E o menor índice de uso de preservativo foi encontrado quando se perguntou aos entrevistados sobre o uso de proteção em todas as relações com parceiros fixos no último ano (31%).

A pesquisa aponta ainda outro dado bastante interessante: se por um lado os jovens são os que mais praticam sexo com preservativo, são eles também os que declararam o maior número de parcerias casuais – entendidas como relações sexuais que não ocorrem dentro de um contexto de namoro ou casamento, sendo, em geral, encontros breves e descompromissados. Do total de jovens entrevistados, 15% declararam ter tido mais de cinco parceiros casuais no último ano e 43% declararam ter tido pelo menos um parceiro casual no último ano. Em relação à prática sexual com parceiros do mesmo sexo, 8% dos jovens entrevistados declararam já ter tido esse tipo de experiência ao menos uma vez na vida. Esta porcentagem foi maior entre os jovens do que em todas as outras faixas etárias pesquisadas. Em resumo, os jovens de 15 a 24 anos têm mais parcerias casuais que os demais entrevistados, mas são também os que mais usam o preservativo em todas as situações se comparados às demais faixas etárias (PCAP, 2008).

A partir destes dados, podemos concluir que o problema não é, portanto, a falta de informação sobre prevenção, mas a dificuldade de colocá-la em prática em todas as relações e, em especial, quando as relações são percebidas como seguras. Esse fato vem sendo observado na grande maioria das pesquisas que serão apresentadas nos capítulos seguintes.

Outro ponto que merece ser destacado diz respeito ao fato que entre 2004 e 2008 – anos em que foi realizada a PCAP – pôde-se notar uma queda no uso do preservativo, em todas as faixas de idade e em relação a todos os tipos de parceria.

O aumento da prevalência e da infecção pelo HIV entre os jovens e a gravidade das consequências que as demais DSTs podem provocar, mostram a necessidade de abordar essas questões sob a perspectiva dos próprios jovens, levando em conta os fatores que os fazem classificar determinadas circunstâncias, contextos, práticas e relações como seguras, ou não. Cabe verificar também que fatores estariam por trás da redução do uso de preservativo nos últimos quatro anos.

Se a capacidade e a possibilidade de adotar práticas sexuais seguras vão sempre depender do contexto – ou seja, do tipo de vínculo e qualidade do afeto, do momento e do parceiro, entre outros fatores – e da percepção de risco à prática sexual (PAIVA, 1996), entendê-las a partir da perspectiva dos jovens entrevistados é um ponto central nos estudos sobre sexualidade e juventude. O que se pretende com esta pesquisa é, portanto, com base nas práticas dos jovens pesquisados, problematizar a dificuldade, ou não, de *aplicar a teoria na prática*, bem como compreender melhor os fatores levam ao uso ou não uso do preservativo.

1.2 - EPIDEMIOLOGIA DAS DSTs/AIDS.

Neste momento do trabalho, buscaremos mostrar como se distribuem os casos de HIV e demais DSTs entre a população do Brasil e, em especial, de que forma essas doenças afetam os jovens.

1.2.1 – PANORAMA DO HIV/AIDS NO MUNDO: UM BREVE HISTÓRICO.

Inicialmente identificada no início da década de 80, do século XX, a síndrome da imunodeficiência adquirida, habitualmente conhecida como AIDS, tornou-se um marco na história da humanidade. De acordo com Brito *et al* (2000), a epidemia de HIV/AIDS representa um fenômeno global, dinâmico e instável, cuja forma de ocorrência nas diferentes regiões do mundo depende, entre outros determinantes, do

comportamento humano individual e coletivo. A dinâmica de disseminação do vírus nos colocou face a face com as limitações de nossos conhecimentos sobre uma ampla gama de fatores relativos à sexualidade humana e sua diversidade (PARKER, 2000). De acordo com Guimarães (2001), a AIDS surgiu, inicialmente, como um fato médico, mas com o decorrer dos anos, deixou de ter somente este caráter e demonstrou ser também um fato social – isto é, um sistema simbólico de construção coletiva. Ainda de acordo com a autora, as representações sobre percepção de risco, prevenção e controle da epidemia são o lugar em que a AIDS entrecruza-se com a complexidade das relações sociais, suas categorias e valores. Ainda de acordo com Guimarães (2001) a AIDS tem o valor de “crise”, não por ser uma pandemia ou o flagelo do século, mas por colocar em cheque os valores, as normas e algumas relações estruturais de nossa sociedade, impondo reflexões sobre a vida, o amor, o sexo, o prazer e a morte, por exemplo.

A epidemia de AIDS, desde sua origem discutida pela comunidade científica e sociedade em geral, mostrou-se bastante complexa, configurando-se como um verdadeiro mosaico de subepidemias regionais. Pesquisas mais recentes, como a divulgada pela UNAIDS (Programa Conjunto das Nações Unidas com foco no HIV/AIDS), estimam que, no ano de 2009, por exemplo, aproximadamente 2,6 milhões de pessoas tenham sido infectadas com o HIV. Embora este seja ainda um número preocupante, significa 19% menos do que as 3,1 milhões de pessoas infectadas em 1999, e 21% menos do que os cerca de 3,2 milhões infectados em 1997 – ano que atingiu o pico de novas infecções.

Em 2010, de acordo com relatório divulgado pela UNAIDS sobre a situação da epidemia de HIV/AIDS no mundo, em muitos dos países mais afetados pela epidemia o número de novos casos está caindo. De acordo com este relatório, em 33 países a incidência do vírus diminuiu 25% entre 2001 e 2009. Destes países, 22 se encontram na África subsaariana. Mas em outros sete países – cinco deles localizados na Europa Oriental e Ásia Central –, as taxas de incidência do vírus aumentaram mais de 25% entre 2001 e 2009. De uma forma geral, na Europa Ocidental, Central e Oriental, bem como na Ásia Central e América do Norte, a taxa anual de novas infecções pelo HIV tem se mantido estável nos últimos cinco anos. Este mesmo relatório, entretanto, aponta para a evidência cada vez maior de um ressurgimento do HIV em países desenvolvidos entre homens que fazem sexo com homens (UNAIDS, 2010).

O relatório *Oportunidade na Crise: Prevenindo o HIV da adolescência à vida adulta* – publicação conjunta da UNICEF, ONUSIDA, UNESCO, FNUAP, OIT, OMS

e Banco Mundial, publicado em 2011 – apresenta dados específicos sobre a incidência da epidemia entre jovens e identifica os fatores que aumentam o risco de infecção, bem como oportunidades para reforçar a prevenção. As estatísticas demonstram que, a cada dia cerca de 2.500 jovens são infectados pelo vírus no mundo. Segundo o relatório, pessoas com idades de 15 e 24 anos representaram 41% de todas as novas infecções em 2009 e, neste mesmo ano, dados indicavam a existência de cerca de cinco milhões de jovens nessa faixa etária vivendo com o HIV. Ainda de acordo com o relatório, as mulheres, em especial as mais jovens, enfrentam um risco de contágio desproporcionalmente mais elevado que os demais indivíduos – o que estaria relacionado à vulnerabilidade biológica, à desigualdade social e à exclusão social. Mundialmente, mulheres jovens representam mais de 60% de todos os jovens que vivem com HIV. Ainda em relação aos jovens, as agências anteriormente citadas apontam que a adolescência é uma janela de oportunidade para intervir, antes que a maioria se torne sexualmente ativa e que sejam estabelecidas normas sociais e de gênero capazes de aumentar o risco de infecção pelo HIV (UNICEF, 2011).

1.2.2 – A EPIDEMIA DE HIV/AIDS NO BRASIL.

Santos *et al* (2002) dividem a epidemia de HIV/AIDS no Brasil em três fases principais, de acordo com sua dinâmica de disseminação espaço-temporal. A primeira, no início dos anos 80, caracterizava-se pela concentração de casos no eixo Rio de Janeiro/São Paulo e outras metrópoles localizadas no Sudeste e Sul. Marcadamente masculina em seu início, a epidemia se restringia a alguns grupos populacionais, como os homens com algum tipo de prática homossexual e os hemofílicos – receptores de sangue e hemoderivados.

A segunda fase, com início nos primeiros anos da década de 90, apresentou como principais características o aumento do número de casos entre usuários de drogas injetáveis (UDI) e o início do crescimento dos casos por transmissão heterossexual – em especial entre as parceiras de homens usuários de drogas injetáveis. Nesse mesmo, período a epidemia expandiu-se por todo o território brasileiro, embora atingisse principalmente cidades de médio porte (200 a 500 mil habitantes) localizadas, sobretudo, nas regiões Sul e Centro-Oeste. De acordo com Brito *et al* (2000), até o final da década de 90, a epidemia de HIV/AIDS no Brasil era classificada como sendo do tipo *concentrada* – referente a países nos quais a prevalência da infecção pelo HIV é superior a 5% em uma ou mais subpopulações com comportamento de alto risco, mas a

prevalência entre gestantes atendidas em clínicas de pré-natal se revela menor do que tal percentual. (WORLD BANK, 1997 *apud* BRITO *et al*, 2000).

Já a terceira fase da epidemia caracteriza-se, principalmente, por um aumento no número de casos de transmissão do vírus entre indivíduos heterossexuais. Nela, a incidência do HIV/AIDS aumentou entre as mulheres, o que ocasionou, por sua vez, a um aumento dos casos de crianças infectadas por transmissão materno-infantil (TMI). Nessa direção, Brito *et al* (2000) escrevem que a propagação de HIV/AIDS no Brasil sofreu, ao longo do tempo, transformações significativas em seu perfil epidemiológico. Dentre as principais transformações estariam os processos de *heterossexualização*, *feminização*, *interiorização* e *pauperização* da epidemia.

Passados cerca de 30 anos dos primeiros casos de HIV/AIDS relatados no Brasil, o país tem hoje uma epidemia estável e concentrada em alguns subgrupos populacionais em situação de vulnerabilidade. Em 2010, os casos de HIV/AIDS se distribuíam da seguinte forma pelo país: Sudeste 58%; Sul 19,5%; Nordeste 12,5%; Centro-Oeste 5,7%; e Norte 4,2%. Em 2009, a região Sul apresentou a maior taxa de incidência (32,4 casos a cada 100 mil habitantes), seguida das regiões Sudeste e Norte, que registraram taxas de 20,4 e 20,1, respectivamente. De acordo com o Boletim Epidemiológico HIV/AIDS de 2010, o Brasil reduziu em 44,4% a taxa de incidência em crianças menores de cinco anos de idade de 1999 a 2009. Este é um dado importante, já que é através da taxa de incidência do vírus nessa faixa etária que se pode monitorar a transmissão vertical do HIV (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010). De acordo com o último Boletim Epidemiológico HIV/AIDS, divulgado em 2011, foram notificados 608.230 casos da doença acumulados de 1980 a junho de 2011, sendo 397.662 (65,4%) no sexo masculino e 210.538 (34,6%) no sexo feminino. A taxa de prevalência da infecção pelo HIV, na população de 15 a 49 anos, se mantém estável em 0,6% desde 2004, sendo 0,4% entre as mulheres e 0,8% entre os homens. O relatório ressalta ainda que a razão de sexo vem diminuindo ao longo dos anos; se em 1985 para cada 26 casos entre homens havia um caso entre mulheres, em 2010 essa relação já era de 1,7 homens para cada caso em mulheres (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011).

É importante ressaltar que os relatórios divulgados pelo Ministério da Saúde nos últimos dois anos apontam para uma tendência de crescimento na prevalência da infecção pelo HIV nos jovens, tendência que segue as estatísticas globais apresentadas anteriormente. Em entrevista concedida a Agência Brasil, em junho de 2011, o ministro da Saúde, Alexandre Padilha – em exercício desde janeiro de 2011 – declarou que um

dos maiores desafios no enfrentamento da doença é traçar novas abordagens para atingir populações mais vulneráveis ao HIV, como os jovens e, em especial as mulheres jovens. Isto porque, de acordo com o ministro: *“Essa juventude não tem a mesma referência que tivemos há 30 anos do que significava a AIDS (...). Não há artistas infectados, esportistas, referências públicas no enfrentamento da epidemia, como no começo dos anos 80”* (agenciabrasil.ebc.com.br).

Outro dado apresentado também no último Boletim Epidemiológico (2011), e que vai de encontro com os achados internacionais, aponta para um aumento na prevalência de HIV/AIDS entre a população de homens que fazem sexo com homens (HSH). Acompanhando a tendência observada entre os jovens do sexo masculino, a prevalência na população de jovens HSH entre 17 e 20 anos, por exemplo, passou de 0,56% para 1,2%, praticamente o dobro, entre os anos de 2002 e 2007. Entre os jovens HSH de 18 a 24 anos, a prevalência atingiu 4,3%. Quando se compara esse grupo com os demais jovens, a incidência da doença é aproximadamente 13 vezes maior.

1.2.3 – PANORAMA DAS DEMAIS DSTs NO BRASIL E NO MUNDO: CAMINHO ABERTO PARA O HIV/AIDS.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS *apud* MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008), as DSTs são agravos de grande importância para a saúde pública, estando entre as dez principais causas de procura por serviços de saúde no mundo. Em 1990, o órgão publicou a primeira estimativa da incidência global de quatro DST curáveis (gonorreia, clamídia, sífilis e tricomoníase). Nos anos de 1995 e 1999, realizaram-se novas estimativas, a partir de informações, publicadas ou não, oriundas de bases de dados de prevalência de alguns países para essas mesmas quatro DST. Os postulados de 1999 demonstraram que, a cada ano, ocorriam cerca de 340 milhões de casos novos das doenças estudadas. Nesta estimativa, 12 milhões de casos correspondiam ao Brasil. Tais cálculos, não incluíram o grupo das DSTs de etiologia viral – herpes genital (VHS-2), infecção pelo papilomavírus humano (HPV), hepatite B (HBV) e infecção pelo HIV. Caso estas doenças tivessem sido incluídas na estimativa, os números propostos seriam apenas uma pequena parcela do estimado (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008).

As DSTs são consideradas, em nível mundial, como um dos problemas de saúde mais comuns, mas sua magnitude real tende a ser desconhecida. Isto acontece porque, na maioria dos países, as listas de agravos de notificação compulsória elaboradas pelas

autoridades de saúde incluem poucas doenças e apenas as principais síndromes das DSTs. Além disso, porque há também, tanto internacionalmente como no Brasil, certo nível de sub-notificação e/ou de sub-registro (ibid.) Apesar das dificuldades encontradas para apresentar com maior precisão a situação epidemiológica das DSTs, a repercussão de suas sequelas, em ambos os sexos – e sua relação com o aumento da morbidade e da mortalidade materna e infantil e também seu papel facilitador da transmissão sexual do HIV e do câncer genital –, estão bastante documentadas, evidenciando a relevância desse grupo de enfermidades.

De acordo com a OMS, as DSTs representam um ônus para determinada população sempre que a prevalência de DSTs curáveis for igual ou superior a 5% da população; quando a prevalência de sífilis em gestantes for maior ou igual a 1% e a prevalência das DSTs curáveis for maior que 10% em certas sub-populações como, por exemplo, profissionais do sexo, jovens e usuários de drogas injetáveis, entre outras.

No Brasil são poucos os dados disponíveis e sistematizados acerca da maioria das DSTs. A dificuldade em encontrar estatísticas relativas a estas doenças deve-se ao fato de que, no país, apenas a sífilis e a AIDS são doenças sexualmente transmissíveis de notificação compulsória – praticamente inexistem dados de incidência do restante das DSTs em nível nacional. De acordo com o Ministério da Saúde, desde 1986, a notificação de casos de HIV/AIDS e sífilis é obrigatória a médicos e responsáveis por organizações e estabelecimentos públicos e particulares de saúde. Além disso, o registro de HIV em gestantes e recém-nascidos tornou-se obrigatório desde 2000. Taquette *et al* (2004) estimam ainda que 70% das pessoas com alguma DST buscam tratamento em farmácias, o que faz com que o número de casos notificados ao Sistema Único de Saúde (SUS) seja ainda mais reduzido. Seguem abaixo estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS) a respeito de infecções que possuem transmissão sexual na população brasileira sexualmente ativa a cada ano (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008):

Tipo de infecção	Número de casos
Sífilis	937.000
Gonorreia	1.541.800
Clamídia	1.967.200
Herpes genital	640.900
HPV	685.400

Com o intuito de conhecer melhor a dinâmica das DSTs teve início em 2002, com apoio do Programa Nacional de DST e AIDS, uma grande pesquisa sobre prevalências e frequências relativas de algumas DSTs em populações selecionadas em várias instituições da área de saúde no Brasil. O estudo teve como objetivo principal fomentar o conhecimento da realidade brasileira quanto às doenças sexualmente transmissíveis no contexto da saúde pública, sendo realizado em seis capitais divididas pelas cinco macrorregiões do país. A população-alvo foi constituída por pessoas sexualmente ativas das cidades selecionadas, divididas em três sub-populações, a saber: *gestantes, homens trabalhadores de pequenas indústrias e pessoas de ambos os sexos que procuraram assistência em clínicas selecionadas de DST*. Os grupos de gestantes e homens trabalhadores de indústrias foram incluídos na amostra como representantes das mulheres e homens sexualmente ativos – sabe-se que grande parte das DSTs pode cursar de maneira assintomática (especialmente em mulheres) e pretendeu-se identificar essa característica através do estudo desses dois grupos. As pessoas de ambos os sexos, com sintomas sugestivos de DST, que procuraram assistência em clínicas especializadas, constituem um grupo diferenciado, no qual provavelmente se concentram pessoas com características sócio-epidemiológicas de maior vulnerabilidade.

Entre as gestantes, a prevalência global das DSTs curáveis foi de 9,4% para a infecção por clamídia, 2,6% para sífilis e 1,5% para a infecção gonocócica. Essas três infecções em conjunto têm uma prevalência global que ultrapassa 10%, valor que a OMS estabelece como limite do indicador para essa consideração. Em relação às DSTs virais, há prevalência elevada para HPV (40,4%), sobretudo para os tipos mais relacionados com o câncer de colo de útero (33,5%); prevalência moderadamente baixa para a infecção por HIV (0,49%) e, de acordo com parâmetros internacionais, baixa para a infecção ativa pelo vírus da hepatite B (0,86%). Chama atenção o fato de que as maiores incidências de clamídia, gonorreia e HPV foram encontradas entre as gestantes com menos de 20 anos de idade.

Entre os homens trabalhadores de indústrias, por razões de cunho ético não foram realizados exames físicos da área genital dos participantes, tampouco se coletaram amostras para estudo de HIV e HPV. Do total dos participantes, 5,2% tinham uma DST bacteriana, prevalência superior ao padrão estabelecido pela OMS (5%). Em relação à população mais jovem, estimou-se para os menores de 25 anos um risco duas vezes e meia maior de infecção por clamídia.

Em relação ao terceiro grupo, homens e mulheres que procuraram atendimento especializado apresentaram uma prevalência de 51% para todas as DSTs investigadas, 14,4% para DST bacterianas e 41,9% para as DST virais, o que evidencia alta probabilidade de infecção, sintomática ou não, por uma ou várias dessas doenças sexualmente transmissíveis. A taxa global da infecção pelo HPV foi 41,2%, e as prevalências específicas por sexo foram 44,7% para mulheres e 32,6% para os homens. Estes resultados mostram que a prevalência de infecção pelo HPV é elevada e afeta fundamentalmente os adolescentes e jovens, sugerindo que a infecção produz-se em geral em tenra idade, no início das relações sexuais. As maiores taxas de infecção gonocócica e por clamídia foram observadas nos jovens, e as maiores incidências de sífilis, HIV e HBV, foram encontradas nas pessoas de idades mais elevadas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008).

Embora o estudo apresentado nos parágrafos anteriores não seja representativo para o país como um todo, os resultados obtidos permitem realizar inferências sobre algumas características da população sexualmente ativa destas cidades, além de facilitar a identificação de fatores que incrementam sua vulnerabilidade para adquirir DSTs, bem como comportamentos de risco que incidem nas elevadas taxas de infecções verificáveis em determinadas sub-populações, como, por exemplo, a população mais jovem. A maior incidência de DSTs entre jovens, verificada no estudo nacional, vai de encontro a dados internacionais recentes que demonstram que mais da metade de todas as DSTs ocorrem entre os jovens de 15 a 24 anos (UNAIDS, 2010).

Resgatando a ideia de que determinadas condições, disposições e possibilidades levariam, ou não, à adoção de práticas sexuais seguras e com o intuito de favorecer a discussão sobre o comportamento sexual dos jovens optamos, então, por trazer nos capítulos seguintes dados que nos permitam lançar um olhar mais aprofundado sobre o tema. Buscamos com isso dar continuidade a uma discussão que ocorre no campo dos estudos sobre sexualidade e juventude acerca dos fatores que estariam relacionados, ou não, a uma maior vulnerabilidade dos jovens para adquirir DSTs.

CAPÍTULO II

No capítulo anterior, foram apresentadas pesquisas epidemiológicas e alguns estudos, sobretudo quantitativos, que demonstraram tendência de crescimento da incidência de DSTs/AIDS entre os jovens. De acordo com Teixeira *et al* (2006), a crescente epidemia de HIV/AIDS entre os segmentos jovens da população, bem como os números elevados de gravidez na adolescência, teriam aumentado a visibilidade dada à sexualidade juvenil. Nesse segundo capítulo, interessa-nos compreender melhor algumas especificidades da juventude, em especial os aspectos indicados pela literatura que estariam relacionados a uma maior vulnerabilidade dos jovens em relação às DSTs/AIDS.

2.1 – A NOÇÃO DE JUVENTUDE E OS JOVENS COMO “PROBLEMA SOCIAL”.

Desde 1985, ano definido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como Ano Internacional da Juventude, inúmeras iniciativas foram desencadeadas em todo o mundo – e que seguem até os dias atuais – visando o levantamento das necessidades sociais dos jovens (AQUINO *et al*, 2003).

No Brasil, ao longo dos últimos 10 anos, o tema da juventude vem ganhando destaque em diferentes âmbitos da vida social (CARRANO, 2007). Nos meios de comunicação, por exemplo, assistiu-se ao surgimento de novos veículos de informação voltados para a juventude que abordam temas relacionados a ela. Algumas importantes matérias e programas foram realizados e lançaram luz sobre problemas sociais que afetam os jovens – como o desemprego, a violência e a dificuldade de acesso à educação de qualidade. Jornais e revistas abriram espaços para cadernos ou seções *teens* e programas de TVs foram criados pensando no público jovem. Entretanto, como aponta Carrano (2007), apesar dessa maior abertura para os jovens na mídia, os meios de comunicação ainda navegam em ondas de senso comum, tendendo a padronizar as imagens sobre a juventude, como se esta fosse uma categoria homogênea – retratando os jovens como “alienados”, “apáticos”, “hedonistas”, “violentos” ou mesmo comparando-os com as gerações do passado.

Podemos encontrar, na literatura, inúmeras formas de definir ou classificar “os jovens” ou mesmo “a juventude”. A Organização das Nações Unidas (ONU) define a juventude como a faixa etária compreendida entre os 14 e os 24 anos. A Organização Internacional da Juventude (OIJ) por sua vez, amplia essa faixa até os 29 anos. No

Brasil, de acordo com dados fornecidos pelo CENSO de 2002, as estatísticas consideram como jovem os indivíduos situados na faixa etária de 15 a 24 anos. Como podemos perceber não há muito consenso na delimitação etária da juventude.

Na área da saúde pública, a delimitação das necessidades dos jovens também tem se apoiado em uma definição de adolescência com base etária. Diferente das definições apresentadas anteriormente, considera-se o período dos 10 aos 19 anos – em função das grandes transformações físicas, psicológicas e sociais, características do período (WHO, 1986 *apud* AQUINO *et al*, 2003).

Para a Sociologia, entretanto, a juventude, quando referida a uma fase da vida, pode e deve ser encarada como uma construção social (PAIS, 1990), isto é, característica de um momento histórico e de um contexto sociocultural. Para o autor, muito embora a puberdade, em si, seja um processo biológico universal, a adolescência só começou a ser encarada como fase de vida quando, na segunda metade do século XIX, os problemas e tensões a ela associados a tornaram objeto de *consciência social*. Nesta época, o envolvimento dos jovens em grupos de amigos e os comportamentos por eles adotados – identificados como parte de uma *cultura adolescente* – geraram preocupações entre educadores e reformistas (PAIS, 1990).

O prolongamento da escolaridade, a legislação sobre trabalho infantil, que incrementava a idade a que os adolescentes podiam começar a trabalhar, o próprio surgimento da família contemporânea, com o correspondente aumento da dependência dos jovens em relação às suas famílias de origem, a proliferação de casas de correção para menores e outras medidas públicas constituíram a expressão do reconhecimento social dos “problemas” da adolescência (PAIS, 1990, p. 148).

Ou seja, a noção de juventude adquiriu consistência social na medida em que o prolongamento entre a infância e a idade adulta passou a originar “*problemas sociais*”.

Para Abramo (1997), entretanto, ao considerar os jovens como “problema social” há uma maior dificuldade de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes ou sustentar uma relação dialógica com outros atores, por exemplo. Isto é, tal visão nos impediria de considera-los, efetivamente, como sujeitos.

(...) ao privilegiar o foco de nossa atenção sobre os jovens como emblemas dos problemas sociais, muitas vezes não conseguimos enxergá-los e entendê-los propriamente; e, como consequência, nos livrar de uma postura de desqualificação da sua atuação como sujeitos (ABRAMO, 1997, p. 35).

Ainda que os teóricos, ou a mídia, apontem conflitos específicos da juventude, relacionados à inserção social, uso de drogas ou delinquência, problemas na escola ou com a família, Pais (1990) propõe uma questão: sentirão os jovens estes problemas como seus? No que diz respeito às DSTs/AIDS, por exemplo, as pesquisas mais recentes apontam para uma tendência de crescimento destas doenças entre os jovens. Entretanto, dizer que as DSTs são um problema que diz respeito aos jovens não é o mesmo que dizer que esta é uma questão com a qual eles sintam, necessariamente, que precisam lidar em sua iniciação amorosa e sexual. O que nos interessa saber com esta pesquisa, indo de encontro à pergunta proposta por Pais, é, portanto, como, ou mesmo se, estes dados epidemiológicos repercutem no cotidiano dos jovens e afetam suas interações afetivo-sexuais.

Dando seguimento às conceituações de juventude, Pais (ibid.) apresenta duas das tendências entre as quais a sociologia da juventude tem oscilado. Na primeira delas, a juventude é tomada como um conjunto social cuja principal característica é a de ser constituída por indivíduos pertencentes a uma dada *fase da vida*. Dessa forma, prevalece nesta tendência a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam esse período. Tais aspectos fariam parte de uma *cultura juvenil*, específica de uma geração, definida em termos etários. Já a segunda tendência toma a juventude como um conjunto social necessariamente diversificado, no qual poderíamos encontrar diferentes culturas juvenis – distintas entre si em função de suas classes sociais, situações econômicas, interesses e ocupações, por exemplo.

Resumidamente, a juventude se apresentaria como um conjunto aparentemente homogêneo, se comparada às outras gerações e como um conjunto heterogêneo se a geração dos jovens é examinada como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros (PAIS, 1990).

Sendo assim, como poder falar da juventude como um fenômeno sociologicamente homogêneo? O interessante será justamente dar

conta das possíveis diferentes descontinuidades e rupturas que marcam a transição dos jovens – ou, melhor, de determinados grupos sociais de jovens – para a vida adulta. Para dessas possíveis descontinuidades e rupturas dar conta torna-se, no entanto, necessário olhar a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, mas também como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens; isto é, torna-se necessário passar do campo semântico da juventude que a toma como unidade para o campo semântico que a toma como diversidade. Como veremos, as principais correntes da sociologia da juventude radicam os seus mais essenciais pressupostos nestes dois campos semânticos (PAIS, 1990, p. 151).

Para fins do presente trabalho, a juventude é entendida, portanto, como uma categoria socialmente construída que abriga semelhanças, mas, sobretudo, diferenças sociais entre os jovens. Concordamos com Carrano (2003), que diz que, atualmente, os gostos, atitudes e comportamentos dos jovens se caracterizam pela multiplicidade e a ambivalência – sendo, portanto, impossível reunir diversas condições sociais de existência em diferentes contextos e caracterizar uma única cultura da juventude. Isto significa dizer que não basta limitar a compreensão dos jovens a partir de um critério etário, pois o que é ser jovem varia profunda e internamente nos distintos segmentos sociais. Entende-se que a juventude não corresponde a um grupo social homogêneo e admite-se a heterogeneidade dos processos de transição para a vida adulta e os modos particulares de aprender a exercer a sexualidade, dentre outras coisas.

À concepção de juventude como diversidade soma-se a ideia de juventude como processo; passagem/transição da infância à vida adulta, com progressiva emancipação da família de origem e da escola (HEILBORN *et al*, 2002) – que vai se dar de diferentes formas para jovens de gênero e segmentos sociais distintos, como dito anteriormente.

2.2 – JUVENTUDE, VULNERABILIDADE E O “APRENDIZADO DA SEXUALIDADE” NO ÂMBITO DA INICIAÇÃO AMOROSA E SEXUAL.

De acordo com Paiva (1996), a sexualidade adolescente talvez seja a mais difícil de ser resgatada de uma visão essencialista, concebida como “natural” e a-histórica. Durante muito tempo o “*poder dos hormônios*” foi um conceito utilizado no discurso

de sexólogos e educadores sexuais, quase sempre justificando a urgência e a relevância da ação educativa de profissionais de saúde que trabalhassem com adolescentes. A “*explosão do desejo decorrente do amadurecimento hormonal*” foi um declamado fator que agravaria o risco da gravidez indesejada e de DSTs/AIDS.

Neste trabalho, utilizaremos a noção de sexualidade que vai de encontro à expressa por autores como Bozon, Heilborn e Paiva, entre outros, considerando-a como um *processo de aprendizado e socialmente construída*. Entendendo, portanto, que a iniciação amorosa e sexual dos jovens faz parte de um processo mais amplo de transição da infância para vida adulta, característico da juventude. Os autores anteriormente citados consideram ainda que os indivíduos são socializados para a entrada na vida sexual por meio da cultura em que estão inseridos, que orienta roteiros e comportamentos considerados aceitáveis para cada grupo social:

(...) o sexo deve ser tomado como qualquer outra atividade humana, tal como a alimentação e os hábitos de higiene; uma atividade aprendida (HEILBORN, 2006, p. 45).

A educação sexual ocorre desde o nascimento e é predominantemente no território familiar, da intimidade, que são transferidas às crianças as primeiras noções e valores associados à sexualidade, ainda que isso nem sempre seja feito de maneira explícita. A transmissão destas primeiras noções e valores faz parte de um processo de socialização primária que ocorre, primordialmente, na infância. Precisamos considerar, entretanto, que embora a família seja o ambiente inicial de aprendizagem, ela não é o único *locus* de socialização. Durante a adolescência, ocorre um processo de socialização tido como secundário, no qual os jovens passam a ser influenciados por outras fontes, tais como pessoas significativas do círculo extrafamiliar, livros, produções artístico-culturais, mídia, Igreja e, ainda, a própria escola. A socialização secundária, pela fase da vida em que ocorre, bem como pelas possibilidades que traz aos jovens, tende a ser extremamente importante na iniciação amorosa e sexual.

No que diz respeito à forma com que os jovens se relacionam com as normas da cultura, um ponto importante a ser discutido trata da socialização dos jovens, ou ainda, das *sociabilidades juvenis*. De acordo com Pais (1990) quando se fala em *socialização da juventude* há uma tendência a atribuir aos jovens um papel passivo na assimilação de normas e valores. O autor discorda de tal ideia e escreve:

(...) se um dos aspectos da entrada dos jovens na vida adulta se liga a um processo de socialização – entendido este como um processo de influências sociais orientado para a integração dos jovens num sistema existente de relações e valores sociais –, também é certo este mesmo sistema se encontrar sujeito à influência dos comportamentos e atitudes juvenis (PAIS, 1990, p. 155).

Pais (1990) trabalha, então, com dois conceitos de socialização, que considera os mais relevantes. No primeiro sentido, o conceito de socialização é utilizado para analisar como, na sociedade, os ordenamentos sociais são possíveis pela transmissão de normas a um nível coletivo, macrosocial. No segundo, o conceito de socialização é utilizado em um nível microsociológico, visando entender como os indivíduos, quotidianamente, reproduzem, modificam ou criam novas normas. Retomando a questão da juventude, o autor se faz algumas perguntas. Em primeiro lugar, quer saber se os jovens compartilham os mesmo significados e, em caso afirmativo, quer saber se o fazem de forma semelhante. Além disso, interessa saber a razão por que compartilham ou não, de forma semelhante ou distinta, determinados significados.

Para responder a estas interrogações, torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais, quotidianos — porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interacções, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e acção (PAIS, 1990, p. 164).

Retomando a questão da iniciação amorosa e sexual, Heilborn (2006) escreve que as expressões e manifestações relativas à sexualidade correspondem a distintos significados, que vão de encontro aos valores vigentes em cada estrato sociocultural. Dessa forma, os atos sexuais não são necessariamente unívocos e, por esta razão, é importante que sejam compreendidos no contexto em que estão inseridos:

A socialização que o exercício da sexualidade demanda está intimamente relacionada ao modo como as relações de gênero estão organizadas em um determinado contexto. (...) Nesse processo

intervém representações sociais profundamente entranhadas no modo de conceber a sociedade, na produção de discursos e nas próprias práticas sociais. Essas diferenças são particularmente notáveis tanto entre as classes sociais como entre os gêneros, podendo ser acompanhadas pelos roteiros sexuais que os indivíduos seguem (HEILBORN, 2006, p. 46).

O estudo da sexualidade, da forma como é proposta por autores como Bozon, Heilborn, Monteiro e Paiva põe em evidência a ideia mais relevante da teoria sociológica: a relação entre sociedade e indivíduo e como são produzidos contextualmente os nexos entre esses dois pólos.

Os roteiros sexuais espelham as múltiplas e diferentes socializações que uma pessoa experimenta em sua vida: família, tipos de escolas, acesso a distintos meios de comunicação, redes de amizade e vizinhança (HEILBORN, 2006, p. 46).

Esses roteiros são especialmente relevantes na adolescência/juventude, quando se dá o início da vida sexual com parceiro e, a seguir, a passagem para a vida adulta. Interiorizados pelos sujeitos, sem que haja uma consciência permanente de sua presença, desempenham um papel extremamente relevante na maneira com que cada um vive sua biografia sexual. De acordo com Paiva, Peres e Blessa (2002), no que diz respeito às DSTs/AIDS, os jovens são sempre um grupo vulnerável em todas as sociedades do mundo globalizado e entendemos que esta maior vulnerabilidade relaciona-se, entre outros fatores, com o aprendizado destes roteiros sexuais. Como forma de melhor compreender tal vulnerabilidade, é fundamental, portanto, levar em consideração a forma com que os jovens se relacionam com sua sexualidade e, sobretudo, compreender a lógica e os códigos que regem a iniciação amorosa e sexual.

De acordo com Vilar e Gaspar (1999), a sexualidade entre jovens é vivida, em geral, no contexto das relações de namoro – entendidas como um prolongamento das *sociabilidades juvenis* pela lógica e códigos que as regem. Há ainda outras formas de relacionamento presentes na contemporaneidade, como o “ficar” e as relações casuais, por exemplo. Cada uma dessas formas de relacionamento possui regras e significados próprios que precisam ser aprendidos pelos jovens que estão iniciando suas trajetórias. No presente trabalho entendemos que a adoção, ou não, de práticas sexuais seguras e, de

forma geral, a atitude dos jovens frente aos riscos associados às DSTs/AIDS – que os tornariam mais ou menos vulneráveis a estas doenças –, são influenciadas por estes códigos de significados relacionados à iniciação amorosa e sexual.

Uma determinada concepção de sexualidade está em jogo quando se dá entrada na vida sexual e esta, por sua vez, está intimamente vinculada ao uso social do corpo – sendo este uso modelado pelas normas culturais vigentes. A forma como cada cultura considera adequado o uso do corpo, bem como as normas relativas à idade apropriada ao exercício da sexualidade e aos tipos de união conjugal, dizem respeito às ideias dominantes na sociedade, em cada momento histórico. Conclui-se, portanto, que as distintas formas de interpretar as relações sexuais afetam de formas diferentes a vivência da sexualidade em cada contexto.

Possivelmente nossa vida sexual terá tons e ritmos diferentes no decorrer dos anos, especialmente num mundo desmapeado (alguns chamariam de pós-moderno) como o nosso, onde a história individual é marcada pelo permanente desafio à transformação de nossa identidade pessoal. O sentido e a qualidade do sexo são diferentes em cada fase da vida, em cada tipo de vínculo, com diferentes parceiros (PAIVA, 1996, p. 216).

Em seu artigo *Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual*, Paiva (1996) buscou responder como as pessoas se tornam sujeitos e agentes auto reguladores da própria sexualidade e não objetos dos desejos e roteiros sexuais do outro – seja o objeto do outro-genérico que a cultura sexual e de gênero prescreve, ou o objeto da vontade do parceiro sexual. A autora procurou ainda discutir como a classe social e a escolaridade podem interferir no sistema de gênero – que ajuda a emoldurar os *scripts* e as práticas sexuais. Segundo definição da autora, o sujeito sexual é o indivíduo capaz de ser agente regulador de sua vida sexual. Isto é, indivíduos aptos a desenvolver uma relação negociada com as normas da cultura, da família e de grupo de pares, a explorar (ou não) a sexualidade independente da iniciativa do parceiro, que conseguem dizer não e ter esse direito respeitado, que são capazes de negociar práticas sexuais que sejam prazerosas para si (desde que aceitas pelo parceiro e consensuais), que conseguem negociar a prevenção e têm acesso aos meios materiais e serviços para efetuar escolhas reprodutivas, contraceptivas e de sexo seguro (PAIVA, 1996).

Entretanto, não se nasce sujeito sexual ou tampouco se inicia a vida sexual dessa forma, para se chegar a isto é preciso antes um processo de aprendizado. Paiva (1996) conclui dizendo que a capacidade e possibilidade de ser sujeito SEMPRE (grifos da autora) vai depender do contexto – estando aí considerados o tipo de vínculo e a qualidade do afeto, o momento, o parceiro e o lugar, entre outros – em qualquer um dos níveis acima citados, intelectual ou da experiência, da percepção de risco à prática sexual.

2.3 – SEXUALIDADE E GÊNERO: BARREIRAS PARA A PREVENÇÃO DAS DSTs NA JUVENTUDE.

Como foi dito anteriormente, o sistema de gênero ajuda a emoldurar os *scripts* e as práticas sexuais (PAIVA, 1996). Dessa forma, a análise da sexualidade através da perspectiva de gênero – usada para explicar as dimensões dos relacionamentos entre homens e mulheres, como se dão e o modo como são estruturadas (HEIBORN, 1999) – é um ponto de extrema relevância para a presente pesquisa.

A adoção do conceito de gênero aqui utilizado, diz respeito ao fato de que ser mulher ou homem é um dado produzido pela cultura, ou seja, implica numa dimensão relacional e influencia a forma como homens e mulheres vão estabelecer relações de sujeição e/ou subordinação. Esta lógica relaciona-se, por exemplo, a uma maior ou menor capacidade de homens e mulheres negociarem práticas de sexo mais seguro.

Vários estudos têm demonstrado que a cultura sexual na qual os jovens são socializados é um dos fatores que dificultam o trabalho de conter a epidemia de AIDS, bem como demais DSTs. “*Roteiros sexuais de gênero*” são constituintes essenciais daquilo que se define como sendo “próprio do homem” e “próprio da mulher” e contribuiriam para deixar ambos mais vulneráveis. A socialização dos rapazes brasileiros, por exemplo, ainda estimula noções de virilidade associadas à “impetuosidade”, ao desejo sexual masculino como algo “incontrolável”, à ideia de que é natural do homem “correr riscos” e de que o controle das consequências desejadas ou indesejadas do sexo é tarefa feminina (BUCHALA & PAIVA, 2002).

Para fins do presente estudo entende-se que ainda é necessário que a sociedade continue a dispender esforços no sentido de reduzir as diferenças de poder existentes entre homens e mulheres, buscando aprofundar a compreensão acerca dos atributos que caracterizam o masculino e o feminino em cada subcultura e de que maneira os indivíduos manejam tais atributos na constituição das suas relações sociais e afetivas.

Estes aspectos vão influenciar diretamente a possibilidade de homens e mulheres de fazer frente à epidemia de AIDS e se prevenir das demais DSTs.

No contexto brasileiro é possível observar a existência de uma disparidade entre as aquisições femininas no espaço público e no privado (HEILBORN, 1993). Perdas e ganhos se confundem, mantendo este segmento populacional em situação de extrema vulnerabilidade. De acordo com Villela e Barbosa (1996), a progressiva disseminação da epidemia do HIV/AIDS entre as mulheres no Brasil agravou, de modo significativo, uma situação de saúde já bastante precária, especialmente quando considerados aspectos relacionados ao exercício da sexualidade, da reprodução e a resposta dos serviços públicos de saúde. Em relação a esta maior vulnerabilidade feminina ao HIV/AIDS, Paiva et al (1998) apontam para um problema importante a ser enfrentado; as mulheres brasileiras não se percebem vulneráveis à esta doença, principalmente quando cumprem o papel que se espera delas – que é o amor monogâmico e a dedicação ao doméstico. Apesar dos autores anteriormente citados estarem se referindo especificamente ao HIV/AIDS, acreditamos que esta discussão pode ser estendida para as demais DSTs já que trata, fundamentalmente, da influência dos roteiros de gênero na vivência sexual dos indivíduos.

Dentre as diferentes possibilidades estratégicas de enfrentamento da situação desvantajosa da mulher, dá-se destaque ao aprofundamento da compreensão dos cenários objetivos e subjetivos que transformam “machos” e “fêmeas” em homens e mulheres. A perspectiva em questão é a de que esta transformação, bem como a relação que se estabelece entre homens e mulheres deriva da maneira como cada sociedade os valoriza e significa. Dialogando com esta abordagem, Heilborn (1993) propõe como elemento central do conceito de gênero sua dimensão hierárquica – definida como princípio universal de organização social. O conceito de gênero estaria situado para além da dimensão do poder e teria sua origem na própria instauração da cultura.

Interessa-nos com a presente pesquisa compreender melhor os efeitos dos roteiros sexuais de gênero na iniciação afetivo-sexual dos jovens, especialmente no que diz respeito à prevenção de DSTs/AIDS e as possibilidades de negociação do uso do preservativo.

CAPÍTULO III

Tomando como ponto de partida o que foi exposto anteriormente e entendendo que, em última instância, são valores, representações e domínios culturais institucionalizados que orientam nossas práticas quotidianas, optamos por trazer, neste capítulo, alguns dos limites e dificuldades relacionados à prevenção de DSTs/AIDS apontados pela literatura sobre o tema em questão.

Faremos ainda uma breve apresentação das formas predominantes de relacionamentos e tipos de vínculo, amorosos, afetivos e sexuais, na atualidade, por entendermos que essas informações podem contribuir para o debate acerca da adoção, ou não, de práticas sexuais seguras.

Por fim, indo de encontro à ideia de Pais (1990), de que os jovens são influenciados por um sistema existente de relações e valores sociais, mas que tal sistema também está sujeito à influência dos comportamentos e atitudes juvenis, interessa-nos compreender de que forma a maneira com que são vividos os relacionamentos amorosos na atualidade, bem como os valores que os guiam, podem influenciar a iniciação amorosa e sexual dos jovens.

3.1 – LIMITES E DIFICULDADES NA PREVENÇÃO DE DSTs/AIDS: PERCEPÇÃO DE RISCO E ADOÇÃO DE PRÁTICAS SEXUAIS SEGURAS.

Nos dois capítulos anteriores, falamos brevemente sobre a relação entre a percepção de risco e a adoção de práticas sexuais seguras. A literatura sobre este tema, que será apresentada a seguir, aponta que a percepção de risco que cada pessoa tem em relação a determinado comportamento pode variar de uma situação para outra e é influenciada por valores e práticas compartilhadas socialmente.

Atualmente, como foi colocado no primeiro capítulo, muito se fala sobre a importância do uso de preservativo em todas as relações sexuais. Entretanto, estudos como os de O’Leary e Cheney (1993) e Monteiro (2002), que serão apresentados a seguir, demonstram que informar sobre os riscos e prescrever o uso de preservativos – no caso das DSTs/AIDS, por exemplo – não são medidas suficientes para modificar comportamentos. Os dois estudos em questão problematizam, em especial, políticas de prevenção orientadas pela ênfase na transmissão de informações, na responsabilidade individual e no enfoque epidemiológico do risco, que, ao priorizarem o processo

cognitivo, a decisão individual e o controle das ações pelo sujeito, estariam deixando de lado a dimensão simbólica do processo.

Monteiro (2002), por exemplo, aponta a necessidade de reconhecermos que a lógica das práticas quotidianas não resulta, em geral, de decisões racionais individuais, mas decorre de condições materiais e simbólicas de existência. E afirma que:

(...) o conhecimento dos meios de transmissão de uma doença não é condição suficiente para gerar novas práticas, como propõe a visão preventiva calcada na divulgação de informações ‘corretas’ (MONTEIRO, 2002, p. 12).

A autora defende ainda, que comportamentos de risco não seriam decorrentes da falta de informação, “*mas de visões de mundo resultantes das experiências sociais nas quais o risco é minimizado ou super-reconhecido*” (MONTEIRO, 2002, p. 45). Tal ideia vai de encontro aos resultados de pesquisas apresentados no primeiro capítulo que apontam que os jovens possuem um alto índice de informação a respeito de DSTs/AIDS, formas de contágio e práticas de prevenção, mas que, ainda assim, declaram uso irregular do preservativo em suas relações sexuais. Em resumo, de acordo com Monteiro (2002), as percepções de risco de uma doença e a adoção de medidas preventivas não estariam, de forma alguma, limitadas ao acesso a informações ou a decisões individuais. Disto decorreria a necessidade de compreendermos as práticas de prevenção como resultado de um processo interativo e dinâmico, construído a partir da experiência social e da visão de mundo de cada sujeito.

De acordo com O’Leary e Cheney (1993), o conceito de *noção/ideia de risco* é um dos principais e mais complicados conceitos relativos à educação para a saúde. De acordo com estes autores:

(...) a noção que cada pessoa tem de seu próprio risco de contaminação por HIV, bem como de outras ameaças à vida ou à saúde, tem frequentemente muito pouco a ver com o risco real (...) mesmo pessoas que sabem tudo sobre HIV, por exemplo, e sobre a necessidade de se praticar sexo seguro, admitem que nem sempre tomam as devidas precauções (O’LEARY & CHENEY, 1993, p. 29).

Outro ponto a ser destacado diz respeito ao fato de que as informações referentes à redução dos riscos de contaminação são frequentemente utilizadas de maneira diferenciada, variando de acordo com a situação ou o tipo de relacionamento. Um exemplo citado por O’Leary e Cheney (1993) é o da mulher que trabalha como prostituta e que pode ser capaz de insistir no uso da camisinha com um cliente, mas não fazê-lo com seu companheiro. Ainda de acordo com os autores, pessoas que não usam camisinha com seus parceiros regulares podem fazê-lo num encontro casual e pessoas que insistem em fazer sexo seguro no início de uma relação podem ter dificuldade para sustentar essa decisão ao longo do tempo:

Para muitas pessoas, fazer sexo com uma pessoa que se conhece e se ama, transmite uma sensação de segurança, mas essa sensação pode ser falsa. Nem sempre os riscos percebidos coincidem com os riscos reais (O’LEARY & CHENEY, 1993, p. 30).

Monteiro (2002) em sua pesquisa com jovens em uma favela carioca chegou a algumas conclusões sobre a lógica do uso e do não uso do preservativo:

Nota-se que o (não) uso do preservativo é definido em função da percepção que se tem do parceiro(a). Tendencialmente, usa-se a camisinha nos relacionamentos ocasionais, ‘biscates’ e/ou com pessoas desconhecidas que não geram confiança. ‘Conhecer’ é saber onde mora, com quem anda, com quem saiu e qual a família. A lógica que aproxima o conhecido/familiar da noção de proteção e vincula o desconhecido/estranho a uma perspectiva ameaçadora pode ser entendida a partir da interpretação de DaMatta (1991) para a sociedade brasileira, organizada nas categorias sociológicas ‘casa’, ‘outro mundo’ e ‘rua’ (MONTEIRO, 2002, p. 101).

Na visão de DaMatta (1991 *apud* MONTEIRO, 2002), tais categorias não expressam apenas espaços físicos mensuráveis, mas, sobretudo, entidades morais, províncias éticas dotadas de positividade e domínios culturais institucionalizados, que são capazes de despertar emoções e reações. O universo da ‘casa’ vincula-se, em geral, ao lócus das relações afetivas, amorosas e da segurança em contraposição ao universo da ‘rua’, que está associado, entre outras coisas, à individualidade, à indiferença e ao

perigo. Tal ideia vai de encontro ao que escreve Heilborn (2006) sobre o uso das representações do ‘sujo’ e do ‘desconhecido’ em oposição às dimensões do ‘limpo’ e ‘conhecido’.

3.2 – SEXUALIDADE E RELACIONAMENTOS AMOROSOS NA ATUALIDADE: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS.

Entendemos, a partir de Bozon (2004), que nos comportamentos sexuais dos indivíduos, as práticas, os relacionamentos e seus significados estão enraizados no conjunto das experiências que constituem essas pessoas como seres sociais dentro dos cenários culturais da sexualidade dominantes em suas respectivas sociedades. Dessa forma, não seria possível falar de questões relacionadas à sexualidade – como é o caso da adoção, ou não, de práticas preventivas – sem contextualiza-las. Para isso, julgamos necessário apresentar, ainda que brevemente, algumas das formas predominantes de relacionamentos e tipos de vínculo, amorosos, afetivos e sexuais, da atualidade.

Particularmente, no que diz respeito às mudanças relativas à sexualidade, Bozon (2004) escreve que coexistem dois discursos contraditórios e cúmplices, ambos qualificados de “revolução sexual”. No primeiro deles, de cunho conservador – particularmente frequente em países anglo-saxões, nos quais a defesa da moral sexual e dos valores tradicionais da família serve como estandarte político e religioso – a sexualidade contemporânea foi denunciada. Para os defensores deste discurso, a “revolução sexual” levaria *ao nomadismo sexual dos indivíduos, à tirania do prazer e do desejo, à permissividade e à promiscuidade* (BOZON, 2004, p. 58). O uso dos termos permissividade e promiscuidade ilustra, nesse caso, a reprovação quanto às mudanças. No segundo discurso, entretanto, as transformações contemporâneas são interpretadas positivamente. Nele a “revolução sexual” estaria relacionada ao direito ao prazer, à liberação das minorias sexuais e à igualdade sexual entre mulheres e homens no quadro de um acesso generalizado à contracepção. De acordo com seus defensores, o período anterior à “revolução sexual” deve ser considerado um tempo de repressão, hipocrisia e tabu (BOZON, 2004).

Ainda de acordo com Bozon (ibid.), a parte essencial das transformações dos comportamentos sexuais, ocorridas após os anos 1960, decorre de mudanças que, em princípio, não dizem respeito à sexualidade – tais como a massificação da educação ou o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho – e, assim sendo, as transformações das relações sociais, na e pela sexualidade, talvez sejam menos radicais

do que se tem afirmado. Dessa forma, não seria possível falar de uma “revolução sexual”, mas sim, de mudanças de outra ordem que produzem efeitos na forma com que os indivíduos vivem sua sexualidade (BOZON, 2004). Independente de tratar as transformações que dizem respeito à sexualidade como uma “revolução sexual” ou não, acreditamos que é preciso considera-las e compreender seus efeitos.

Jurandir Freire Costa (1998; 1999), apresenta alguns aspectos da cultura contemporânea – em especial os relacionados à forma com que lidamos com nossos sentimentos e sensações – que podem contribuir para a discussão do tema em questão. De acordo com o autor, vivemos atualmente regidos por uma moral dupla; de um lado, a sedução das sensações e de outro, a saudade dos sentimentos. A noção de sensação estaria relacionada às respostas sensoriais que damos aos estímulos corporais e a noção de sentimento, por sua vez, aos hábitos afetivos criados pela prática da introspecção, da intimidade, da narração autobiográfica e dos relatos da vida emocional (COSTA, 1998). Talvez a principal consequência dessa diferenciação proposta pelo autor, seja acentuar o fato de que a satisfação sentimental tem um sentido diverso da satisfação das sensações. De modo geral, aprendemos a reconhecer sensações – que são reguladas pelo trinômio dor, prazer, desprazer –, com a ajuda de indicadores corporais, localizáveis ou não em órgãos específicos. Os sentimentos, ao contrário, dispensariam o referente da imagem corporal para serem reconhecidos e sua aceitação ou rejeição seria independente da dor, prazer e desprazer (ibid.).

Para Costa (1999) a cultura das sensações atual prescreve que o indivíduo é mais autêntico e mais realizado como pessoa quanto menos sofrer. E o mesmo valeria para as sensações psíquicas, que devem, portanto, cumprir o mesmo modelo das sensações físicas agradáveis. Haveria, na contemporaneidade, a busca constante por uma espécie de autarquia, de uma autonomia, vivida no sentido de alcançar sensações prazerosas, tentando, sempre que possível, evitar o desprazer (COSTA, 1998). De acordo com o autor, um dos efeitos da cultura narcísica em que vivemos – e que afeta diretamente a forma com que nos relacionamos com os outros –, é que *“aprendemos a “querer tudo” porque nos julgamos uma totalidade que não pode apresentar fraturas, dessa forma, o outro só é desejado se enriquece nosso ser. Se, ao contrário, nos pede sacrifícios, é rejeitado”* (ibid. pg.133).

Ao mesmo tempo em que fala sobre esta busca constante pelas sensações, o autor faz referência a uma saudade dos sentimentos. De acordo com Jurandir, o sentimento do amor, tem um valor de crítica em relação à civilização das sensações.

Reconhecer seu valor, entretanto, não implica em dizer que ele deva permanecer o mesmo. Para o autor, o ideal do amor no qual nos fixamos, herdado do romantismo e embalado por “adiamentos, renúncias, devaneios, esperanças no futuro e doces momentos do passado”, tornou-se contraditório com nossa “paixão pelo efêmero” (COSTA, 1998). Entendemos que, por este motivo, é importante que ele figure na pauta das discussões relacionadas à sexualidade.

Ainda em relação ao cenário atual, Costa (1998) aponta duas tendências opostas. O autor diz que aprendemos a sentir atração sexual por pessoas que pouco conhecemos, ou que encontramos pela primeira vez, e ainda que parcerias sexuais renováveis são facilmente concebíveis e praticáveis. Entretanto, aprendemos também que a forma de vida responsável pela gramática amorosa ou pelo aprendizado do amor em nossa cultura é mais rigorosa em suas exigências e que o amor só acontece “raramente e com pessoas especiais”:

O “amor” em sua forma apaixonada, ou, resumindo de uma vez por todas, o “amor-paixão romântico”, é culturalmente definido, percebido, sentido e discutido como um “evento raro” e que, por conseguinte, tem um enorme valor cultural. (COSTA, 1998, pg. 34).

Percebemos com isso que coexistem duas tendências em oposição, de um lado as sensações, ligadas à atração sexual e a possibilidade de parcerias renováveis e de outro os sentimentos, ligados às exigências relativas ao aprendizado do amor. E aqui um ponto chama atenção. De acordo com Costa (1998), movimentos feitos em direção às sensações são “facilmente concebíveis e praticáveis”, indicando que são aceitos socialmente, mas os sentimentos, em especial os associados ao amor romântico, permanecem como o ideal a ser atingido, por seu “enorme valor cultural”. Além disso, como foi dito anteriormente, o amor romântico – que tem como principais características a idealização de um sentimento pessoal apresentado como pleno e superior em intensidade e gozo a qualquer outra experiência emocional do indivíduo; a desqualificação moral do exercício puramente físico da sexualidade e a exigência de uma sexualidade livre, mas ao mesmo tempo, submissa ao amor – segue como um ideal que pode ser utilizado pelos indivíduos como forma de fazer frente à cultura das sensações. Na ideologia romântica, é justamente o amor que protege o sujeito dos “*instintos vis*” e da depravação do mundo (COSTA, 1998).

Sobre as formas de relacionamento contemporâneas e os valores que as orientam Bauman (2004) escreve que a forma predominante de convívio atualmente segue o modelo do “relacionamento puro”, descrito por Giddens (1993) como uma situação na qual se entra em uma relação social apenas pela própria relação. O que estaria em jogo nos relacionamentos deste tipo é o que pode ser extraído, por cada pessoa, da manutenção de uma associação com outra. Relacionamentos puros, portanto, só continuariam existindo enquanto ambas as partes pudessem *extrair dele satisfações suficientes para nele permanecerem* (GIDDENS, 1993, p. 68).

Bauman (2004) alerta que, na atualidade, quando se entra em um relacionamento, é preciso levar em conta que as promessas de compromisso são “*irrelevantes a longo prazo*”. Esta ideia, de que promessas de compromisso não serão necessariamente mantidas por um longo período, pertence à Adrienne Burgess, autora de *Will You Still Love Me Tomorrow* (2002 *apud* BAUMAN, 2004, p. 28). De acordo com a autora, o compromisso seria uma consequência aleatória de outras coisas como “*(...) nosso grau de satisfação com o relacionamento; se nós vemos uma alternativa viável para ele; e se levá-lo adiante nos causaria uma perda importante em matéria de investimentos (tempo, dinheiro, propriedades em comum, filhos)*”. Esta seria outra característica dos relacionamentos contemporâneos que vai de encontro ao modelo de relacionamento puro descrito por Giddens; eles podem ser terminados, mais ou menos à vontade, por qualquer um dos parceiros, em qualquer momento particular, quando deixam de ser satisfatórios para ambas as partes (Giddens, 1993).

De acordo com Bauman (2004), no líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos podem ser percebidos como uma forma de cercear liberdades individuais e fechar as portas para novas possibilidades de obter prazer. Sendo a liberdade individual um valor tão caro à nossa sociedade, este seria um grande sacrifício. Sobre a importância de conservar as liberdades individuais, escreve Bauman (2004): “*Não se deixe apanhar. (...) Lembre-se de que, quanto mais profundas e densas suas ligações, compromissos e engajamentos, maiores os seus riscos*” (ibid., p. 78) – sendo os riscos, nesse caso, relacionados à perda de liberdade para seguir explorando as possibilidades de sensações passíveis de serem experimentadas.

Tendo a liberdade individual um valor tão importante, o que estaria em jogo para os indivíduos que optaram por abrir mão dela (ainda que por tempo indeterminado)? O que estariam buscando receber em troca de suas parcerias? E, mais que isso, qual seria a

importância dada aos relacionamentos íntimos em uma sociedade de indivíduos-por-decreto, como a nossa?

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam – embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos na ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial. (BAUMAN, 2004, p. 8-9)

De acordo com Bauman (2004), o “lucro” esperado de uma relação é, em primeiro lugar e acima de tudo, a segurança, em diversos sentidos:

(...) a proximidade da mão amiga quando você mais precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, o apoio para sair de uma dificuldade, o consolo na derrota e o aplauso na vitória (BAUMAN, 2004, p. 29).

Isto porque, para o autor, a flexibilização e flutuação das regras e normas que tornam os indivíduos livres para movimentar-se, em alta velocidade, pelo cenário contemporâneo podem também tornar-se cansativas, quando a desagradável incerteza e a irritante confusão, supostamente escoraçadas pela velocidade, recusam-se a sair de cena (BAUMAN, 2004). Talvez possamos fazer aqui uma analogia deste cenário com o de alguns brinquedos de parque diversões; a alta velocidade, que num primeiro momento é encarada como uma sensação intensa e agradável pode produzir efeitos negativos, como confusão ou desorientação, se experimentada repetidas vezes ou de forma ininterrupta.

Por fim, de acordo com Bauman (2004), diante da incerteza produzida pela flutuação das regras, as conexões do sexo com o amor, a segurança e a permanência deixariam de parecer tão inúteis e constrangedoras como se imaginava, se sentia e se acusava. Esta ideia vai de encontro à apresentada por Costa (1998) sobre como ideais

associados ao amor romântico parecem oferecer aos indivíduos uma espécie de proteção em relação às exigências contemporâneas.

Buscando retomar e organizar algumas das questões levantadas anteriormente por Bozon (2004), Costa (1998; 1999), Bauman (2004) e Giddens (1993), sobre características da sociedade contemporânea que parecem intervir na forma com que são vividos os relacionamentos, faremos referência ao trabalho apresentado por Chaves (2010). Ao considerar as noções e práticas amorosas como expressões de um contexto histórico específico, a autora optou por selecionar três características do nosso tempo que teriam uma relação mais direta com a forma com que o campo amoroso é percebido. A primeira destas características diz respeito à nova forma de capitalismo, que teve início no final da década de 1960, e teria três consequências principais: a) a desregulamentação, flexibilização e flutuação das regras e normas, que passam a ser orientadas em função do mercado; b) a responsabilização imposta ao indivíduo pelo seu próprio bem-estar, bem como a ênfase dada à realização e supremacia dos interesses individuais e, por fim, c) a facilitação da construção de relações humanas essencialmente utilitaristas nas quais o outro é colocado no lugar de um instrumento ou meio de acesso a autossatisfação. As influências dessa nova forma de capitalismo podem ser percebidas, por exemplo, quando Bauman (2004) e Giddens (1993) escrevem que o que está em jogo nos relacionamentos atuais é o que pode ser extraídos deles e o que garante a manutenção dos vínculos é que os “lucros” sejam maiores que os “investimentos”.

O segundo aspecto da cultura contemporânea, assinalado por Chaves (2010), trata da ênfase dada ao aqui e agora, que faria o longo prazo perder significância e contribuiria para que os compromissos duradouros fossem vistos como aprisionamentos. Tal aspecto se relaciona tanto à cultura das sensações apresentada por Costa (1998), na qual há uma busca constante por sensações prazerosas, como ao líquido cenário da vida moderna apresentado por Bauman (2004), no qual relacionamentos são percebidos como algo que impede a movimentação dos indivíduos e todas as possibilidades que ela oferece.

O terceiro e último aspecto apresentado por Chaves (2010) em relação à cultura contemporânea complementa os anteriores. Ele diz respeito ao sentido e ao valor dados à liberdade individual em nossa sociedade. De acordo com a autora, a concepção de liberdade individual valorizada na cultura ocidental contemporânea está relacionada a duas proposições:

(...) uma, viver como bem quiser e ser livre para se movimentar, e a outra, ter opções e ser livre para escolher. Essa concepção de liberdade rechaça qualquer forma de coerção ou de constrangimento vindos de um outro ou de si próprio (CHAVES, 2010, p. 33).

De acordo com Lipovetsky (2007), apesar das mudanças que vem ocorrendo, tanto nos relacionamentos como nas práticas sexuais, emoções e sentimentos seguem ocupando um papel central. Esta ideia vai de encontro à apresentada por Costa (1998). Para Lipovetsky (ibid.), existem, sim, mudanças importantes nas práticas atuais; a vida sexual começa mais cedo, os tabus são mais frágeis e quase mais nada é proibido. No entanto, os costumes sexuais hipermodernos seriam tudo, salvo desenfreados. Isto porque *“o real social não é feito à margem da cena midiática hipersexual que se desencadeia sob os nossos olhos”* (LIPOVETSKY, 2007, pg. 244). De acordo com o autor, as imagens e os discursos do sexo-máquina tornaram-se avassaladores na atualidade, mas isso não significa, de maneira alguma, que as mitologias do coração estejam esgotadas. A ordem cultural, por exemplo, segue valorizando os laços emocionais e sentimentais, bem como a troca íntima entre os parceiros:

A relação sentimental não é valorizada apenas porque a identificamos a uma vida rica em emoções e sentido, mas também porque permite realizar uma das aspirações mais profundas dos seres: ser reconhecido como uma subjetividade insubstituível. (...) Em vigor tanto entre os homens como entre as mulheres essa expectativa ganha um destaque mais acentuado entre elas, que fazem muita questão de não parecer objetos sexuais intercambiáveis. (LIPOVETSKY, 2007, pg. 247)

Uma consequência da valorização das emoções e sentimentos seria, para Lipovetsky (2007), que mesmo entre os adolescentes, as relações íntimas não podem escapar a uma referência, ainda que leve, aos sentimentos e ao amor para velar a nudez da pulsão. De acordo com Motta (2011), esta necessidade de atrelar o sexo ao amor seria predominante entre as meninas e estaria relacionada aos roteiros sexuais de gênero, bastante desiguais, presentes em nossa sociedade.

É justamente sobre o impacto destes valores compartilhados socialmente, que normatizam e regulam os relacionamentos amorosos na atualidade, e seus efeitos na iniciação amorosa e sexual dos jovens que trataremos a seguir.

3.3 – INICIAÇÃO AMOROSA E SEXUAL DOS JOVENS E ADOÇÃO DE PRÁTICAS SEXUAIS SEGURAS: ENTRE O AMOR ROMÂNTICO E O “SEXO PURO”.

No que diz respeito às questões relativas à sexualidade, Alves e Brandão (2009) apontam que ainda existem barreiras culturais que dificultam uma abertura maior da sociedade para que este tema seja abordado de maneira menos preconceituosa. Dessa forma, a iniciação sexual dos jovens seria ainda um processo repleto de silêncios e reprovações morais. Se por um lado, de acordo com Bauman (2004), os jovens que estão nascendo, crescendo e amadurecendo nesta virada do século XX para o XXI, podem achar familiar, ou até mesmo evidente, a descrição de Giddens sobre o “relacionamento puro”, por outro, convivem ainda com ideais de amor e sexo que se apoiam em pares como “Romeu e Julieta” (MOTTA, 2011).

Para Motta (2011), geração após geração, os jovens de cada época são seduzidos por narrativas, como a saga Crepúsculo¹, que baseadas em valores românticos tradicionais têm como ingredientes principais: heroísmo, renúncia, sacrifícios, missões impossíveis, erotizações sutis e saltos de cabeça no perigo e na paixão.

De acordo com o autor, vivemos em uma sociedade em que o corpo está exposto, há muita visibilidade genital e a pornografia faz parte do cotidiano, mas, ao mesmo tempo, as hesitações morais polarizam-se e observamos pessoas radicalizando os dois extremos. De um lado, teríamos o resgate de antigos pudores e de outro, os abusos de inconveniência e grosserias vulgares. Estas duas tendências poderiam ser observadas nos jovens que esboçam seus primeiros contatos com a sexualidade.

Tivemos ao final da primeira década do terceiro milênio, acessórios que definiam as ideologias morais dos adolescentes: do lado liberal, as polêmicas pulseiras coloridas² que as meninas usavam sugerindo o nível de intimidade no hábito do “ficar”; do lado conservador, anel de compromisso³ do jovem que promete virgindade até o casamento (MOTTA, 2011, p. 106).

¹ A saga Crepúsculo, escrita por Stephenie S. Meyer, explora o romance entre a humana Bella e o vampiro Edward, assim como o triângulo amoroso entre Bella, Edward e Jacob Black, um lobisomem.

² Originárias da Inglaterra em 2003 e rapidamente difundidas mundialmente, as pulseiras logo vieram a representar um código sexual. No jogo erótico chamado “*Snap*” as garotas usavam os acessórios, cada cor anunciava um grau de intimidade, e se o menino quebrasse determinada pulseira da menina ele passaria a ter direito ao que a cor subentendesse.

³ Anéis de compromisso, também conhecidos como Anéis de castidade, são utilizados por jovens que fazem a promessa de se manter abstinentes até o casamento.

Quando observamos a atividade sexual dos adolescentes de hoje, percebemos que embora o repertório de práticas e a possibilidade de experimentações sejam maiores, os valores que orientam a iniciação amorosa e sexual permanecem semelhantes aos das gerações anteriores, bastante influenciados pelos ideais do amor romântico. De acordo com Giddens (1993), por exemplo, a distinção da garota decente/garota vadia ainda se aplica em certo grau, assim como a ética da conquista masculina.

Isto aconteceria, de acordo com Motta (2011), porque “*as gerações vão repetindo as ordens naturais e os arranjos culturais, nem sempre dispostas a reestudar os abonos da genética e repensar os registros da memória*” (MOTTA, 2011, p. 53). Ainda de acordo com o autor, o prazer erótico, mesmo sendo consensual, adulto e seguro, ainda padeceria de um ranço de identificação com o mal, por conta de tradições moralistas que impregnaram de preconceitos todos os conteúdos das relações amorosas.

Não podemos, portanto, deixar de pensar nos efeitos que produzem estes valores na adoção, ou não, de práticas sexuais seguras entre os jovens. A noção de que o sexo com amor é seguro, por exemplo, e de que, por esta razão, pode dispensar o uso de preservativo, pode ser relacionada a duas características comumente associadas ao amor romântico, sendo a primeira delas a de que se uma pessoa ama, ela jamais prejudicará o outro. A segunda delas, apresentada por Illouz (2011), se refere à espontaneidade vinculada ao amor romântico. Para a autora, de acordo com a tradição romântica, “*o amor irrompe, justamente, a despeito do cogito consciente dos protagonistas*” (ILLOUZ, 2011, pg. 145).

Um exemplo, citado por Motta (2011), demonstra bem como determinados valores tradicionais permanecem fortes em nossa sociedade e, mais que isso, como estão relacionado às práticas de prevenção. Em 2004, ocorreu a 15ª Conferência Internacional de AIDS, em Bangcoc (Tailândia). Nessa ocasião, o presidente de Uganda, Yoweri Museveni, afirmou que a abstinência sexual (e não o preservativo) era a melhor maneira de impedir a disseminação da AIDS. Em suas palavras, os preservativos seriam um imprevisto e não uma solução. A solução, por sua vez, de acordo com Museveni, seriam os “*relacionamentos ideais, baseados em amor e confiança, em vez da desconfiança institucionalizada que o preservativo representa*” (MOTTA, 2011, p. 142). Independente de concordarmos ou não com tal afirmação, e diante do que foi exposto anteriormente é possível compreender a lógica que a orientou.

Motta (2011), por sua vez, defende que a utilização do preservativo deve ser encarada, rigorosamente, como uma prova de amor. Para o autor, desejos e

comportamentos conscientes, assumidos e sinceros, seriam mais saudáveis e construtivos, porque não enganam, não iludem e podem ser assumidos com maior liberdade.

Entretanto, nos parece que, em oposição a esta ideia há outra, similar à apresentada pelo presidente de Uganda, na qual segurança e proteção só poderiam ser alcançadas através de relacionamentos baseados em amor e confiança. Tais ideias coexistem e afetam as práticas preventivas adotadas, ou não pelos jovens. Resta-nos saber em que medida.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA.

4.1 – ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO E UNIVERSO DA PESQUISA.

As estratégias de investigação da presente pesquisa foram orientadas pela metodologia qualitativa, que se caracteriza por permitir a compreensão dos fenômenos sociais a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos. Esta escolha se deu por entendermos que este tipo de estudo permite acessar um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes compartilhados socialmente (MINAYO, 2004), foco desta investigação com jovens.

Concordamos com Parker (2000) quando o autor coloca que, ao refletirmos sobre as questões complexas que estão envolvidas na prevenção de DSTs/AIDS, mais importante do que descobrir a frequência de um dado comportamento (como a utilização, ou não, do preservativo) é compreender os significados subjetivos e intersubjetivos a ele associados. Isto é, significados psicológicos, sociais e culturais associados a determinados comportamentos são mais relevantes do que sua frequência:

A construção social do tesão e do desejo sexual, as maneiras pelas quais as identidades sexuais são formadas e transformadas, as relações de poder e de dominação que podem moldar e estruturar as interações sexuais, e as redes sociais/sexuais que canalizam e condicionam a seleção de potenciais parceiros sexuais, todos esses itens são valiosos e devem ser levados em consideração no desenvolvimento de estratégias mais eficazes para a prevenção da AIDS (PARKER, 2000, p. 21).

Ainda de acordo com Parker (2000), apesar de terem sido realizadas muitas pesquisas sobre comportamento sexual nos últimos anos, a produção de resultados concretos que contribuíssem para uma resposta mais eficaz tanto ao HIV/AIDS como às outras preocupações correlatas com relação à saúde, tem sido limitada. Nesse sentido, acreditamos que os modelos de pesquisa etnográficos, preocupados com as particularidades sociais e culturais da experiência sexual, podem propiciar maiores esclarecimentos sobre a iniciação amorosa e sexual dos jovens. Mais especificamente, nos interessa saber como se estruturam as possibilidades de interação sexual entre os

jovens; “*com quem se pode fazer sexo, de que maneiras, em que circunstâncias*” (PARKER, 2000, pg. 37) e quais são as regras e códigos que regem suas práticas.

Entendemos que para aprofundar a discussão a respeito da adoção de práticas sexuais seguras entre os jovens, é preciso compreender também o significado e a importância dos afetos no campo da sexualidade. Isto porque, com base no que foi exposto nos capítulos anteriores, os afetos envolvidos nas relações amorosas parecem condicionar e influenciar as estratégias de prevenção adotadas, ou não, pelos jovens em suas trajetórias afetivo e sexuais.

O universo desta pesquisa foi constituído por jovens universitários, de ambos os sexos, pertencentes às camadas médias e moradores do Rio de Janeiro. A escolha de jovens universitários, com idades entre 19 e 26 anos, se deu por entendermos que este grupo possui as informações básicas a respeito das práticas sexuais seguras ou, ao menos, acesso privilegiado a tais informações. Interessava-nos perceber como o maior acesso à informação se refletiria, ou não, em uma maior adoção de práticas sexuais seguras - relação esta já trabalhada em estudos anteriores (Paiva, 1996; Monteiro, 2002; Pesquisa GRAVAD).

O recorte etário, por sua vez, se justifica pelos dados apresentados anteriormente, que consideram esta faixa etária como a que está mais vulnerável às DSTs/AIDS – o que é evidenciado pela tendência de crescimento no número de casos destas doenças entre os jovens (MS, 2011) bem como pela redução nos índices de uso do preservativo nas relações sexuais, independente do tipo de parceria (PCAP, 2008). Embora as primeiras experimentações e relacionamentos, amorosos e sexuais, ocorram um pouco mais cedo, por volta dos 14 anos, entendemos que entre 18 e 25 anos os jovens permanecem ainda no início de suas trajetórias afetivo-sexuais e, portanto, estão aprendendo a lidar com as normas e códigos que regem os relacionamentos. Acreditamos ainda que o fato de poderem se referir à suas primeiras experiências e compara-las às experiências atuais torna o estudo mais rico.

Como a pesquisa buscou entender como se dão e como são significados os relacionamentos entre jovens na atualidade, optamos por realizar um trabalho de campo que permitisse acessar os jovens em suas redes de sociabilidade, retratando um pouco de seu cotidiano e a forma com que interagem entre si. Inicialmente, escolhemos trabalhar em dois locais (um bar e um conjunto de bares), localizados no entorno da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no Campus da Praia Vermelha e, por esta razão, muito frequentados por jovens universitários, cuja descrição mais detalhada

será apresentada a seguir. Um mapa com a localização do Campus e dos locais em que foi realizada a pesquisa encontra-se no ANEXO I (página, 112).

Os dois locais escolhidos, bem como a UFRJ encontram-se na Zona Sul⁴ do Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo. A escolha destes locais se deu por inúmeros motivos: o primeiro e talvez o mais importante sendo o fato de haver neles uma rede de jovens com o perfil descrito acima. Na presente pesquisa entendemos as redes como unidades sociais com as quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato. Dessa forma, a rede presume certa homogeneidade, no sentido de que os jovens que dela fazem parte compartilham entre si determinados valores. Entretanto, embora haja entre os jovens frequentadores dos bares estudados certa homogeneidade e semelhanças, há também entre eles algumas diferenças; os locais estudados são frequentados por jovens de diferentes cursos, moradores de diferentes bairros da cidade e pertencentes a diversas “tribos urbanas”. Isto é, a semelhança que os une é o fato de serem jovens e universitários, mas isso não impede que possuam uma diversidade de gostos, interesses e comportamentos – o que permitiu, até certo ponto, ampliar e diversificar o universo da pesquisa.

4.2 – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.

A observação participante, ou ativa, é considerada como parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa (MINAYO, 2010). Ela é descrita como um método no qual o pesquisador participa ativamente na vida do grupo ou situação (VASCONCELOS, 2002) e foi utilizada nesta pesquisa por permitir o acesso a dados de domínio mais privado e a captação de sutilezas e aspectos subjetivos dos indivíduos e grupos.

Optamos ainda por realizar uma observação sistemática, de ênfase qualitativa e com base no modelo etnográfico, dando especial atenção à dimensão cultural, social, psicológica e simbólica dos fenômenos (ibid.).

FASE I: EXPLORANDO OS BARES E SUAS DINÂMICAS.

Nos meses de junho e julho de 2011 foi realizada a fase exploratória da pesquisa. Durante esse período foram realizadas duas ou três idas semanais a campo, com o

⁴ A Zona Sul é a região mais nobre e mais rica da cidade. Ela é composta por bairros que se localizam na orla atlântica (São Conrado, Leblon, Ipanema, Copacabana e Leme), que se situam na orla da Baía de Guanabara (Botafogo, Flamengo, Urca e Glória) e bairros interiores (Lagoa, Jardim Botânico, Gávea, Laranjeiras, Cosme Velho, Catete e Humaitá).

objetivo de observar e melhor caracterizar o curso das interações dos jovens em seu cotidiano, isto é, como se comportavam e se relacionavam em suas redes de sociabilidade. Nesse período o objetivo principal da pesquisa era observar o campo e compreendê-lo em detalhes o que foi fundamental para que eu pudesse perceber ou mesmo estranhar comportamentos que até então passariam despercebidos, por se tratarem de práticas comuns àquele grupo do qual fiz parte durante a graduação.

A dinâmica das observações se deu da seguinte forma. Ia aos locais escolhidos, em geral, acompanhada de dois ou três amigos que sabiam que eu estava fazendo a pesquisa. Enquanto nós conversávamos sobre os mais variados assuntos eu também observava o local e fazia anotações. Essas anotações dizem respeito aos aspectos físicos do local e também aos seus frequentadores, aos dias e horários de maior movimento e a dinâmica de circulação dos jovens e sua relação com os funcionários dos bares, entre outros detalhes que serão descritos a seguir. Cabe ressaltar que durante o mês de junho, os dias de observação foram divididos entre *Mosca* (bar) e Baixo Botafogo (que reúne vários bares, além de cinemas e uma livraria), mas em julho, com o início do período de férias na universidade e, conseqüentemente, com a queda na frequência de estudantes no *Mosca*, as observações concentraram-se no *Baixo*.

As observações tiveram duração média de duas horas cada e as informações e impressões colhidas durante esse período fazem parte do diário de campo da pesquisa e foram importantes na definição dos passos seguintes da investigação. O registro foi feito no campo de observação, pontualmente, e sempre que necessário foi complementado na sequência.

A seguir apresento a descrição dos locais observados:

“Mosca” ou “Bigode” – Assim é conhecido este bar, que por sua proximidade com a universidade (UFRJ) é muito frequentado por estudantes, além de funcionários do Rio Sul (lojas e torre) e moradores das proximidades, em especial as quintas e sextas, a partir das 18 horas – dias nos quais ocorreram as observações. O bar é pequeno e pode ser descrito como um “*pé sujo*”; a faixa etária dos frequentadores varia bastante, graças à diversidade do público descrita acima. O ambiente conta com sete mesas em seu interior, que comportam quatro ou cinco pessoas cada, além de outras quatro mesas que ficam dispostas na área externa, cobertas por uma marquise. A lateral do espaço do bar é cercada por uma mureta, que em dias de maior movimento também é ocupada pelos frequentadores. Não é incomum que seus frequentadores fiquem de pé, em pequenos ou

grandes grupos, bebendo e conversando ao longo da extensão da mureta. Grande parte dos clientes do bar conhece os funcionários pelo nome, o que é um indicativo de que frequentam o bar regularmente e, além disso, que priorizam esse tipo de trato “íntimo”. Os jovens ocupam preferencialmente as mesas que ficam na área externa ou mesmo a mureta, locais em que é possível acomodar grupos maiores e onde é permitido fumar. De acordo com os garçons do local, há uma clientela “fixa”, que frequenta o local com frequência semanal, o que os leva a conhecer alguns dos clientes pelo nome. Por se tratar de um local próximo da universidade é bastante comum entre os frequentadores, em especial os estudantes, que cheguem ao bar com determinado grupo de pessoas e ali encontrem outros conhecidos. Foi possível observar, ainda, que alguns jovens passavam sozinhos pelo local, provavelmente após sair da universidade. Nesse caso, permaneciam no bar quando encontravam pessoas conhecidas ou seguiam para onde estavam indo caso não encontrassem ninguém.

“Baixo Botafogo” – Assim ficou popularmente conhecido entre seus frequentadores o quarteirão da Rua Voluntários da Pátria entre a estação de metrô e a Praia de Botafogo. Este espaço, que passou a ser mais frequentado por jovens a partir de 2007 e 2008, conta hoje com aproximadamente dez bares e restaurantes⁵ (número que varia com alguma frequência), além de dois cinemas importantes e uma grande livraria. Os bares possuem características variadas, alguns estão abertos há pouco mais de dois anos e há outros que existem no local há mais de 15 anos. Em geral, os bares mais antigos são menores, não contam com mais de três funcionários por turno e servem cerveja de garrafa. Os bares mais novos possuem uma área maior, oferecem mais conforto para seus frequentadores e servem chope. Os jovens se concentram nos bares menores e mais antigos, que oferecem cerveja de garrafa (mais barata). O “Baixo Botafogo” reúne, atualmente, um público bastante diverso ao longo de toda a semana após as 19 horas – quando o comércio local fecha cedendo lugar na calçada embaixo das marquises às mesas dos bares. O espaço costuma ficar especialmente cheio nas noites de quinta, sexta e sábado, dias em que é comum verificar um grande número de pessoas em pé esperando por mesas. A faixa etária do público habitual do *Baixo* é bastante variada, entretanto, o intervalo entre 18-35 anos parece ser o mais adequado para retratá-lo. Podemos observar ainda, sobretudo entre o público que frequenta o local em grupos, a

⁵ Tais como “Café e Bar Sassarue”, “Boteco Altas Horas”, “Botequim Imperial”, “Odorico”, “Pizzaria Panochelli”, entre outros.

presença de diversas “tribos urbanas”, com influências muito distintas. Dentre os frequentadores mais jovens, é relativamente comum observar grupos com referências estéticas alternativas – como jovens com cortes e cores inusitados nos cabelos, *piercings* e tatuagens, além de vestimentas e acessórios fora dos padrões da moda atual. A diversidade de estilos é uma das características mais marcantes do local que pode ser considerado como “*neutro*” – na definição de um dos frequentadores – por acolher diversas tribos, mas não ser exclusivo de nenhuma delas. De acordo com ele: “*Tem de tudo por aqui, da galera mais ‘normal’ aos grunges e góticos, todo mundo reunido pela cerveja barata*” (Lucas, 23).

Nos dias de maior movimento, é comum que a maioria dos estabelecimentos fique aberta até às 3 horas da manhã ou mais. “*Quem sabe eu te encontro, de noite no baixo*”, trecho da música Lua e Estrela, cantada por Caetano Veloso, retrata alguns dos encontros que acontecem por ali – embora ela tenha sido gravada em 1981 e faça referência ao Baixo Leblon. Os encontros ao acaso, descritos na música, acontecem com frequência e embora a maior parte das pessoas combine de se encontrar com determinado amigo ou grupo de amigos, não é raro que acabem *esbarrando* com outros conhecidos por ali. Nem todas as pessoas que chegam ao Baixo Botafogo se dirigem a um bar específico; é comum que os jovens só escolham aonde vão ficar após “*darem uma conferida no clima*” de cada um dos lugares. Pode acontecer ainda de marcarem inicialmente em determinado lugar e acabarem em outro, que tenha lugares disponíveis, por exemplo.

DA DINÂMICA DOS BARES OBSERVADOS:

Em ambos os locais observados pude perceber que, na maioria das vezes os jovens chegam aos bares acompanhados – seja por um amigo(a) ou namorado(a), ou mesmo um pequeno grupo de amigos. Em geral os jovens que chegam sozinhos ao bar se dirigem a mesas em que se encontram seus amigos. É comum ainda que duas pessoas ou um grupo pequeno de amigos se reúnam a outro grupo já formado, no qual estejam presentes um ou mais conhecidos.

Os tipos de interação observados variam bastante, mas de uma forma geral, nos grandes grupos a conversa gira em torno de assuntos menos particulares ou íntimos, temas que podem ser compartilhados por todos, como faculdade, estudos, trabalho, viagens, filmes, futebol, política, entre outros. Em grandes grupos, ainda que se fale sobre relacionamentos afetivos ou sexo, por exemplo, isso se dá de forma mais

generalizada e na maioria das vezes em tom de brincadeira. Assuntos pertencentes a uma esfera mais privada, como relacionamentos afetivos, são, na maior parte das vezes, discutidos em grupos menores, entre amigos íntimos e pessoas de confiança. Foi possível observar ainda que o tema da conversa muda com a chegada ou saída de determinada pessoa de uma mesa. Um grupo de amigos, por exemplo, em que um dos rapazes se queixava de problemas com a namorada passou a falar sobre os planos que estava fazendo para a viagem do grupo na semana seguinte tão logo a namorada do amigo se juntou a eles na mesa. Em outro exemplo, um casal de namorados que estava discutindo encerrou a discussão quando um grupo de três amigos se juntou a eles na mesa.

FASE II: CONVERSAS DE MESA DE BAR: A INSERÇÃO NA REDE.

Em meados de julho, encerrando a primeira fase da pesquisa, teve início o trabalho de buscar jovens que estivessem dispostos a ser entrevistados para a pesquisa. Inicialmente, havia pensado em abordar os jovens observados no *Mosca* ou no *Baixo* e, caso concordassem, entrevista-los nesses mesmos locais. Esta ideia foi descartada tão logo percebi que esta forma de aproximação poderia constrangê-los de alguma forma, tornando as entrevistas pouco produtivas. Minha observação prévia dos jovens nos bares mostrou que seria necessário que eu fosse apresentada aos sujeitos da pesquisa por pessoas de sua confiança e que os conhecesse, ainda que superficialmente, na tentativa de deixar a entrevista o mais próxima possível de uma conversa informal, como as que eu escutei nas mesas de bar – nas quais os jovens falavam de forma aberta sobre seus projetos, problemas, relacionamentos e dúvidas em relação a eles, dentre outros assuntos. Esta forma de entrada no campo se assemelha a descrita por Minayo (2010), na qual uma pessoa de confiança do entrevistado é responsável por fazer a mediação entre ele e o pesquisador.

O objetivo nesse momento da pesquisa era, portanto, encontrar o formato de entrevista que melhor reproduzisse o “clima” encontrado nessas redes de sociabilidade. Outro problema que se colocou para a realização das entrevistas nos bares foi a questão da captação de áudio. No início de julho, em um dos dias de observação, fiz um teste com o gravador, deixando-o ligado em cima da mesa, enquanto conversava com os amigos com os quais estava sentada. O áudio captado ficou inaudível, reforçando assim a necessidade de pensar em outros ambientes nos quais as entrevistas pudessem ser realizadas e gravadas sem maiores problemas.

Esse segundo momento das idas a campo, se caracterizou por uma maior interação com o grupo observado. Ao invés de ir acompanhada aos locais adotei outra estratégia optei por passar sozinha pelo Baixo, escolhendo os dias e horários de maior movimento na tentativa de encontrar pessoas conhecidas. Sempre que encontrava conhecidos parava para conversar com eles e, caso não encontrasse ninguém, tentava novamente em outro dia ou outro momento. Aos poucos e através de jovens que já conhecia, fui sendo apresentada a amigos e colegas de faculdade e, dessa forma, uma possível rede de entrevistados se configurou. Essa inserção na rede foi bastante informal e não seguiu nenhum tipo de roteiro determinado previamente. A interação com cada grupo ou mesmo com pessoas diferentes dentro de um mesmo grupo variou bastante. De forma geral, participei das conversas que iam surgindo, cujos temas variavam bastante – últimos lançamentos do cinema, shows, planos para viagens, campeonatos de futebol, relacionamentos e suas questões, sexo, queixas sobre a situação financeira ou a dificuldade de encontrar um estágio ou trabalho e planos para o futuro, dentre outros. Apenas quando me perguntavam “*o que eu fazia da vida*” mencionava o mestrado e dessa forma o assunto da pesquisa era inserido na conversa. Comentava com eles que eu estava realizando uma pesquisa sobre relacionamentos afetivo-sexuais e prevenção de DSTs/AIDS na atualidade, e perguntava se teriam interesse em participar. Explicava brevemente o tema que seria abordado e o objetivo da pesquisa. “*Querida saber um pouco mais sobre os tipos de relacionamento hoje em dia, se vocês acham que são diferentes, quais as diferenças, por exemplo, do namoro para as outras formas de relacionamento. E também como fica a questão da prevenção, se acontece sempre, se acontece às vezes, quando acontece, quando não*”. Ao longo dessas conversas nas mesas de bar, que não foram gravadas, muitas vezes senti necessidade de fazer anotações de frases ou ideias que me eram apresentadas no registro do campo, em especial quando tratavam de relacionamentos e questões relacionadas à sexualidade e prevenção de DSTs. Quando isso acontecia, perguntava se poderia anota-las e todos sempre consentiram sem qualquer problema. Muitos dos jovens, inclusive, percebendo que eu estava anotando, comentavam após a fala de alguém, “*essa merece ir pro caderninho*” ou “*anota aí*”. Essas anotações ocorreram em diversos momentos, mas se concentraram, de forma geral, nos minutos que seguiam a inserção do tema da pesquisa na conversa. Seguem a seguir alguns trechos do diário de campo, especificamente sobre a questão do uso ou não uso de camisinha:

Ah, gente, camisinha é o tipo da coisa que “nego” só usa porque precisa, ninguém gosta de usar. Se você perguntar, se desse pra escolher, usar ou não, ninguém escolhia usar. Mas aí é aquilo, entre usar camisinha ou não comer ninguém. (Marcos, 20).

Barbara: Cara, ninguém usa sempre. Ninguém. Nem quando não é com namorado. Todo mundo sabe que tá errado, mas se você for parar pra pensar que pode pegar alguma coisa acho que nem ficar com ninguém a gente fica, nem beija na boca.

Tatiana: E mesmo com namorado, vai, quem nunca tomou um chifre na vida? Eu sei que eu já tomei os meus (risos).

Bárbara: Pois é, né? (risos). Meu último tá fresco ainda.

Tatiana: Tá que não é pra aloprrar e parar de usar, mas risco tem sempre, pra tudo. Se toda vez que eu fosse pegar o carro eu parasse pra pensar que eu posso bater, eu não dirigia. (Bárbara, 22 e Tatiana, 21).

Maira: Se eu puder não usar eu não uso... Se eu tiver namorando, se tiver tomando pílula, não uso. Se for esquema putaria, tipo um cara que eu mal conheço, aí beleza.

Aline: Mas tem cara que mal te conhece e já acha que não precisa usar...

Maira: Aí é aquilo, querido, ou você usa, ou desencana que não vai rolar nada...

Aline: Exato. (Maira, 24 e Aline, 25)

Arthur: Tá aí uma das vantagens de namorar, parar de usar camisinha. Você passa a ter DR (sigla para discutir a relação), e passa a ter que dar explicação de onde você tá e com quem você tá, mas não precisa mais usar camisinha (risos).

Juliana: Ah é, né? (risos). Só por isso que a gente namora.

Arthur: Só por isso (risos). (Arthur, 23 e Juliana, 22 – namorados).

No geral se a gente não conhece a menina, e tá sóbrio, a gente usa (risos). Têm vezes as circunstâncias não permitem, aí rola uma improvisação ou uma reza forte depois (risos). (Diogo, 24)

Além dos trechos anteriores, recolhidos em momentos em que a temática da conversa girava em torno dos relacionamentos e da prevenção, por diversas vezes as questões relativas à sexualidade eram trazidas à tona por comentários sem relação aparente com o tema. Isso ocorreu quando, por exemplo, quatro amigas, entre elas Joana e Helena, 22 anos, falavam sobre os planos para um churrasco de turma para o qual iriam no dia seguinte. Segue o trecho:

Joana: *Vai dormir lá em casa hoje?*

Helena: *Nem vou. Amanhã de manhã preciso passar no salão, por que nunca se sabe, né? Quem vai nesse churrasco, o que vai rolar. (risos)*

Joana: *Tá investindo na solteirice mesmo, né? (risos)*

Helena: *Pô, não sei se vai acontecer alguma coisa, não sei nem quem vai estar lá, mas a gente tem que estar preparada pro que der e vier... Vida de solteira, amiga! (risos)*

Joana: *Tô sabendo. Fiquei nessa um tempo também... Tipo escoteira, sempre alerta! (risos.)*

Outra situação similar aconteceu quando Igor, Gabriela e Vicente, todos com 23 anos, comentavam sobre a troca de carro de Vicente:

Igor: *Tô sem carro hoje... Falar nisso, como ficou a troca do carro, conseguiu o que você queria?*

Vicente: *Consegui, vou ficar com o Gol mesmo, chato que só pego daqui a duas semanas, não tô mais acostumado a ficar sem carro. Sair sem carro é uma merda.*

Gabriela: *Mas você nem mora longe assim da Lapa. É tranquilo pegar ônibus ou taxi, que seja, não é?*

Vicente: *Mas não é pela dificuldade de voltar pra casa não, o problema é antes de voltar pra casa (risos).*

Igor: *(risos)*

Gabriela: *Você não pega ninguém se tiver sem carro? (risos)*

Vicente: *Pego, mas as possibilidades ficam reduzidas, né? Tipo, se eu pegar uma mulher, tiver afim de ir pra um motel, vou de taxi pro motel? Caído.*

Gabriela: *E a mulher não pode estar de carro?*

Vicente: *Pode, mas não é tão comum. E dirigir pro motel é papel do homem.*

Gabriela: *Tá, Vicente. Não vou nem falar mais nada não que esse papinho de papel do homem já deu.*

Igor: *Olha a revolta! (risos). Esquenta não Gabi, é que esse aí não pega mulher se ela tiver sóbria, e as que bebem não dirigem né? (risos).*

Gabriela: *Aí sim... (risos).*

Vicente: *Ah é, nem te conto... Falou o grande pegador! (risos)*

Em relação a participarem das entrevistas que seriam gravadas, de início, a grande maioria dos jovens se mostrou interessada e disposta a participar. Em relação ao formato em que seriam realizadas abertas e com a participação de mais de um entrevistado por vez – sem perguntas previamente estipuladas, porém com um roteiro que serviria de orientação e baliza para uma espécie de “*conversa com finalidade*” (MINAYO, 2010) – alguns jovens estranharam a proposta: “*Mas é tipo uma conversa, não são as perguntas prontinhas e a gente vai e responde. A gente fala do que quiser?*”. Outros ainda brincavam sobre como seriam ótimos entrevistados, por possuírem muitas histórias para contar ou apontavam amigos que deveriam ser entrevistados, por terem muitas, ou muito poucas, experiências.

Na presente pesquisa entendemos as entrevistas como um recurso especialmente adequado para obter informações sobre o que os jovens “*sabem, acreditam, esperam, sentem e desejam fazer, fazem ou fizeram, bem como suas representações a respeito desses temas*” (VASCONCELOS, 2002, p. 220), e, portanto, fundamental para estudar em profundidade o comportamento e a subjetividade. No que diz respeito à sua realização, como tentativa de reproduzir a informalidade observada e permitir uma maior interação entre os entrevistados, optou-se por conduzi-las em pequenos grupos, de duas ou três pessoas. A ideia por trás dessa escolha se baseou nas observações e interações realizadas até o momento. Havia percebido que, nas conversas de mesa de bar, eram sempre os amigos mais íntimos que interferiam nos relatos feitos – independente do assunto – e que estas intervenções tornavam as conversas mais ricas. Eram sempre os mais próximos que perguntavam o porquê de determinados fatos, que pediam mais detalhes das histórias que estavam sendo contadas. Além disso, eram os amigos mais íntimos que faziam comentários e brincadeiras ou mesmo os que davam

brincas e conselhos. Sendo assim, partimos da ideia de que ao realizar as entrevistas com duplas ou grupos de amigos poderíamos ter acesso a dados mais ricos. Tentamos garantir que a informação que circulava na rede informal não se perdesse com a formalização da entrevista.

A marcação e realização das entrevistas contou com uma série de percalços. Muitos dos jovens aos quais fui apresentada e que concordaram, a princípio, em participar da pesquisa – se mostrando, inclusive, bastante solícitos e disponíveis no momento de interação no campo –, não mantiveram essa postura na hora de marcar as entrevistas. Ainda que a escolha do local, o horário e mesmo os grupos ou duplas estivessem em aberto foram muitas as recusas acompanhadas de falas como “*olha, eu até queria, mas tô enrolada(o)...*” ou “*poxa, eu tava super afim mas não vai rolar esse mês...*”. Mesmo entrevistas que pareciam certas foram desmarcadas pelos mais diversos motivos – falta de tempo, provas, problemas de saúde, viagem e até briga com o namorado. Apesar destas dificuldades, foi possível dar início às entrevistas na última semana de julho de 2011.

4.3 – OS JOVENS ENTREVISTADOS E A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.

Ao todo foram realizadas quatro entrevistas em pequenos grupos: duas delas com três participantes e outras duas com dois participantes, reunindo um total de dez entrevistados. Uma das entrevistas em dupla havia sido combinada inicialmente com mais um participante, que não pôde comparecer no dia e não se mostrou disponível para que marcássemos outra data. As entrevistas ocorreram em quatro locais distintos, que foram escolhidos pelos entrevistados. A única preocupação em relação à escolha destes locais era a de que não fossem muito barulhentos, para que o áudio não fosse prejudicado.

As entrevistas variaram em sua duração de 40 minutos à 1 hora e 30 minutos e todas elas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. Todos os entrevistados assinaram um *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (ANEXO II, página 113), no qual concordaram em fazer parte da pesquisa. Como forma de garantir o anonimato dos entrevistados, todos os nomes utilizados neste trabalho foram modificados.

Chamou atenção durante a realização das entrevistas em grupos a quantidade de vezes em que as conversas foram interrompidas por celulares tocando e avisos de recebimento de mensagens. Mais de uma vez as entrevistas foram encerradas porque os

participantes tinham outros compromissos na sequência, o que indica uma sobreposição de atividades. Um comportamento similar a esse também pôde ser observado nos bares frequentados.

Para chegar a cada um dos quatro grupos entrevistados foram utilizadas quatro redes distintas que não tinham relação uma com a outra, embora seus membros circulassem muitas vezes nos mesmos locais. A descrição mais detalhada de cada uma dessas redes, bem como dos grupos entrevistados e dos locais em que ocorreram as entrevistas será apresentada a seguir. Cada uma das quatro redes estudadas recebeu uma letra do alfabeto para caracterizá-la.

REDE A. (BIANCA, CAROLINA E RENATA):

O primeiro grupo entrevistado foi o composto por *Bianca, Carolina e Renata*, que se conheciam do curso pré-vestibular que frequentaram. Minha entrada nessa rede se deu através de Renata, que eu havia conhecido na faculdade através de amigos em comum. Em uma das primeiras vezes em que passei pelo *Baixo* encontrei com Renata e estas duas amigas, que eu não conhecia. Como eu já conhecia Renata anteriormente, embora não fôssemos muito próximas, o assunto da pesquisa não demorou a surgir. Uma das primeiras coisas que ela me perguntou, um pouco depois de ter me apresentados às amigas foi sobre como estava o mestrado e se eu já estava no final. Disse que estava dando início a fase de entrevistas, falei brevemente sobre o tema, como dito anteriormente, e perguntei se elas estariam interessadas em participar. Renata disse que sim, “*sem problema nenhum*”, demonstrando certo entusiasmo, e Bianca e Carolina também concordaram. Ficamos de combinar depois qual seria o melhor dia para as três e o local, que eu disse que ficava à critério delas. Esse primeiro encontro com elas durou pouco menos de meia hora e o assunto da mesa girou em torno de simulados do cursinho e provas de vestibular. Foi nesse momento que descobri que Renata havia decidido prestar vestibular novamente. As três haviam se encontrado ali para ir ao cinema e estavam apenas “*fazendo hora*” até o filme começar. Combinei então que ligaria para Renata para marcarmos a entrevista na semana seguinte. Entrei em contato com ela em uma terça-feira e ela me disse que já tinha visto com as meninas que o melhor dia para todas seria na quinta e que podia ser na casa dela. Sendo assim, a entrevista aconteceu na casa de Renata, na Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro. Bianca e Carolina também são moradoras do mesmo bairro.

REDE B. (DIANA, BERNARDO E RENATO):

O segundo grupo foi composto por *Diana*, *Bernardo* e *Renato*. Os três se conhecem e são amigos há anos, já que estudaram juntos durante boa parte do ensino fundamental e médio em um colégio da zona sul do Rio de Janeiro. Atualmente, embora não estudem juntos, continuam se encontrando frequentemente. Meu contato inicial com esse grupo se deu através de Bernardo, a quem fui apresentada por seu irmão, um amigo pessoal. No dia do meu primeiro contato com os três não havia ido ao *Baixo* como parte do cronograma da pesquisa, mas sim para o aniversário desse amigo. Quando comecei a conversar com Bernardo e Diana, Renato não havia chegado ainda. Comentei sobre a pesquisa e perguntei se eles estariam interessados em participar. Os dois concordaram e Bernardo disse, ainda, que poderia chamar outro amigo, Renato, que iria passar no Baixo ainda naquela noite para encontrar com eles antes de irem para outro aniversário. Não haviam se passado 15 minutos quando Renato chegou. Fui apresentada a ele um pouco depois e enquanto éramos apresentados, Diana comentou com ele sobre a pesquisa. Ele perguntou sobre o que era e eu voltei a falar sobre o tema como havia feito anteriormente. Renato, então, disse que concordava, embora tenha ressaltado que era meio tímido. Antes de os três irem embora fiquei de entrar em contato com Bernardo, por telefone. Na primeira vez que liguei para marcar a entrevista, ele sugeriu que eu mandasse um e-mail para ele, que, por sua vez, encaminharia para os amigos de forma a evitar que eu ficasse telefonando para todos. A entrevista aconteceu no café de uma livraria em Botafogo cerca de 20 dias após o primeiro e-mail enviado. Antes desse encontro ela foi desmarcada duas vezes, por incompatibilidade de horários entre os entrevistados.

REDE C. (ANA E DANIEL):

Ana e Daniel também são amigos desde a época da escola e chegaram a cursar juntos alguns períodos da faculdade de Comunicação, antes que ela decidisse cursar Administração. Apesar de não estarem mais estudando juntos se encontram frequentemente. Encontrei Ana e Daniel em uma das vezes em que passava pelo *Baixo*. Parei na mesa em que ambos estavam ao encontrar conhecidos da faculdade. Logo que fui apresentada aos dois, Daniel se lembrou de que havíamos feito curso de inglês juntos alguns anos atrás. Nesse primeiro encontro não cheguei a comentar com eles sobre a pesquisa, apenas disse que estava no mestrado e a conversa na mesa seguiu outro rumo. Duas semanas após esse primeiro encontro, já estava indo embora do *Baixo* quando

passei por uma mesa em que estavam meus amigos, além de Ana e Daniel. Novamente sentei com eles e, dessa vez houve um momento em que falei da pesquisa e perguntei se eles estariam interessados em participar. Na mesma roda de conversa estava também Hugo, que disse que poderia ser entrevistado com os amigos “sem problemas”. Fiquei de entrar em contato com eles por e-mail. O assunto na mesa prosseguiu e fiquei com eles por cerca de meia hora antes de sair. Na segunda-feira seguinte mandei e-mail para os três e após três dias de “negociação” a entrevista foi marcada para a terça-feira seguinte, na casa de Ana, no Flamengo. Na segunda-feira que antecedeu a entrevista, Hugo mandou um e-mail para todos avisando que não poderia ir. Propus que tentássemos uma nova data, mas ele disse que achava melhor manter a data que estava boa para Ana e Daniel, já que estava “enrolado” e não sabia quando iria poder novamente. Como havia ficado combinado, então, a entrevista foi realizada na casa de Ana, em uma terça-feira.

REDE D. (BEATRIZ E MARCELA):

Beatriz e Marcela são formadas em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante a graduação, não pertenciam à mesma turma, embora tenham chegado a cursar algumas disciplinas juntas. A amizade entre as duas teve início quando começaram a conviver diariamente em um dos locais em que estagiaram e se manteve após a formatura. Eu conheci as duas também durante a graduação, mas havia algum tempo que não nos víamos. No dia que as encontrei no *Baixo* estava, inicialmente, sentada em outra mesa, conversando com outro grupo de pessoas que poderiam fazer parte da pesquisa. Antes de ir embora do local parei na mesa delas e conversamos por algum tempo. Todas falaram sobre o que estavam fazendo após a formatura e falei com elas sobre a pesquisa. Elas demonstraram bastante interesse pelo tema e, espontaneamente, começaram uma conversa sobre seus relacionamentos. Percebendo o interesse, perguntei se elas não estariam dispostas a marcar um dia para que as entrevistasse. As duas concordaram e eu fiquei de enviar um e-mail para elas para chegar à data e ao melhor local para as duas. Em uma breve troca de e-mails marcamos a entrevista para a sexta-feira seguinte ao nosso encontro, na casa de Marcela, em Botafogo.

4.4 - PERFIL DOS ENTREVISTADOS E ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS.

Os participantes possuem idades que variam entre 19 e 26 anos. Nove deles estão cursando ou concluíram recentemente o ensino superior, à exceção de Carolina que prestava vestibular no período em que a pesquisa foi desenvolvida. Todos são moradores do Rio de Janeiro, sete deles da Zona Sul da cidade e três da Zona Norte. Todos os entrevistados se declararam pertencentes à classe média e, à exceção de Beatriz, única casada do grupo, todos residiam com seus pais ou avós.

A seguir, serão apresentados dois quadros para melhor visualização do universo pesquisado. No **Quadro I** (página 61) encontra-se um breve perfil individual de cada um dos entrevistados, separados por idade e no **Quadro II** (página 62) encontram-se as principais características de cada um dos grupos entrevistados e seus componentes:

QUADRO I. PERFIL INDIVIDUAL DOS ENTREVISTADOS.

NOME	IDADE *	ESCOLARIDADE	BAIRRO DE RESIDÊNCIA	COM QUEM MORAM
1) Bianca	19 anos	Superior Incompleto	Tijuca	Pai, mãe e avós
2) Carolina	19 anos	Médio Completo Pré-vestibular	Tijuca	Mãe e irmã
3) Bernardo	21 anos	Superior Incompleto	Catete	Mãe e irmã
4) Diana	21 anos	Superior Incompleto	Laranjeiras	Pai, mãe e irmão
5) Renato	22 anos	Superior Incompleto	Laranjeiras	Avós maternos
6) Ana	23 anos	Superior Incompleto	Flamengo	Pai e mãe
7) Daniel	23 anos	Superior Incompleto	Botafogo	Pai
8) Marcela	25 anos	Superior Completo	Botafogo	Mãe
9) Beatriz	26 anos	Superior Completo	Botafogo	Marido
10) Renata	26 anos	Superior Completo	Tijuca	Pai e mãe

* Idade dos entrevistados na data de realização das entrevistas

QUADRO II. OS GRUPOS ENTREVISTADOS.

		IDADE *	ESCOLARIDADE	BAIRRO DE RESIDÊNCIA	LOCAL DA ENTREVISTA
REDE A.	Bianca	19 anos	Superior Incompleto. Arquitetura (PUB.)	Tijuca	Casa de Renata
	Carolina	19 anos	Médio Completo Cursando pré-vestibular	Tijuca	
	Renata	26 anos	Superior Completo Cursando pré-vestibular	Tijuca	
REDE B.	Diana	21 anos	Superior Incompleto. Arquitetura (PUB.)	Laranjeiras	Livraria em Botafogo
	Bernardo	21 anos	Superior Incompleto. Engenharia (PART.)	Catete	
	Renato	22 anos	Superior Incompleto. Engenharia (PUB.)	Laranjeiras	
REDE C.	Ana	23 anos	Superior Incompleto. Administração (PUB.)	Flamengo	Casa de Ana
	Daniel	23 anos	Superior Incompleto. Comunicação (PART.)	Botafogo	
REDE D.	Beatriz	26 anos	Superior Completo. Psicologia (PUB.)	Botafogo	Casa de Marcela
	Marcela	25 anos	Superior Completo. Psicologia (PUB.)	Botafogo	

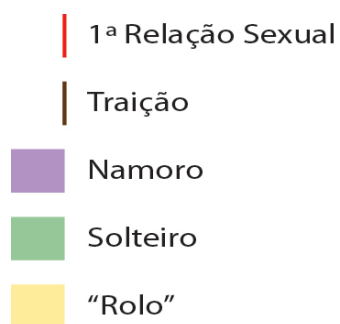
* Idade dos entrevistados na data de realização das entrevistas

(PUB.) – Universidade Pública e (PART.) – Universidade Particular

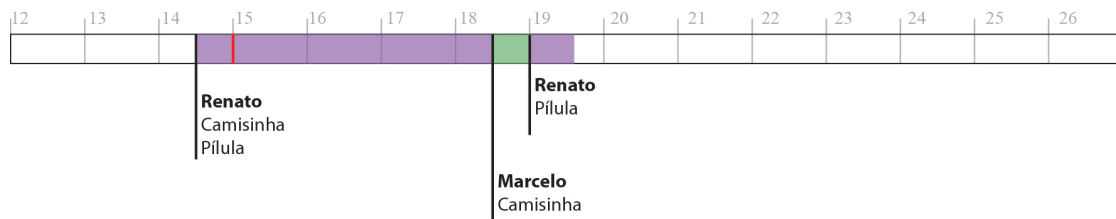
4.5 – PERFIL INDIVIDUAL DETALHADO E TRAJETÓRIAS AFETIVO-SEXUAIS DOS ENTREVISTADOS:

Na sequência serão apresentados os perfis individuais detalhados dos jovens entrevistados, no formato de texto, e suas trajetórias de iniciação amorosa e sexual, graficamente.

Segue abaixo a legenda para a compreensão das trajetórias:

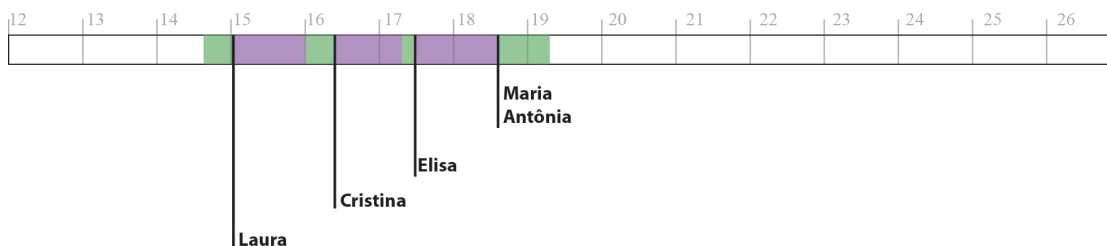


Bianca, 19



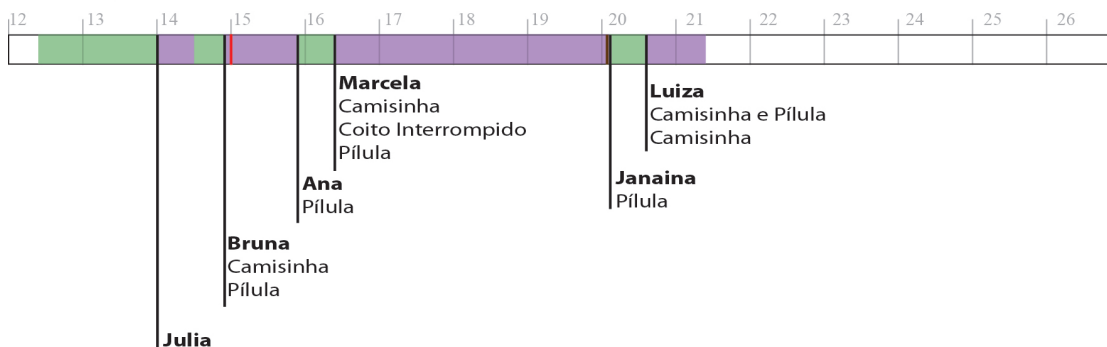
1) **BIANCA**, 19 anos, estudante de arquitetura de uma universidade pública do Rio de Janeiro. Está atualmente em um relacionamento “enrolado” com seu ex-namorado, Renato, com quem está “voltando aos poucos”, em suas palavras. Conheceram-se quando ela tinha 14 anos e começaram o namoro um pouco depois. Namoraram por aproximadamente quatro anos e terminaram porque ela começou a se incomodar com as coisas das quais abria mão para estar com ele, como, por exemplo, sair com as amigas para dançar: “(...) *comecei a ter os mesmos programas (que ele), sair pra beber, tomar um chopinho, acabei me adaptando. Só que ele não saía pra dançar comigo porque ele não gostava muito, não sei o que. E aí eu me privei das coisas, só que ele não muito. Aí eu comecei a pensar muito nisso e a gente começou a conversar, conversar, conversar e aí acabou terminando*”. Disse que agora que estão voltando pretende mudar algumas coisas no relacionamento. Sobre o período em que ficou solteira disse que foi importante para superar o término do namoro, “*Porque eu fiquei mal quando eu terminei o namoro e acabou levantando a minha autoestima, sabe? Pô, não é só ele que existe no mundo! Sabe? Vamos curtir um pouquinho. E depois se tiver que voltar a gente vai voltar. E aí foi mais ou menos assim, cara. Mas também não foi na putaria dando pra todo mundo*”. Disse que ficou com alguns meninos nesse período e que com um deles, Marcelo, saiu durante algum tempo. Bianca diz que Marcelo foi o único que ela “*pegou mesmo*”, querendo com isso dizer que ele foi o único com quem ela teve relações sexuais. A primeira relação sexual aconteceu aos 15 anos, com Renato, cerca de seis meses após o início do namoro e precedida por um período em que faziam “*umas saliências*”. Em relação à prevenção, diz que sua maior preocupação é em relação à gravidez e que, para se prevenir, utiliza a pílula anticoncepcional. Disse que por estar em um relacionamento que se baseia em confiança fica mais tranquila em relação às DSTs. Quando se relacionou com Marcelo fez uso da camisinha, enfatizando que eram situações muito diferentes: “*(...) aí é diferente, porque eu mal conhecia. A gente não tinha nada sério e nem ia ter, então, com camisinha*”.

Carolina, 19



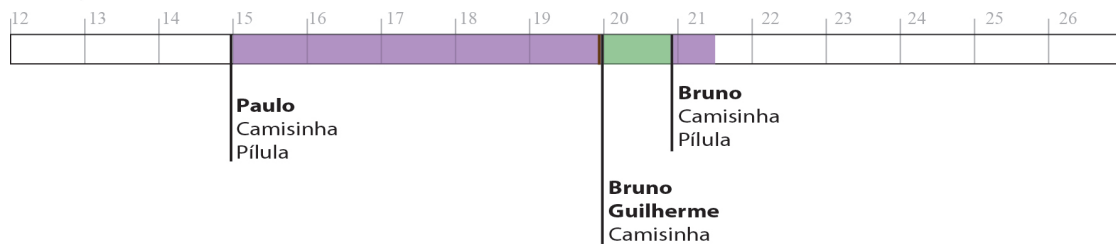
2) **CAROLINA**, 19 anos, está atualmente no pré-vestibular e pretende cursar faculdade de Química. No momento da entrevista ao ser perguntada se estava solteira ou namorando, disse não saber como definir os dois relacionamentos em que estava no momento: *“os dois tão meio enrolados... um tá terminando e o outro tá começando”*. Carolina se relaciona com pessoas do mesmo sexo e, em sua opinião, isso faz com que seus relacionamentos sejam um pouco diferentes dos relacionamentos dos casais heterossexuais. Uma diferença central que apontou diz respeito à questão de assumir, ou não, o namoro – e, conseqüentemente, sua orientação sexual – para a família, e amigos. *“(...) acho que as coisas ficam mais explícitas assim quando é um casal hetero, que o cara chega e tal, mas no meu caso não, vai levando, eu não pergunto, ela não pergunta e tá tudo certo, vamos levando...”*. Carolina, cujos pais são separados, disse que contou apenas para a mãe, sobre sua orientação sexual e acredita que se contasse para o resto da família as reações não seriam boas. Apesar de nem sempre definir seus relacionamentos como namoros disse que nunca precisou desse rótulo para, por exemplo, parar de ficar com outras pessoas. Disse que no início dos relacionamentos gosta de deixar as regras bem claras, o que ela quer e como quer. Ela mencionou cinco relacionamentos, sendo que três desses considerou mais importantes. A primeira namorada, Laura, com quem se dava muito bem e disse nunca ter tido uma briga. Esse relacionamento terminou porque a namorada foi morar fora do Rio. O segundo relacionamento foi com uma argentina, Cristina, que ela conheceu em Florianópolis. Este namoro durou cerca de seis meses e acabou pelas dificuldades relativas à distância entre as duas e a dificuldade que tinham de se encontrar. Disse que no tempo em que namoraram só se encontraram quatro vezes. A última menina com quem ficou por mais tempo, Elisa, é descrita por ela como seu *“passado negro”*, por ser uma menina *“bem burrinha”*. Carolina acredita que o término desse relacionamento se deu por viverem em *“mundos muito diferentes”*. Os dois relacionamentos *“enrolados”* aos quais se referiu no início da entrevista dizem respeito à Maria, uma menina com quem saiu por cerca de duas semanas e com quem não está mais ficando e Antônia, que conheceu recentemente, de quem está gostando. Sobre a questão da prevenção de DSTs, disse que não tem muito que possa fazer além de escolher muito bem suas parceiras e fazer exames de seis em seis meses. Disse já ter passado por uma situação na qual ficou desesperada: *“(...) eu descobri que a menina já tinha tido relacionamentos com homens e, tipo, nunca fez um preventivo na vida, sabe? E já tinha feito tatuagem também e nunca tinha feito um preventivo na vida dela! Sabe? O que é que pode ter ali... Fiquei com muito medo”*. Essa experiência fez com que ela mudasse alguns comportamentos: *“(...) eu acho que hoje em dia eu seleciono bem, não é qualquer uma. E eu exijo que ela tenha um mínimo de cuidado com ela mesma, sabe? Já foi alguma vez na vida no ginecologista, de fato é lésbica, já fez um exame na vida e por aí vai. Se sim, aí tranquilo, mas se não. Porque eu não tenho como usar camisinha e chorar depois não vai resolver”*.

Bernardo, 21



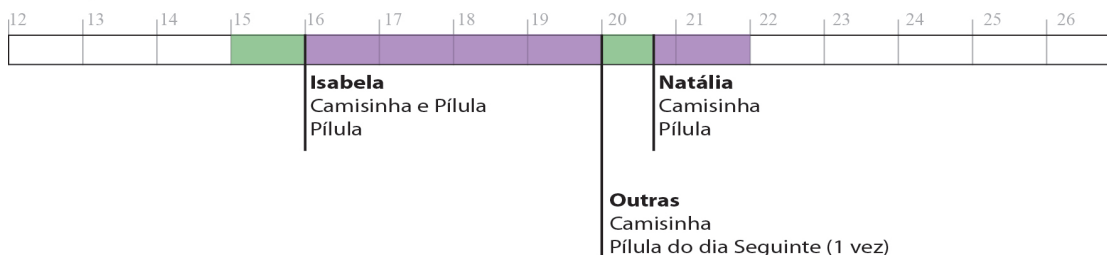
3) **BERNARDO**, 21 anos, estuda engenharia em uma universidade particular do Rio de Janeiro. Considera que teve cinco relacionamentos mais sérios, quatro deles com namoradas e um deles com Ana, uma menina de quem gostou muito, mas com quem apenas ficou algumas vezes. Ficou pela primeira vez com uma menina com 12 para 13 anos, mas não a inclui nesses relacionamentos. Aos 14 conheceu sua primeira namorada, Júlia, no prédio onde morava, faziam tênis juntos, e namoraram por cinco meses: *“Era estranho. Ela não gostava de nada, não queria nada, a gente mal se beijava... E quando beijava era porque eu começava. Pra falar a verdade eu nem sei bem porque a gente começou a namorar não (risos). (...) a gente não tinha nada a ver mesmo, por isso que não rolou”*. Sua primeira relação sexual aconteceu aos 15 anos, com a sua segunda namorada, Bruna, que ele conheceu no colégio. Esse namoro durou cerca de um ano. Após esse relacionamento teve “o lance” com Ana, de quem já era muito amigo uma vez que cresceram juntos e estudavam no mesmo colégio. Bernardo diz que ela foi a primeira menina de quem ele gostou realmente na vida, mas que quando ele começou a perceber que *“estava afim dela”*, ela já estava interessada em outro rapaz, mais velho e, por esta razão só ficaram algumas vezes. Sua terceira namorada, Marcela, também era do colégio, mas de um grupo diferente de amigos. Namoraram por aproximadamente quatro anos e terminaram porque Bernardo ficou com uma amiga de ambos, Janaína, em uma viagem: *“Na verdade o que pegou não foi nem eu ter ficado com outra pessoa, ela ficou com uns caras na viagem que ela fez também. A gente tinha aberto essa possibilidade, não teve surpresa aí. O que pegou foi eu ter ficado com essa menina que era nossa amiga, amiga dela, e não ter falado que fiquei. Até falei que fiquei com outras meninas, e fiquei com outras duas, mas é que essa era conhecida, amiga dela e tal”*. Há cerca de quatro meses Bernardo está namorando Luiza, que conheceu através de amigos em comum. Em relação ao uso de camisinha diz: *“Então, se fosse pra fazer uma porcentagem das vezes que eu transei de camisinha, acho que ia ser algo em torno de 30, 40%”*. Com as namoradas, disse que usou apenas no início e que assim que possível a camisinha era substituída pela pílula e que com Marcela praticou o coito interrompido durante algum tempo, antes dela começar a fazer uso de pílulas anticoncepcionais. Com as meninas que ele não namorou, mas que conhecia, como Ana e Janaína, disse que também não fez uso de camisinha já que elas também faziam uso de contraceptivos. Relata ainda outras vezes em que não usou camisinha. *“Uma vez quando eu era mais muleque, na afobação não coloquei, a menina não pediu também e tal, foi assim mesmo. E uma outra vez num carnaval, essa aí eu tava transtornado de bêbado, nem lembro direito, sei que a menina não pediu e eu não coloquei. Acho até que tinha na carteira, mas não coloquei”*. Atualmente está usando camisinha com a namorada porque ela não está tomando anticoncepcionais a pedido da ginecologista, mas pretende ver se há outro método para prevenir gravidez que a namorada possa usar, já que, para ele: *“direto com camisinha não é a mesma coisa...”*.

Diana, 21



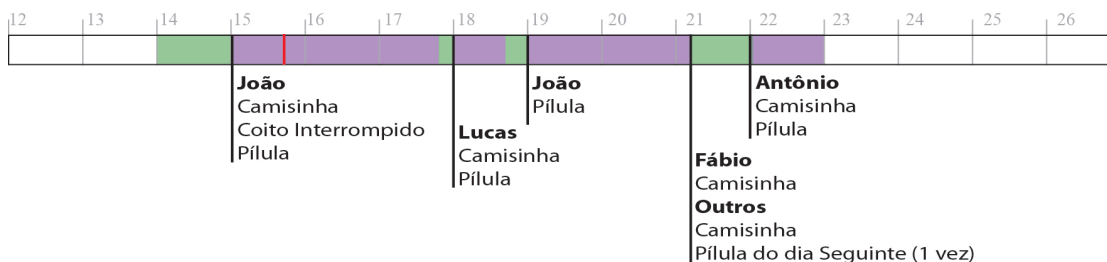
4) **DIANA**, 21 anos, é estudante de arquitetura em uma universidade pública do Rio de Janeiro e está atualmente namorando Bruno, que conheceu na faculdade, há cerca de seis meses. Seu primeiro namorado foi Paulo, cerca de três anos e meio mais velho, com quem namorou dos 15 aos 20 anos. O início desse relacionamento contou com muita resistência dos pais de Diana que não aprovavam o fato dela se relacionar com alguém de um meio diferente do dela. De acordo com ela, eles diziam: “(...) *que eles não tinham me criado pra virar bicho grilo e morar em Saquarema, viver de artesanato (risos). Meu pai chegou a proibir um tempo, da gente se ver. A gente ficou quase um mês sem ir pra lá, meu irmão até ia, mas eu não podia ir*”. Depois de algum tempo saindo com Paulo sem o conhecimento dos pais, sua mãe conversou com seu pai e eles acabaram permitindo o namoro. De acordo com Diana esse relacionamento terminou por diferenças entre eles, em especial diferenças em seus projetos de vida, que ocasionaram brigas constantes nos dois últimos anos de namoro. Ela queria fazer faculdade, continuar morando no Rio e ele queria que ela fosse para Saquarema morar com ele. Diana não tinha ainda terminado seu namoro com Paulo quando ficou com Bruno, mas acredita que só ficou com ele porque já estava pensando em terminar a muito tempo: “*Quando eu fiquei com o Bruno eu sabia que não queria mais ficar com o Paulo. E eu sabia que se eu falasse pra ele, que tinha ficado com outro cara, a gente ia terminar e falei assim mesmo*”. O namoro com Bruno não começou de imediato, ficaram outras vezes, mas ela diz que ele não queria nada sério naquele momento: “*Eu meio que terminei com o Paulo pra ficar com o Bruno, só que aí esse começo de namoro foi complicado, porque ele não tava afim de nada sério*”. Diana disse que essa “*complicação*” no início do namoro se deu porque Bruno também havia terminado um relacionamento longo recentemente e queria “*curtir um pouco a solteirice*”. Nesse meio tempo conheceu Guilherme, em uma festa na Lapa, e começaram a sair frequentemente: “(...) *se o Bruno não tivesse se manifestado eu tava fácil namorando com o Guilherme, que ele é muito querido. Só que aí, né? Eu já gostava do Bruno, queria ficar com ele, muito, por sinal (risos). Aí acabei desencanando do Gui pra ficar com ele*”. Sobre a prevenção de gravidez e DSTs, Diana disse que no início do namoro com Paulo usou camisinha em todas as relações por aproximadamente seis meses até que decidiu procurar uma ginecologista e iniciar o uso da pílula anticoncepcional. Em relação às DSTs, disse que perguntou para Paulo se ele tinha certeza de que não tinha nada e ele disse que não havia problema e que ela podia ficar tranquila. Nas suas primeiras relações com Bruno também fez uso de camisinha por algum tempo e atualmente faz uso de anel como forma de contracepção. Nesse relacionamento disse que antes de pararem de usar camisinha os dois fizeram exames para se certificar que não tinham nenhuma DST. “*A gente tava saindo de uma fase de solteirice, depois de muito tempo de relacionamento. Eu não tenho ideia do que ele fez nesse tempo dele de pista, com quem ele ficou e tal. (...) Eu sei que eu só transei com camisinha com esses caras que eu fiquei depois do Paulo, todos, sem exceção, mas não sei o que ele fez, e nem vou ficar perguntando*”.

Renato, 22



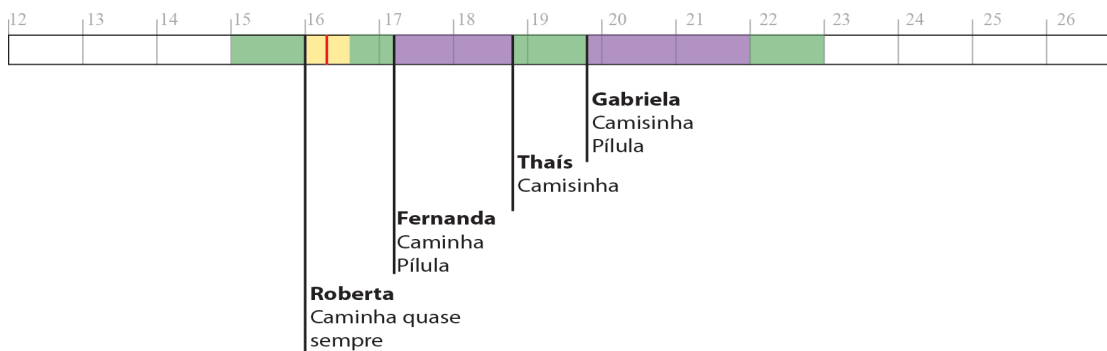
5) **RENATO**, 22 anos, estuda engenharia em uma universidade pública do Rio de Janeiro. Ele diz que apenas considera como relacionamentos as duas namoradas que teve. Antes de seu primeiro namoro ficou com poucas meninas, fato que atribui a sua timidez: *“Eu sempre fui tímido, achava a maior pressão isso, chegar na menina, ficar pensando se ia levar um toco ou não. Eu me achava muito esquisito... Daí eu tentava chegar em meninas que não fossem muito bonitas, pra aumentar minhas chances, mas que também não fossem feias demais, que aí era muita derrota (risos)”*. Conheceu Isabela no colégio e namoraram por cerca de quatro anos, dos 16 anos 20 anos. Renato diz que já gostava de Isabela há algum tempo, mas que demorou pra dizer isso a ela: *“Cara, eu era muito tímido, sei lá (...) já era afim dela bem antes da gente namorar, mas tinha medo de chegar nela e levar um toco. Que levar toco de uma menina aleatória é uma coisa, mas levar toco de uma menina que você gosta de verdade e que ainda por cima você vai ver todo dia no colégio depois e que todo mundo vai ficar sabendo, é outra parada. Muito mais tenso”*. Quando soube por uma amiga de Isabela que ela também estava interessada entendeu isso como uma *“carta branca”* para *“chegar”* nela. Ficaram algumas vezes e pouco tempo depois começaram a namorar. Esse relacionamento terminou, de acordo com Renato, porque os dois estavam *“de saco cheio um do outro”*, sem brigas. Conheceu Natália, sua segunda namorada, na faculdade e estão juntos há um ano e meio, aproximadamente. O namoro começou *“oficialmente”* quando ele a apresentou para seus avós, com quem mora, alguns dias depois de terem *“ficado”* numa choppada e saído juntos algumas vezes. Além dessas duas namoradas relatou ter saído com outras mulheres: *“Já fiquei com outras mulheres, óbvio... Algumas até mais de uma vez, uma uns 3 meses e uma outra 1 mês... Mas não engrenou, não deram certo por um motivo ou por outro. Por isso que eu acho que não chegaram a ser relacionamentos, não tinha nada mais sério”*. Em relação à prevenção, Renato disse que em seu primeiro relacionamento, com Isabela, usou camisinha durante todo o primeiro ano de namoro e que só pararam de usar porque ela começou a ter alergia ao látex. Usaram, durante algum tempo, a camisinha que não é feita de látex, mas depois decidiram fazer uso apenas da pílula anticoncepcional. Até então, a camisinha era utilizada como uma proteção a mais em relação à gravidez, já que Isabela também fazia o uso de pílula anticoncepcional. *“Com ela eu não tinha nenhuma preocupação com pegar DST. Os dois eram virgens quando a gente começou a transar e nem acho que ela me traiu nem nada assim. Eu também não fiquei com ninguém enquanto eu tava com ela”*. Com a atual namorada, Natália, disse que também começaram usando camisinha e que depois de algum tempo de namoro passaram a utilizar apenas a pílula. Renato disse que sua mãe engravidou dele muito nova, aos 16 anos e que, por conta disso, ele sempre se preocupou muito com isso. Disse ainda que em uma das relações que não foram com namoradas a camisinha estourou. Nesse caso, ele passou com a menina na farmácia e compraram a pílula do dia seguinte.

Ana, 23



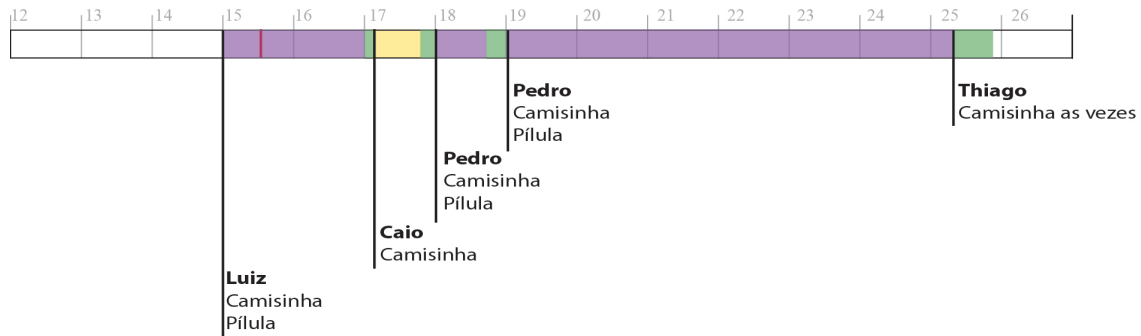
6) **ANA**, 23 anos, atualmente estuda Administração em uma universidade pública do Rio de Janeiro, e antes disso cursou dois períodos de comunicação em uma universidade particular. Seu primeiro namorado foi João, que conheceu no curso de inglês e com quem ficou aproximadamente três anos, dos 15 até um pouco antes dos 18 anos: “(...) *foi bem legal, primeiro tudo, primeiro beijo, primeira pegação mais séria e primeira vez mesmo. (...) A gente não se apressou pra começar nada*”. Antes desse relacionamento disse que só ficou com dois outros meninos “*naquele esquema festa de play, só beijo e ponto, pra dizer que fiquei*”. Duas semanas após o término do namoro com João conheceu Lucas, primo de uma amiga, com quem namorou por quase um ano. Quando terminou o namoro com Lucas, reencontrou João e voltaram a namorar um pouco depois dela completar 19 anos. Ficaram juntos por mais dois anos e, ao contrário do primeiro término, que ocorreu por iniciativa de João, dessa vez foi Ana quem decidiu encerrar o relacionamento. Disse que estavam tendo muitas brigas por conta de ciúmes “(...) *eu gostava dele, de verdade, mas tava me sufocando. Nunca achei isso legal, nem da primeira vez que a gente namorou, que ele já era meio ciumento, mas naquela época dava pra levar*”. Atualmente, está namorando Antônio e este relacionamento tem cerca de um ano. Disse que já conhecia Antônio da faculdade, mas trocavam apenas poucas palavras, até o dia em que se encontraram em uma choppada e ficaram pela primeira vez. Cerca de um mês depois estavam namorando. Quando começou a ficar com Antônio, Ana estava saindo com Fábio, um rapaz que havia conhecido em uma boate e que definiu como sendo muito diferente dela. “(...) *eu já tinha mais ou menos a noção de que não ia durar muito com o Fábio, mas é aquilo, né? Às vezes entre estar sozinha e ter companhia pra sair no fim de semana, melhor tá acompanhada. E não é que fosse ruim ficar com ele, era bem bom até, se é que você me entende (risos) beijo, sexo, tudo... Só que além disso a gente não tinha nada em comum*”. Conta que parou de investir na relação com Fábio depois de ter ficado com Antônio e por este motivo pararam de sair. De acordo com Ana, é importante que as pessoas tenham coisas em comum para que uma relação fique mais séria e vire um namoro; não necessariamente que gostem das mesmas coisas, mas que compartilhem valores, objetivos. “*Não importa muito se ele gosta mais de escutar rock e eu pop, por exemplo, se os dois têm ideias parecidas do que é importante no namoro, na vida, se a gente consegue fazer planos em comum e tal...*”. Sobre a prevenção de gravidez e DSTs, disse que sua preocupação maior sempre foi com gravidez. Com João, disse que usou camisinha nas primeiras vezes e depois passaram a praticar o coito interrompido por algum tempo, até que ela começou a tomar pílula. Com Lucas e Antônio também usou camisinha no início dos relacionamentos e parou quando voltou a fazer uso de anticoncepcional. Com Fábio disse que usou camisinha sempre e com outros dois homens com quem teve relações disse que “(...) *com um eu usei camisinha e com esse último não, nem lembramos na hora. Tomei pílula do dia seguinte e daí quando fui na ginecologista pedi pra ela pedir os exames, eu fiz, e tudo certinho*”.

Daniel, 23



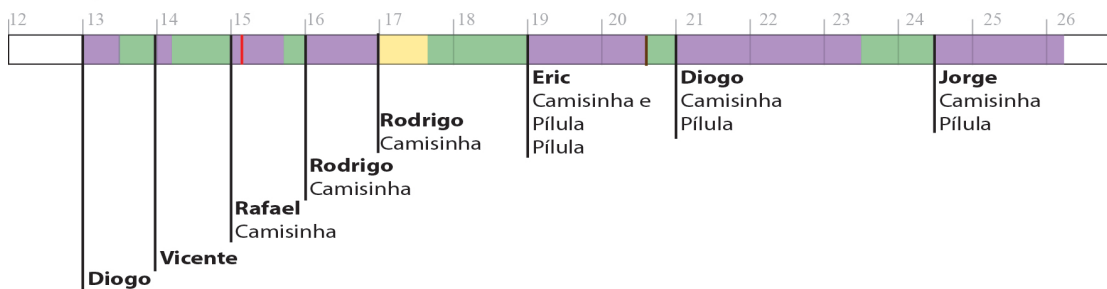
7) **DANIEL**, 23 anos, estuda comunicação em uma universidade particular do Rio de Janeiro. Teve sua primeira namorada, Fernanda, com 17 anos. Os dois se conheceram no colégio e ficaram juntos por quatro meses antes de começarem a namorar. Este relacionamento durou pouco menos de dois e terminou, de acordo com Daniel, porque Fernanda se mudou com a família para São Paulo. Além das namoradas, falou sobre outras duas meninas com quem ficou por certo tempo. Uma delas foi Roberta, um ano mais velha e definida por ele como um “*rolo*”. Ela tinha uma casa vizinha à dele em Saquarema e foi com ela que ele teve a sua primeira relação sexual, aos 16. Ficaram juntos por aproximadamente seis meses. Entre o término do namoro com Fernanda e o início do namoro com Gabriela ficou “*seriozinho*” com Thaís, mas não especificou por quanto tempo. Para Daniel a diferença desses “*rolos*” e as meninas que ele apenas “*fica*” tem a ver com a duração dos encontros e o envolvimento afetivo que tem com elas. Sua última namorada foi Gabriela, com quem se relacionou por cerca de dois anos. Esse namoro havia acabado recentemente e Daniel estava solteiro no momento da entrevista. Daniel e Gabriela se conheceram durante uma viagem de férias com amigos, ele estava com 19 anos e ela com 16. Ela era irmã da namorada de seu amigo. Ficaram juntos durante a viagem e começaram a namorar um pouco depois de voltarem para o Rio. Disse que o relacionamento terminou porque as diferenças entre eles começaram a aparecer e a incomodar, em especial quando a namorada entrou pra faculdade: “*A gente sempre teve bastante coisa em comum, mas de uns tempos pra cá, acho que depois de entrar na faculdade e tal as diferenças começaram a aparecer mais (...) Acho que a diferença de idade (três anos, aproximadamente) ficou mais na cara nessa época*”. No que diz respeito às práticas de prevenção de gravidez e DSTs disse: “*Uso (camisinha) quase sempre (risos). Com a Roberta, a de Saquarema, eu usava quase sempre, lembro de duas vezes só que não usamos, mas aí não foi até o final também, se é que você me entende (risos). Daí com a Fernanda e a Gabriela usamos direto no começo, mas depois elas começaram a tomar pílula. E a Gabi vira e mexe esquecia a parada, eu lembro de uma vez que a gente chegou a achar que ela tinha ficado grávida. Daí com ela eu que ficava lembrando ela de tomar, toda noite quando a gente se falava eu perguntava se ela já tinha tomado, lembrava e tal. E com a Thaís usei sempre, ela nunca se deu com pílula, então, era sempre de camisinha*”. Com as demais mulheres com quem teve relações disse que fez uso de camisinha por receio de que alguma delas engravidasse. “*A gente usa porque é uma proteção, te dá uma liberdade maior... Mas uma vez que você tá direto com alguém, tem aquela confiança, normal parar*”.

Marcela, 25



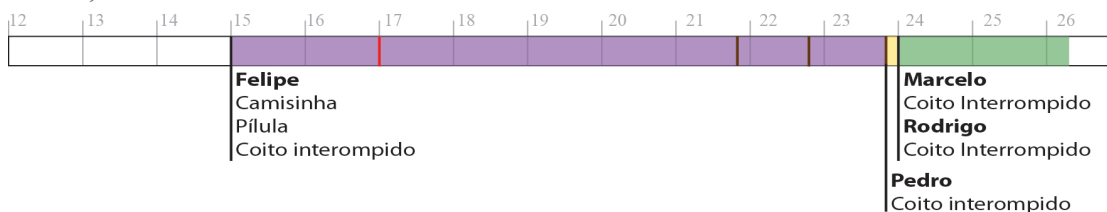
8) **MARCELA**, 25 anos, é formada em psicologia em uma universidade pública do Rio de Janeiro e estava solteira no momento da entrevista. Considera o seu primeiro namoro, aos 15 anos, o primeiro relacionamento importante. Marcela e Luiz se conheceram no colégio em que estudavam e namoraram por um ano e oito meses, aproximadamente. A primeira relação sexual aconteceu dentro desse relacionamento. Após o término do namoro com Luiz, teve um breve relacionamento com Caio. Não descreve esse relacionamento como namoro, mas relata que tiveram relações sexuais. Um pouco antes de completar 18 anos começou a namorar Pedro, que também estudava no mesmo colégio que ela. Marcela e Pedro namoraram por aproximadamente seis meses e ela terminou por achar que precisava de tempo e espaço para colocar sua vida em ordem antes de estar com alguém. Reataram após seis meses e mesmo separados não deixaram de se falar já que possuíam amigos em comum e costumavam frequentar os mesmos lugares. Ficaram juntos por mais seis anos e seis meses e o relacionamento terminou há poucos meses, por iniciativa dele. Ela diz que embora tenham tido alguns desentendimentos ao longo desses anos e que ela tenha se perguntado algumas vezes se ele era o homem que ela queria ter ao seu lado para o resto de sua vida, nunca deixou de achar que eles pudessem construir um futuro juntos. Contou que após o término desse relacionamento ficou algum tempo sem sair muito ou ficar com outras pessoas. No momento da entrevista estava solteira, porém saindo com Thiago com certa frequência. Disse ainda que a indefinição nesse relacionamento com Thiago, que não chega a ser seu namorado, mas é alguém de quem ela gosta, é muito difícil. Em relação ao uso de preservativos e métodos contraceptivos disse que sua primeira relação foi com camisinha e que só parou de usar quando começou a tomar a pílula anticoncepcional. Esse padrão de uso de camisinha no início do relacionamento seguida de sua substituição pela pílula se manteve também em seu relacionamento com Pedro. Disse, porém, que das vezes que teve relações sexuais com Luiz, quando eles dois já não estavam mais namorando usou camisinha e que o mesmo aconteceu com Caio. Marcela disse ainda que não gosta de usar camisinha e ao longo de seus namoros, de uma forma geral, só usava quando se esquecia de tomar a pílula ou estava com cãndida, por exemplo. Diz que sua preocupação maior sempre foi a de não engravidar. Com Thiago diz que o uso de camisinha é irregular. Não usaram da primeira vez, quando ela disse que estava “bêbada”, depois passaram a usar por um breve período, pararam de usar quando estavam ficando com uma frequência maior e que ultimamente, como a situação entre os dois está “*complicada*”, têm usado.

Beatriz, 26



9) **BEATRIZ**, 26 anos, é formada em psicologia em uma universidade pública do Rio de Janeiro e está atualmente casada. Relata que teve muitos namorados e começou a namorar muito nova, aos 13 anos. Disse que considera Diogo como seu primeiro relacionamento, mas só porque era muito apaixonada por ele, já que os dois só ficaram e se beijaram uma vez. Beatriz foi apresentada ao seu segundo namorado, Vicente, por uma amiga e o namorou por cerca de três meses. Decidiu terminar esse relacionamento ao perceber que não tinham muito em comum e que ela não gostava dele o suficiente. Depois desse namoro ficou com dois ou três meninos e logo conheceu Rafael, na festa de 15 anos de uma amiga. Esse relacionamento durou cerca de seis meses no total e foi com Rafael que Beatriz teve a sua primeira relação sexual. Ela achou melhor terminar esse relacionamento porque não estavam passando muito tempo juntos e tinham interesses diferentes. Ele pediu para voltar e ficaram juntos mais alguns meses, até que ele decidiu terminar. Depois disso, conta que terminaram e voltaram inúmeras vezes, até que ela decidiu que não podia continuar naquela situação. Depois que este relacionamento terminou, conta que começou a ir para a academia e à praia, emagreceu bastante e estava felicíssima. Nesse período conheceu Rodrigo na praia e começaram a namorar. Beatriz conta que sua mãe foi contra o namoro e que ela mesma achava que ele era “*tudo de errado*”, mas um “*tesão*”. Disse que foi nesse relacionamento que ela começou a gostar de fazer sexo. Terminaram o namoro porque era uma relação “*insustentável*”, mas continuaram se encontrando por aproximadamente um ano. Ficou algum tempo solteira até que, aos 19, conheceu Erick, amigo de uma amiga. Diz que tiveram um namoro muito legal que durou aproximadamente um ano e meio, mas que ela não era apaixonada por ele. Nesse período entrou para a faculdade e em uma choppada, que ele não foi com ela, ficou com outro rapaz. No dia seguinte terminou o namoro. Pouco tempo depois reencontrou Diogo, seu primeiro namorado, voltaram a namorar e ficaram juntos por quase três anos. Porém, disse que o tempo que passaram separados um do outro começou a pesar: “*(...) ele começou a ficar com muito ciúme de mim, porque eu não era virgem e ele era, porque eu tinha tido várias experiências e ele não tinha tido nenhuma*”. Marcela decidiu terminar, emagrecer o que havia engordado ao longo do namoro e começou a aproveitar seu “*momento pista*”, no qual transou pela primeira vez com homens que não eram seus namorados. Ficou pouco menos de um ano solteira até que conheceu seu atual marido, Jorge, através de amigos em comum. Casaram-se em pouco mais de um ano de namoro. Em relação à adoção de práticas sexuais seguras, disse que sempre transou de camisinha, ainda que estivesse tomando pílula, apesar de nunca ter gostado muito de usar preservativos. Disse que sempre se preocupou com DSTs e que até hoje sempre que abre um exame de HIV fica “*dando pulinhos de alegria*”. Fala que só não usou camisinha com três de seus parceiros, Erick, Diogo e Jorge. Em relação a Jorge, disse que o fato dele ser doador de sangue e fazer exames de sangue regularmente por ser militar a deixaram mais tranquila.

Renata, 26



10) **RENATA**, 26 anos é formada em comunicação e no momento da entrevista cursava novamente o pré-vestibular. Conta que começou a namorar aos 15 anos com Felipe, da mesma idade, que conheceu no colégio em que estudavam. Antes desse primeiro namoro nunca havia ficado com ninguém e que todas as suas primeiras experiências foram com esse namorado. *“Tudo que a gente fazia era novidade para os dois, porque tanto eu quanto ele, nunca tínhamos tido outra pessoa antes... Nem ficante”*. A primeira relação sexual aconteceu dois anos após o início do relacionamento, por insistência dela. Os dois ficaram juntos cerca de nove anos, embora ao longo desse período tenham terminado algumas vezes. Renata conta que esses terminos eram breves e que só se recorda de ter ficado com duas pessoas enquanto estavam separados. Ela relata ainda três casos de traição, que aconteceram nos dois últimos anos do namoro, quando a relação não estava em uma *“fase boa”*. Um desses meninos, Guilherme, conheceu no colégio e foi o primeiro menino de quem gostou, antes mesmo de começar a namorar Felipe. Ela decidiu procura-lo no período que definiu como *“crise dos sete anos de namoro”* e inicialmente sem a intenção de ficarem juntos. *“A gente conversou muitas vezes pelo telefone, antes de sairmos... E quando a gente saiu, eu ainda evitei ficar, mas ele era muito perfeito! Enfim, a carne é muito fraca! (risos)”*. O segundo menino com quem saiu era namorado de uma colega de faculdade. Os dois conversavam frequentemente pelo computador e Renata diz que ele *“dava em cima”* dela há algum tempo, mas que ela negava ficar com ele. Só aceitou o encontro quando ela própria estava em uma *“fase péssima”* em seu namoro. O último menino com quem ficou enquanto ainda namorava Felipe foi Pedro, que ela conheceu no curso de Francês. Ficou duas vezes com ele e, em seguida, decidiu terminar seu relacionamento com Felipe. Renata não caracterizou seu relacionamento com Pedro como namoro, disse que não sabe bem o que era, mas que ficaram juntos por aproximadamente dois meses. Algum tempo depois de parar de sair com Pedro, tentou reatar o namoro com Felipe, mas *“não deu muito certo”*. Conta ainda ter saído *“mais sério”* com dois rapazes, Marcelo e Rodrigo, que conheceu, respectivamente, através de amigos em comum e no curso pré-vestibular. Disse que desde que parou de sair com Rodrigo, há cerca de três meses, está *“na pista”*. Em relação à prática de sexo seguro, Renata disse ter feito uso de camisinha *“raríssimas vezes”* na vida. *“Com o Felipe usei umas poucas vezes, no começo, depois a gente parou e aí rolava coito interrompido mesmo, muito, muito tempo assim”*. Conta também que fez o uso de pílula por um breve período enquanto namorava Felipe. Por três vezes ao longo desse relacionamento achou que pudesse estar grávida, porém essas suspeitas não se confirmaram. Relata afirmar nunca ter se preocupado com DSTs e disse que na maioria das suas relações praticou o coito interrompido. *“Só usei (camisinha) com um cara, que era meio que ex-namorado de uma menina que eu conhecia, da faculdade, que queria dar um troco nela, porque ela tinha traído ele. Com ele, não sabia de onde ele vinha nem pra onde ele ia, em termos de relacionamento. Não tinha como não usar!”*.

CAPÍTULO V

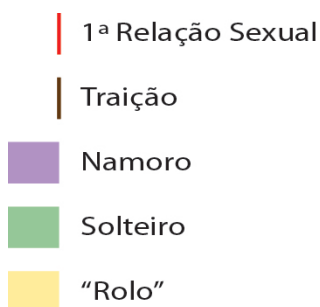
ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.

Como foi dito anteriormente, as entrevistas realizadas não contaram com perguntas pré-definidas. Aos entrevistados, foi pedido que falassem sobre seus relacionamentos amorosos e sexuais – tanto os passados como os presentes –, bem como as práticas de prevenção que adotaram, ou não, nessas relações. Após a leitura exhaustiva do material colhido e como forma de favorecer sua posterior análise optamos por realizar o recorte temático das entrevistas, organizando-as em categorias – expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo das falas será organizado (MINAYO, 2010). Em seguida, foi feita uma análise de conteúdo a partir dos discursos dos jovens sobre suas trajetórias.

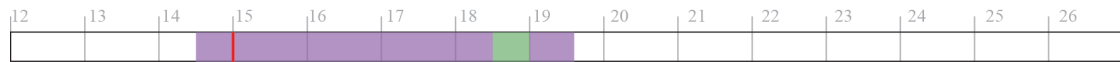
O material das entrevistas foi separado em cinco eixos principais de análise, a saber; 1) a iniciação amorosa e sexual (primeiras experimentações, namoros, relações sexuais e primeiros termos de relacionamentos), 2) as demais possibilidades de experimentação, 3) características dos namoros e os fatores que determinam a escolha das parcerias, 4) a questão da fidelidade e da traição e 5) as práticas de prevenção.

Apresentaremos ainda, na sequência, as linhas de trajetória de iniciação amorosa e sexual de todos os entrevistados, agrupadas em uma única imagem, para que seja possível ao leitor compará-las.

Segue abaixo, novamente, a legenda para a compreensão das trajetórias:



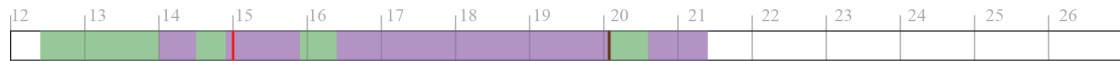
1 - Bianca, 19



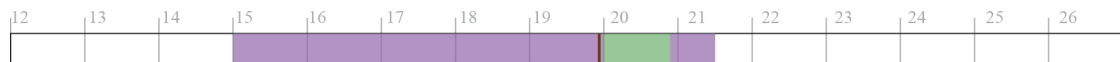
2 - Carolina, 19



3 - Bernardo, 21



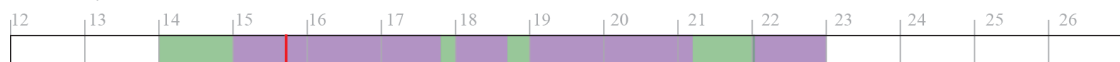
4 - Diana, 21



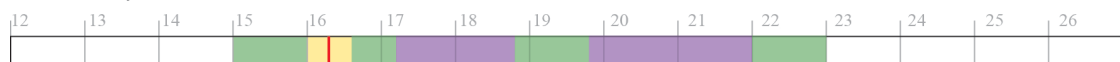
5 - Renato, 22



6 - Ana, 23



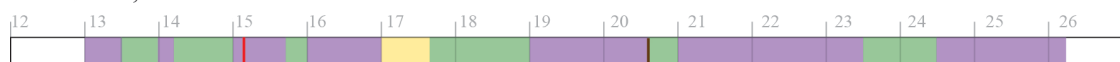
7 - Daniel, 23



8 - Marcela, 25



9 - Beatriz, 26



10 - Renata, 26



5.1 – JOVENS ENTREVISTADOS E A INICIAÇÃO AMOROSA E SEXUAL.

5.1.1 - PRIMEIRAS EXPERIMENTAÇÕES: O APRENDIZADO DA SEXUALIDADE.

As primeiras experimentações, para muitos dos entrevistados, não coincidiram, necessariamente, com relacionamentos declarados por eles como tais. Há para os jovens entrevistados uma distinção clara entre o “ficar” com alguém e os relacionamentos descritos como namoros ou mesmo “rolos”. É o que podemos perceber na fala de um dos entrevistados, Bernardo, para quem as meninas com quem apenas “ficou” não são “consideradas”, ou seja, não incluídas, quando ele fala a respeito de seus relacionamentos: *“A primeira menina que eu fiquei eu tinha uns 12 pra 13 anos, mas nada demais não, essa eu nem tô considerando nessas 5 aí que eu falei”* (Bernardo, 21).

O “ficar”, nesse primeiro momento, diz respeito apenas à troca de beijos e carícias, sem a ocorrência de relações sexuais. É o que aparece, por exemplo, no discurso de Ana, que disse que antes de seu primeiro namoro havia ficado com dois meninos, mas que não havia acontecido “nada demais” já que tudo aconteceu em um *“esquema festa de play, só beijo e ponto, pra dizer que fiquei”* (Ana, 23).

Esse início das trajetórias afetivo-sexuais pode ainda ser marcado por algumas dificuldades que estão, em geral, relacionadas à insegurança ou à timidez. Renato, por exemplo, falou um pouco das dificuldades que viveu em suas primeiras experimentações, anteriores ao namoro:

Eu fiquei com umas três meninas antes dela (Isabela), e nada sério. Eu sempre fui tímido, achava a maior pressão isso, chegar na menina, ficar pensando se ia levar um toco ou não. Eu me achava muito esquisito... Daí eu tentava chegar em meninas que não fossem muito bonitas, pra aumentar minhas chances, mas que também não fossem feias demais, que aí era muita derrota (risos). (...) Não tenho nenhuma saudade dessa época, mesmo. (Renato, 22)

Renato disse também que seu excesso de timidez atrapalhou, inclusive, o início de seu namoro com Isabela, já que *“tinha medo de chegar nela e levar um toco”*. Em situações como esta, os amigos têm papel fundamental já que são eles, nesse primeiro momento, que incentivam ou mesmo promovem alguns dos encontros. Renato, por exemplo, disse que só teve coragem de tomar a iniciativa de “chegar” em Isabela depois que uma amiga interveio: *“(...) veio uma amiga dela me dizer que ela era afim de mim.*

Daí foi isso, a carta branca que eu precisava. Aí na festa eu cheguei nela, a gente ficou". Diana e Bernardo, que estudaram com Renato, lembram que na turma deles *"todo mundo colocava pilha"* para que ele e Isabela ficassem juntos. Uma situação parecida ocorreu com Beatriz, cujos amigos marcavam encontros ou trabalhos de grupo para que ela e Diogo (que veio a ser seu primeiro namorado) *"ficassem"* pela primeira vez juntos.

5.1.2 – Os PRIMEIROS NAMOROS.

Os primeiros relacionamentos dos entrevistados, reconhecidos e declarados como tais, foram os primeiros namoros. Estes ocorreram, na maior parte das vezes, com pessoas bem próximas – do colégio, do prédio ou de atividades extracurriculares, como curso de línguas ou esportes. Isto é, pessoas que fazem parte das redes de sociabilidade desses jovens. Carolina, por exemplo, conheceu sua primeira namorada no curso de espanhol, assim como Ana, que conheceu seu namorado no curso de inglês. Renata, Beatriz e Marcela conheceram seus primeiros namorados no colégio, da mesma forma que Renato. Bianca conheceu seu primeiro namorado no vôlei e Bernardo fazia aula de tênis com a namorada, que também morava no mesmo prédio que ele. A única dos entrevistados que teve seu primeiro relacionamento com alguém que não fazia parte de seu círculo mais estreito de relações foi Diana. Ela conheceu seu primeiro namorado fora do Rio de Janeiro, onde sua família mantém uma casa de praia. Ainda assim, já se conheciam antes do início do namoro, já que ele costumava sair com seu irmão e seus primos mais velhos.

Em muitos casos já existia uma relação de amizade, anterior ao namoro:

A gente já era amigo, sempre andamos muito juntos, tipo, a gente ia e voltava na mesma condução todo dia, as famílias se conheciam, a gente vira e mexe se encontrava no clube fim de semana também, era o mesmo clube, essas coisas. (Renato, 22)

Apesar de ocorrerem com pessoas próximas e, na maioria dos casos, conhecidas, os primeiros relacionamentos não são tarefas simples para os jovens. Em geral são marcados por dificuldades referentes a esse período de aprendizado. Bernardo, por exemplo, definiu seu primeiro relacionamento como *"estranho"*:

Era estranho. Ela não gostava de nada, não queria nada, a gente mal se beijava... E quando beijava era porque eu começava. Pra falar a verdade eu nem sei bem porque a gente começou a namorar não (risos). Acho que a gente nem tinha nada a ver junto também, acho não, tenho certeza, a gente não tinha nada a ver mesmo, por isso que não rolou. (Bernardo, 21)

Essa dificuldade no primeiro namoro também foi relatada por Beatriz, que diz que só “ficou” uma vez com Diogo, seu primeiro namorado; “*A gente namorou, só que a gente não ficava, a gente não se beijava (risos)*”

Outra característica comum a esses primeiros relacionamentos é sua duração. À exceção de Beatriz e Bernardo, que tiveram primeiros relacionamentos curtos, de seis e cinco meses, respectivamente, os demais entrevistados namoraram seus primeiros parceiros por um período mínimo de um ano, como Carolina e Daniel, chegando há nove anos, como foi o caso de Renata. Esses primeiros namoros, que ocorreram a partir dos 13, 14 anos, coincidem, na maioria das vezes, com as primeiras experimentações; os primeiros beijos e as primeiras relações sexuais, como relatou Ana:

(...) primeiro tudo, primeiro beijo, primeira pegação mais séria e primeira vez mesmo. Eu era apaixonada pelo João, bem paixonite de adolescente, de escrever carta, fazer mil declarações. Foi tudo bom, sabe? A gente não se apressou pra começar nada. (Ana, 23)

5.1.3 – AS PRIMEIRAS “SALIÊNCIAS” E RELAÇÕES SEXUAIS.

Após um período mais ou menos longo de exploração – em que os jovens “ficam” e trocam beijos e carícias –, começam a ocorrer as primeiras relações sexuais. Entre os entrevistados esse período entre o primeiro beijo e a primeira relação sexual variou bastante, mas em nenhum dos casos teve menos de seis meses de duração. Foram frequentes também os relatos de outras práticas “sexuais” que antecederam a penetração propriamente dita, como “saliências” ou “rale rale” – termos usados por duas das entrevistadas – em que os jovens conheciam/experimentavam tanto seus corpos como o de seus parceiros, e sensações até então desconhecidas. “*Tudo que a gente fazia era novidade para os dois, porque tanto eu quanto ele, nunca tínhamos tido outra pessoa antes... Nem ficando*” (Renata, 26).

Dos 10 entrevistados, nove tiveram sua primeira relação sexual enquanto estavam namorando, sendo sete com seus primeiros namorados/as. Beatriz e Bernardo se iniciaram sexualmente em relacionamentos posteriores, ela com seu terceiro namorado e ele com a segunda namorada. Daniel, única exceção a esta regra, descreveu como um “*rolo*” sua relação com Roberta, com quem transou pela primeira vez. Os dois já se conheciam há algum tempo, já que ela era sua vizinha em Saquarema – onde sua família tem casa – e *ficaram* por algum tempo antes da primeira vez, embora não tenham chegado a namorar.

Em relação à decisão sobre qual o melhor momento para que a primeira relação sexual aconteça percebemos, mais uma vez, a importância fundamental da rede de amigos. No relato de Beatriz, fica clara a influência dos amigos tanto na decisão de perder ou não a virgindade e como nas tentativas de se preparar para esse momento:

A minha amiga que tava namorando o irmão dele falou: Cara, acho que eu vou dar pro Gustavo, o que você acha? Eu disse: Sei lá, cara, você que sabe, se quiser dar, dá. Ah, não sei. Será que eu sei pagar boquete? Umas coisas assim de menina mesmo... Aí ela pega uma banana, aí bota a camisinha na banana e não sei o que (risos). Aí, meio que era isso, sempre eu parava em algum ponto, eu nunca deixava ele tirar a minha blusa, nunca, eu morria de vergonha, era surreal. Aí, eu tinha feito 15 anos, aí eu pensei, ok, 15 anos é mais tranquilo, a gente já tava lá no rale rale, aí cara, em dezembro, dois meses depois, eu falei, foda-se, vou dar. (Beatriz, 26)

O início das relações sexuais foi entendido, por todos os entrevistados, como uma evolução natural de seus relacionamentos:

Foi normal, tipo... A gente ficava, daí as coisas foram esquentando... até que teve o dia que a gente transou (risos). Nem foi nada demais, mesmo. A gente foi melhorando com o tempo. (risos). Não, mas sério... A primeira vez foi numa viagem lá pro sítio. (Ana, 23)

Outro ponto importante é que as relações passaram a ocorrer na medida em que os relacionamentos eram percebidos como “*mais estáveis*”. Renata, por exemplo, conta que só após dois anos de namoro teve sua primeira relação sexual com o namorado e

que esperaram esse tempo mais por vontade dele; “(...) *ele dizia que como era tudo muito instável, ele não queria transar comigo porque se a gente, por algum motivo, em seguida terminasse eu ia ficar achando que ele era um babaca, que só queria transar*”.

As entrevistadas do sexo feminino falaram ainda sobre a distância que perceberam entre as ideias que tinham a respeito da primeira vez e o que ocorreu na prática. Segue abaixo um diálogo entre Bianca, Carolina e Renata:

Carolina: - *Cara, a primeira vez, você fica achando assim, ah, vai ser romântico...*

Renata: - *Porra nenhuma, dói pra caralho.*

Bianca: - *Dói e sangra, pra caralho, pelo menos eu sangrei, assim... Pô, eu tinha acabado de almoçar, aquela comida ali.*

Renata: *(risos).*

Bianca: - *Muito ruim! Ah, cara.*

Carolina: - *Bastidores, a parte que ninguém conta sobre a primeira vez.*

Renata: *(risos).*

Bianca: - *Né, depois você vai pegando o ritmo, com o tempo você vai pegando o ritmo e aí...*

Beatriz também comentou sobre algumas das dificuldades encontradas em suas primeiras relações: “(...) *O Rafael é raro, é um doce. Mas... foi difícil. E cara, o primeiro ser grande desse jeito é muito ruim. (...) Sério, eu não achava posição, então eu não achava bom, sabe? Eu achava aquilo uma violência (risos)*”. De acordo com seu relato, só começou a “*adorar sexo*” depois de alguns anos de prática.

5.1.4 – ENTRE IDAS E VINDAS: O FIM EFETIVO DOS PRIMEIROS NAMOROS.

Os primeiros términos de relacionamento também aparecerem nas entrevistas como momentos importantes nas trajetórias dos jovens. De forma geral, os entrevistados relataram ter pensado muito sobre o assunto antes de tomarem qualquer decisão e, ainda assim, idas e vindas foram frequentes antes que pudessem efetivamente terminar o namoro. Em muitos casos, em especial entre as entrevistadas do sexo feminino, essa decisão só pôde ser tomada quando surgia o interesse por outra pessoa.

Eu meio que terminei com o Paulo pra ficar com o Bruno. (...) Acho que eu já tava afim de terminar com o Paulo tinha tempo, sabe? Acho não, fato que eu já queria... Mas aí tem toda aquela coisa, foi meu primeiro namorado e eu gostava dele, ainda gosto até, só que não tava rolando mais como namorado. (Diana, 21)

O mesmo aconteceu com Renata, que terminou o namoro com Felipe dias depois de ter ficado com Pedro, que conheceu no curso de francês; “(...) a gente ficou. Isso foi numa sexta. Na segunda seguinte, eu cheguei mais cedo no curso, ele também e aí a gente ficou de novo. Na terça, eu tava terminando com o Felipe”. Embora mais frequentes entre as entrevistadas do sexo feminino, dúvidas em relação ao término do relacionamento também apareceram entre os entrevistados do sexo masculino. Renato, por exemplo, contou que antes de terminar definitivamente seu relacionamento com Isabela, sua primeira namorada, se separaram e reataram aproximadamente três vezes. Para Renato, isso aconteceu pela dificuldade de ambos de abrir mão das comodidades de estar namorando.

Um dos fatores mais citados como justificativa para o término de um relacionamento diz respeito à necessidade de abrir mão de determinadas coisas – como sair com os amigos, ou sair pra dançar. Este achado vai de encontro ao que escrevem Bauman (2004) e Chaves (2010) sobre a importância da liberdade individual na atualidade. A fala de uma das entrevistadas, Bianca, exemplifica essa questão:

A gente sempre se deu bem, não teve motivo, não teve briga, não teve nada. Eu acho que foi mais porque, tipo, eu tava querendo sair e ele é super ciumento. Então eu não podia sair com as minhas amigas, eu não... e eu adoro dançar, eu não podia dançar. Perdi contato com muita amiga minha, sabe? (Bianca, 19)

Outros entrevistados atribuíram o final de seus primeiros namoros à impossibilidade de manter o relacionamento à longa distância. Foi este o caso de Carolina, cuja primeira namorada se mudou para cursar faculdade e de Daniel, cuja primeira namorada foi morar com a família em São Paulo.

Embora a maioria dos entrevistados tenha apontado um motivo para o término de seus relacionamentos, alguns disseram que a separação ocorreu sem nenhum motivo aparente. Como os entrevistados, nesses casos, estavam se referindo às situações

ocorridas no início de suas trajetórias não há como saber se essa ausência de motivos foi vivenciada na época do término ou se esta é a interpretação que dão aos fatos alguns anos depois. De qualquer forma, relatos como o de Renato, para quem o primeiro namoro chegou ao fim quando *“os dois chegaram à conclusão de que era melhor terminar”* porque *“os dois tavam de saco cheio um do outro”* nos remetem aos relacionamentos puros descritos por Giddens (1993). Fica claro em declarações como esta que os relacionamentos só são mantidos na medida em que ambas as partes estão satisfeitas com ele. Não parece haver, para os jovens entrevistados, qualquer tipo de obrigatoriedade para manter um relacionamento no qual não tem mais interesse. A dificuldade para encerra-los diz respeito a outras questões, como os sentimentos que estão envolvidos ou mesmo a “comodidade” que proporcionam. Em algumas das relações descritas, o casal chegou junto à conclusão de que seria melhor terminar, como no caso de Marcela e Renato, mas, pelo que pudemos perceber na maioria dos casos, esta decisão foi tomada por apenas um dos parceiros.

Os termos entre casais que estudavam juntos se mostraram ainda mais complicados, já que a convivência diária foi mantida. *“A gente estudava na mesma sala, a gente pegava o mesmo ônibus, foi um inferno”*, disse Beatriz. Outra particularidade dessas relações diz respeito aos relacionamentos que vieram depois:

(...) depois que a gente terminou que ficou chato, que como a gente estudava no mesmo lugar, ficava se esbarrando direto e daí tinha aquele lance de não ficar com outras pessoas do colégio pra ela não saber e tal, mas é colégio, né? (risos) Todo mundo sabe de tudo de todo mundo, não adianta tentar esconder. (Bernardo, 21)

Uma situação semelhante foi relatada por Marcela, que após terminar seu namoro com Luiz, começou a namorar Pedro, que estudava no mesmo colégio, embora fosse de uma turma diferente: *“(...) teve estresse, não sei que, quando eu e o Pedro começamos a namorar, o Luiz ficou muito chateado”*.

5.2 - ESTAR SOLTEIRO OU ESTAR “NA PISTA”: POSSIBILIDADES DE EXPERIMENTAÇÃO.

Os períodos sem namorada/o representam, para a maioria dos entrevistados, a possibilidade de fazer coisas vetadas durante os relacionamentos – incluídas nestas possibilidades a de “ficar” com outras pessoas. Uma das entrevistadas, Bianca, relata ter

aproveitado seu período de “solteirice” para sair muito com as amigas, coisa que havia deixado de fazer durante o relacionamento, pois seu namorado era muito ciumento. Além de sair mais, Bianca acredita que o fato de ter *ficado* com outras pessoas foi fundamental para que ela pudesse repensar a importância que estava dando ao término do seu primeiro relacionamento:

Porque eu fiquei mal quando eu terminei o namoro e acabou levantando a minha autoestima, sabe? Pô, não é só ele que existe no mundo! Sabe? Vamos curtir um pouquinho. E depois se tiver que voltar a gente vai voltar. (Bianca, 19)

Foi possível perceber também, nas falas dos entrevistados, uma mudança significativa entre os comportamentos que caracterizavam o “*estar solteiro*” no início das trajetórias afetivo-sexuais e os comportamentos descritos em momentos posteriores, em especial após as primeiras relações sexuais. O *ficar*, que antes envolvia apenas beijos e carícias, passa a abarcar outras possibilidades. O “*só ficar*” ou o “*ficar sem nada mais sério*” passam então a ser utilizados no lugar do antigo *ficar*, e expressões como “*ficar mesmo*” ou “*pegar mesmo*” passam a nomear os encontros em que, além de beijos e carícias, ocorrem relações sexuais.

Outra diferença importante relatada pelos entrevistados diz respeito aos significados atribuídos ao *ficar*. Para os entrevistados, quando deram início às suas primeiras experimentações, era comum que após ficar algumas vezes com uma pessoa tivesse início um namoro. Este padrão não se repete, necessariamente, nos relacionamentos mais atuais. Embora muitos namoros ainda tenham início dessa forma – *ficar* algumas vezes e depois namorar – alguns entrevistados relataram que esta dinâmica sofreu mudanças importantes. De acordo com Marcela, por exemplo, com o tempo é possível ficar *aleatoriamente*, sem que o objetivo final seja o namoro. Beatriz acredita que isso ocorre porque com o passar dos anos, as pessoas passam a se preocupar menos com o que os outros vão achar; “*(...) eu acho que quando a gente é adolescente tem uma parada de você ficar com medo da fama*” (Beatriz, 26). De acordo com todos os entrevistados é possível ainda “ficar”, repetidas vezes, com uma mesma pessoa sem que isso caracterize um namoro.

Assim, pra ser muito sincera, eu já tinha mais ou menos a noção de que não ia durar muito com o Fábio, mas é aquilo, né? As vezes entre estar sozinha e ter companhia pra sair no fim de semana, melhor tá acompanhada. E não é que fosse ruim ficar com ele, era bem bom até, se é que você me entende (risos) beijo, sexo, tudo... Só que, além disso, a gente não tinha nada em comum. (Ana, 23)

No decorrer das trajetórias afetivo-sexuais, não são apenas as possibilidades do *ficar* que se ampliam, mas também as redes de sociabilidade em que os jovens estão inseridos. Isto é, aumentam também as possibilidades de com quem ficar. Se as primeiras experimentações acontecem, quase em sua totalidade, com pessoas de seu convívio diário, tal padrão não se mantém, necessariamente, com o passar dos anos. Conforme adquirem um maior grau de independência dos pais, as redes de amigos deixam de estar restritas a espaços como escola e atividades extracurriculares. Além disso, a maioria marca a possibilidade de acesso a locais antes proibidos como bares, boates e casas de show. De acordo com Daniel, “(...) *tem menina que você fica uma noite, num show, sei lá, não conta. Tem gente que eu não sei o nome não, não me orgulho, mas é fato, não sei mesmo*”.

A expressão “*tô na pista*” (que é uma abreviação de “estou na pista pra negócio”) apareceu em algumas entrevistas e significa que a pessoa está solteira e não tem compromisso nenhum naquele momento. A “*pista*” marca, em geral, para os jovens entrevistados, um período de franca experimentação e maior disponibilidade para encontrar parceiros. Apesar de esta expressão ser utilizada comumente por homens e mulheres, apenas as entrevistadas fizeram referência a ela no momento das entrevistas. É possível que os entrevistados do sexo masculino tenham ficado constrangidos fazer uso desse termo durante as entrevistas, frente a uma entrevistadora do sexo oposto. Nas conversas de mesa de bar, entretanto, tal constrangimento não pareceu existir. Em geral, as entrevistadas utilizavam-se desta expressão para caracterizar os momentos posteriores ao término de relacionamentos; “(...) *terminou e agora eu tô aí, sei lá, na pista pra negócio (risos)*” (Marcela, 25).

Aí a gente terminou, ele ficou muito mal. E aí, meu irmão, eu fiquei na pista, super na pista. Foi bizarro. Na primeira semana eu peguei o menino da faculdade, a gente ficou e aí depois ficamos umas outras 3

ou 4 vezes, a gente transou a noite toda, eu pensando, nossa, que coisa boa, ficar com outra pessoa, que divertido (risos). (Beatriz, 26)

Em relação ao estar na “*pista*”, ou mesmo o estar solteiro, é possível perceber entre os entrevistados duas tendências distintas. Em determinados momentos, tais como após o término de um relacionamento, por exemplo, a “*pista*” é encarada como possibilidade de vivenciar o que era “proibido” no namoro. Não há, portanto a intenção de conhecer alguém e começar outro relacionamento estável. Em outros momentos, no entanto, a “*pista*” aparece como possibilidade de conhecer pessoas novas e dar início a um namoro, por exemplo. Ainda que a permanência na “*pista*” não seja longa, nos parece que é preciso passar por ela antes de dar início a um relacionamento “mais sério”. Isto acontece porque o *ficar* permanece como principal forma de conhecer novas pessoas. Outra característica dessa fase de experimentações é que o corpo e, consequentemente as sensações, é sempre muito acionado.

(...) acho que muitas vezes a gente não sabe direito o que atrai, às vezes não é o físico que atrai, é outra coisa. Às vezes você não dá nada pelo cara, mas aí você pensa “ah, tá bom, vamos experimentar” e aí é aquela coisa maravilhosa, né? E aí... (risos). (Marcela, 25)

5.3 – O QUE DEFINE O NAMORO PARA OS JOVENS? E COMO SÃO ESCOLHIDOS OS PARCEIROS?

Os relacionamentos definidos como namoros são considerados “mais sérios” do que o “ficar” uma vez que, de acordo com os entrevistados, nesses casos é preciso ir além das sensações em jogo na prática do “ficar”. As definições sobre o que seria, ou não, o namoro, variaram muito pouco entre os entrevistados. De forma geral, todos concordaram que é uma relação que decorre de um investimento maior em determinada pessoa, com a qual se têm coisas em comum. Assumir o namoro perante a família e os amigos seria um marco importante nesse tipo de relacionamento. Embora as famílias nem sempre aceitem de bom grado estes relacionamentos, em especial os primeiros, eles tendem a ser tolerados.

Uma relação de namoro, de acordo com todos os entrevistados, pressupõe a exclusividade. A fidelidade foi apontada por todos como uma regra fundamental, embora não seja sempre cumprida. Outras relações que ocorrem durante o período de namoro são encaradas como traições e, em geral, ocasionam o término do

relacionamento. A confiança no parceiro também foi apontada como um ponto extremamente necessário nos namoros, e tem relação direta com a adoção, ou não, de práticas sexuais seguras. Este tema será discutido posteriormente.

De acordo com o material colhido nas entrevistas haveria, portanto, uma espécie de “kit básico” do namoro; regras implícitas e socialmente compartilhadas que acompanhariam este rótulo:

(...) se duas pessoas estão namorando, beleza, essas palavras, “estamos namorando” já engloba “você não vai me trair, você só vai sair comigo, a gente não vai sair com outras pessoas”. E aí se você quiser outras regras, se você quiser, por exemplo, um relacionamento aberto, aí você fala. Caso contrário não, aí é fechado, você não me trai, eu não te traio e acabou o assunto. (Renata, 26)

Em relação à utilização, ou não, o rótulo de “namoro” em seus relacionamentos, Carolina, que se relaciona com pessoas do mesmo sexo, tem um posicionamento bastante diferente das demais entrevistadas. Para ela não é necessário o rótulo de namoro para que haja uma relação de exclusividade e confiança. Carolina relata ainda que a ausência de tal rótulo é, muitas vezes, reflexo da maior dificuldade encontrada pelos casais do mesmo sexo para assumir seus relacionamentos perante a família e amigos – em sua família, por exemplo, apenas sua mãe (com quem mora desde que seus pais se separaram) sabe sobre sua orientação sexual.

Como foi dito anteriormente, com o passar dos anos é maior a possibilidade de que as experimentações afetivo-sexuais ocorram com pessoas de grupos distintos, uma vez que as redes de sociabilidade são ampliadas. Entretanto, ainda assim, dificilmente essas pessoas são completamente desconhecidas. A faculdade, por exemplo, reúne um público mais diverso do que o ambiente escolar, mas ainda é um espaço que seleciona e, por este motivo, pode ser entendido como um espaço “protegido” e que reúne pessoas com características e ideais similares.

Ao longo das entrevistas pudemos perceber em diversos relatos que ainda que *fiquem* com pessoas com perfis diferentes dos seus, tais relacionamentos dificilmente se tornam namoros, ou, quando isso acontece, são namoros curtos. Um exemplo disso aparece em um trecho da entrevista de Ana e Daniel, ambos de 23 anos:

Ana: Lembra do Fábio, Dani? (risos).

Daniel: É mesmo, nem lembrava (risos). Mas ele nunca ia dar certo com você! (risos).

Ana: Não ia mesmo... (risos).

Entrevistadora: Como assim nunca ia dar certo?

Ana: Ah, sei lá... mundos muito diferentes, ele é playboyzinho demais pro meu gosto, desses que bebem whisky e redbull, todo malhado de academia e meio cafa (cafajeste) demais pro meu gosto.

Diferenças importantes entre os membros de um casal podem ocasionar o fim do namoro. De acordo com Carolina, por exemplo, seu último relacionamento terminou porque a namorada e ela pertenciam a “mundos muito diferentes”. Para ela “os opostos se atraem na física e na química”. Na “vida real”, porém, semelhantes se sentiram atraídos uns pelos outros; “cachorro não vai atrair gato” (Carolina, 19).

5.4 – FIDELIDADE VERSUS TRAIÇÃO:

Como foi dito anteriormente, a fidelidade é um valor central nas relações de namoro. Para a maioria dos entrevistados este rótulo “namoro” implica exclusividade:

Entrevistadora: Por exemplo, quando se está namorando, essa exclusividade no namoro é implícita? Se nada foi conversado, como fica a questão da traição?

Renata: A partir do momento que não se conversa nada, que não se institui um rótulo, beleza, a gente pode até sair sempre, mas não tem nada.

Bianca: É, pois é.

Renata: Do tipo, a gente sai sempre, mas não tá namorando, então se eu quiser sair com outras pessoas tudo bem.

Entrevistadora: Então é esse título ou rótulo, namoro, que carrega certas regras com ele? O namoro vem com regras implícitas ou não necessariamente?

Renata: Já vem.

Bianca: É, já vem.

Carolina: Se é namoro, sim.

Bianca: E aí vai depender da pessoa, se ela tiver outras regras, ela vai ter que deixar isso explícito.

Entretanto não foram incomuns relatos de traições que ocorreram durante esses relacionamentos. Renata, por exemplo, relatou três casos de traição, que aconteceram nos dois últimos anos de seu namoro com Felipe, quando a relação entre os dois não estava em uma “fase boa”. De acordo com Renata, a decisão por terminar o relacionamento aconteceu depois que ela se envolveu com Pedro, que conheceu no curso de Francês. Ela disse ainda que não conversou com Felipe a respeito destas traições. Em geral, quando os parceiros descobrem ou são informados de uma traição o relacionamento termina:

(...) Quando eu fiquei com o Bruno eu sabia que não queria mais ficar com o Paulo. E eu sabia que se eu falasse pra ele, que tinha ficado com outro cara, a gente ia terminar e falei assim mesmo. (Diana, 21)

Ainda para a maioria dos entrevistados as traições ocasionem o término do relacionamento, Diana disse que ao longo de seu namoro com Paulo ficou sabendo que ele havia ficado com outras meninas. Ela disse, entretanto, que preferiu “deixar pra lá” e continuar o relacionamento como se ela não soubesse de nada já que, naquele momento, não queria terminar o namoro:

Diana: (...) O Paulo já tinha me traído também, só não assumiu, mas eu sabia... Não que justifique, mas...

Renato: Sério que ele te traiu? Você nunca disse isso.

Diana: Fiquei sabendo de pelo menos duas vezes. Uma vez minha prima viu ele ficando com uma menina numa festa, antes de eu chegar. Daí ela me falou, eu falei com ele... Ele disse que nem tinha sido nada, que ela tava exagerando, que todo mundo da minha família era contra o nosso namoro, que geral ficava inventando coisa pra gente terminar, essas coisas. Eu acabei deixando passar... Não é que eu achei que não tivesse acontecido, que minha prima tava mentindo, nada disso, mas deixei pra lá. Nunca nem quis perguntar pra outras pessoas que tavam na festa pra ver se alguém mais tinha visto. E aí teve outra vez, mais pro fim já, num finde que eu não fui pra lá.

Bernardo: Mas como você ficou sabendo? (Bernardo, 21)

Diana: Uma menina de lá me falou... Amiga da que ficou com ele até. E ela falou pra colocar pilha mesmo, que a gente nem era amiga nem nada... Mas essa ele negou que tivesse ficado. Até acho que ele deve ter ficado mesmo,

sei lá. Acho que eu não queria ver muita coisa que ele fazia, pra não terminar. Ai, enfim... (Diana, 21)

Em uma das entrevistas realizadas pudemos observar ainda uma espécie de “flexibilização” da regra da fidelidade. Renato relatou uma espécie de “contrato de viagem” que fez com Marcela, quando os dois viajaram para locais diferentes durante as férias e ficaram longe um do outro por cerca de três meses:

Entrevistadora: Como foi essa combinação da viagem? Não entendi...

Bernardo: Ela foi fazer mochilão pela Europa com umas amigas, quase 3 meses. E eu ia viajar 1 mês pela América do Sul com uns amigos. Antes disso a gente decidiu conversar, meio que combinar como ia ser, que a princípio eu ia com ela, mas por uma questão de grana acabou não rolando. E ela tinha a grana pra fazer Europa e tava tudo combinado com essas amigas, não tinha porque deixar de ir. Aí a gente conversou e achou que era melhor dar um tempo, pros dois irem viajar solteiros. Até pra não ficar aquela preocupação constante, um controlando o que o outro tava fazendo do outro lado do mundo. E pra aproveitar mesmo. A gente namorava desde cedo, normal ter vontade de ficar com outras pessoas, ainda mais numa situação dessas, de gente que você não vai ver nunca mais na vida, oportunidades que não sabe se vai ter mais. É muito menos hipócrita combinar esse tempo e acabou que foi o que a gente fez. Não é a parada mais confortável do mundo, não é mesmo, saber que tem a possibilidade da sua namorada estar se atracando com outro cara, mas, na moral, acho que podia acontecer da mesma forma. E aí depois que os dois voltassem, que eu ia viajar só depois e ia voltar 5 dias depois dela, a gente ia conversar e decidir se queria voltar a namorar ou não. Só que tinha isso de serem pessoas que a gente não ia ver mais... E a Jana os dois conheciam. Mas ao mesmo tempo, não fiquei com ela aqui, fiquei com ela na Bolívia e a primeira vez que a gente ficou os dois tavam muito loucos. Aí ficamos o resto da viagem e paramos quando voltamos pro Rio. A Jana sabia que eu queria voltar com a Marcela e em momento nenhum se incomodou com isso, ou pelo menos nunca falou que se incomodava, era só pegação, eu achava, por mim era... E ela topou não falar nada, a gente decidiu junto isso, porque ela também não queria estragar a amizade dela com a Marcela. Daí sei lá, acho que ela não segurou, se sentiu culpada depois ou tava afim de

continuar, porque foi legal, sei lá. Daí acabou falando e aí deu no que deu (término de seu relacionamento com Marcela). (Bernardo, 21)

Entre as entrevistadas do sexo feminino foi possível observar ainda que as traições ocorreram, em geral, quando o relacionamento apresentava algum problema. Isto é, quando não estavam mais satisfeitas com suas relações. Em momentos como esses as traições parecem ter a função de confirmar o fim do namoro:

(...) e a gente já tava meio na merda, né. Aí, no meio da festa à fantasia eu trai ele. Peguei um cara igualzinho a ele (risos), igualzinho. Era lindo, baterista. Só que aí eu fiquei com ele e comecei a me sentir culpada. (...) Aí no dia seguinte eu terminei com ele. E saí com esse outro cara mais uma vez só. (Beatriz, 26)

Entre os entrevistados do sexo masculino não houve relatos de traição. Embora Bernardo tenha ficado com outras meninas durante o período em que namorou Marcela, ele disse não considerar tal comportamento como traição uma vez que esta possibilidade havia sido discutida por ambos antes de irem viajar.

5.5 – PRÁTICAS DE PREVENÇÃO:

Em relação às práticas sexuais, pudemos perceber muitas semelhanças entre os entrevistados. Dos dez entrevistados, nove fizeram uso de camisinha em sua primeira relação sexual. Este dado vai de encontro às pesquisas apresentadas no primeiro capítulo que apontam um elevado índice de uso de preservativo nas primeiras relações sexuais. A única das entrevistadas que disse não ter usado camisinha na primeira relação foi Carolina. Ela atribui o não uso de preservativos ao fato de se relacionar com pessoas do mesmo sexo. Durante a entrevista, quando foi feita a pergunta sobre as práticas de prevenção que eram adotadas, ou não, Carolina respondeu da seguinte forma:

Choro. (risos). Porque não tem jeito, sabe? Faço meus exames de seis em seis meses, escolho bem minhas parceiras, mas não tem... Você vai fazer o que, cara? Não tem, vou botar o que, folha de papel ofício lá (risos). Não tem como. Então, faz exame de seis em seis meses e escolhe bem, escolhe as parceiras muito bem.

Entrevistadora: *Mas você faz, então, exames de seis em seis meses?*

Carolina: *Tem que fazer, faço. Hoje em dia você não sabe, não tá escrito “aidético” na testa da pessoa, então, escolher bem os parceiros, sabe? O mínimo de convivência pra eu poder achar que realmente pode ir tranquilo, mas já passei por situações, assim, de ficar desesperada.*

Entrevistadora: *Você pode contar como foi?*

Carolina: *Ah, eu descobri que a menina já tinha tido relacionamentos com homens e, tipo, nunca fez um preventivo na vida, sabe? E já tinha feito tatuagem também e nunca tinha feito um preventivo na vida dela! Sabe? O que é que pode ter ali... Fiquei com muito medo. (...) Aí aquele exame foi o que eu peguei mais tensa na minha vida, mas graças a deus tava tudo bem. Mas é isso, como não tem o que fazer. (Carolina, 19)*

Ainda de acordo com Carolina, no caso de relações sexuais entre mulheres, a única forma de se proteger de DSTs seria selecionando, da melhor forma possível, as parcerias:

(...) eu seleciono bem, não é qualquer uma e eu exijo que ela tenha um mínimo de cuidado com ela mesma, sabe? Já foi alguma vez na vida no ginecologista, de fato é lésbica, já fez um exame na vida e por aí vai. Se sim, aí tranquilo, mas se não. Porque eu não tenho como usar camisinha e chorar depois não vai resolver. (Carolina, 19)

Entre os demais entrevistados, “*conhecer bem a pessoa*” e ter confiança nela, aparecem como critérios importantes para o não uso do preservativo. É preciso dizer ainda que para a maioria dos entrevistados a preocupação maior em relação ao sexo, isto é, em relação aos riscos que pode oferecer, diz respeito à gravidez. Em geral, quando não há o risco de gravidez, nos casos em que a menina está fazendo uso de pílulas anticoncepcionais, por exemplo, o uso da camisinha tende a diminuir. A redução no índice de uso do preservativo conforme as relações se tornam mais estáveis também é um dado apontado na bibliografia consultada. Seguem a seguir trechos de algumas das entrevistas que exemplificam essa questão:

(...) a preocupação minha e do Renato, que é meu namorado, é justamente de não engravidar. Nunca, nunca tive assim muita preocupação de DST, então a gente transa sem camisinha.

Entrevistadora: *E você toma pílula?*

Bianca: *Eu tomo pílula, mas assim, é um relacionamento baseado em confiança. Tem que ter confiança, né? E tranquilo, assim, sabe? Eu nunca tive preocupação quanto a isso. Fico desesperada é com gravidez. (Bianca, 19)*

Então, sei lá, fico tranquilo com essa parada de doença. Se eu tiver numa relação legal, estável, fico tranquilo. A maior preocupação é mesmo a menina engravidar... Se isso tiver tranquilo, tá tudo certo. (Bernardo, 21)

(...) Eu usei camisinha um bom tempo no começo do namoro com o Paulo, mais de seis meses fácil. E direto, direitinho... Nada de coito interrompido, tabelinha, essas coisas. Eu tinha medo de engravidar, e, na boa, acho até que o Paulo tinha mais medo ainda de gravidez. Porque eu era mais nova, meus pais já eram contra, sei lá. Mas aí aconteceu isso que o Bê falou, eu fui na médica, pedi pra começar a tomar pílula e aí a gente foi parando de usar camisinha, que ela também explicou que eu não podia parar de usar de um dia pro outro. Mas o Paulo sempre foi todo preocupado com isso, de saber se eu tava tomando direitinho... No começo eu esquecia muito. Eu por mim tomaria até injeção, mas a médica disse que como eu era muito nova, ela não aconselhava. E assim, o Paulo realmente era muito preocupado com isso no início, acho que ele se sentia responsável, sei lá, porque eu era mais nova, menor de idade... Não sei, só sei que ele sabia mais do meu ciclo que eu (risos). E DST, assim, eu não pensava muito não. Quando eu falei com a ginecologista da pílula, que eu tava pensando em parar de usar camisinha, que tava namorando e tal, ela até disse que era importante continuar usando, pra prevenir das doenças, mas sei lá... Eu perguntei pro Paulo uma vez se ele tinha certeza que não tinha nada e ele disse que não tinha, que fazia exame sempre e que eu podia ficar sossegada... E eu fiquei... Sossegada até demais (risos). (Diana, 21)

Entrevistadora: - *Como assim sossegada até demais?*

Diana: *Eu desliguei disso... De me preocupar com essas coisas, gravidez, DST".* (Diana, 21)

Eu sempre me preocupei com doença. Mas, tipo, tem relações que você confia, que o cara que tá com você vai ter o mínimo de cuidado, de não te expor a uma doença, sabe?. (Beatriz, 26)

A tendência é que a camisinha seja utilizada no início do namoro e depois seja substituída pelo anticoncepcional feminino (pílula ou *anel*). Alguns dos entrevistados relataram ainda a prática do coito interrompido, em geral entre as primeiras relações com camisinha e a decisão de adotar o anticoncepcional feminino. Nesses períodos não foram raros os relatos de “sustos”; momentos em que a menstruação da menina atrasava e acreditava que poderia estar grávida. Seguem trechos das entrevistas de Ana e de Bernardo sobre o assunto:

Logo no começo, com o João eu ainda não tomava nada né? Assim, pílula, essas coisas... Nossa primeira vez foi com camisinha. As outras também, mas aí, não sei se porque ele era meio inexperiente, ou sei lá, ele começou a broxar quando colocava a camisinha. Aí a gente parou de usar, ele gozava fora, mas todo mês eu ficava paranoica e acabei indo na ginecologista e comecei a tomar pílula. (Ana, 23)

(...) com as namoradas eu só usava no começo... Ou quando tinha alguma coisa com a pílula, aí rolava com camisinha. Com a Bruna foram pouquíssimas vezes de camisinha, com a Aninha foi sempre sem... Tá que foram 3 vezes, mas foi sem. A primeira vez eu não lembrei, nem ela. E nas outras também não. Acho que ela tava tomando pílula, foi isso, ela tomava pílula, daí desencanamos. Com a Marcela foi até menos tempo de camisinha do que com a Bruna, rolou um esquema de gozar fora um tempo e aí depois ela começou a tomar pílula. Com ela rolaram uns sustos, umas duas vezes a menstruação dela atrasou muito, mas por sorte não foi nada. (Bernardo, 21)

Como foi dito anteriormente, as relações sexuais com camisinha dentro de um contexto de namoro tendem a ser provisórias. Em alguns casos, como os relatados por

Diana e Beatriz, a interrupção no uso do preservativo aconteceu após se certificarem, através de exames, de que os parceiros não possuíam qualquer tipo de doença:

Diana: *As primeiras vezes a gente usou camisinha, daí depois que a gente começou a namorar eu ia voltar com a pílula, mas umas amigas comentaram do anel... Que tem essa vantagem de não ter que lembrar de tomar todo dia. Aí tô usando esse anel. Ah, e com ele antes de pararmos com a camisinha os dois fizeram os exames. Eu que pedi dessa vez.*

Entrevistadora: *E o que foi diferente dessa vez? Já que você disse que com o Paulo não pediu.*

Diana: *- A gente tava saindo de uma fase de solteirice, depois de muito tempo de relacionamento... Eu não tenho ideia do que ele fez nesse tempo dele de pista, com quem ele ficou e tal... Assim, sei de algumas coisas só e pelas histórias que escutei de amigos nossos eles andaram pegando umas mulheres muito baixo nível. Eu sei que eu só transei com camisinha com esses caras que eu fiquei depois do Paulo, todos, sem exceção, mas não sei o que ele fez, e nem vou ficar perguntando. Então assim, ele não teria por que se preocupar comigo... Só que eu fiquei de pé atrás com ele. Mas ele topou também, numa boa, fazer os exames, achou legal. Que ele também sempre reclamou da camisinha. Acho até que se eu não tivesse insistido um pouco, se dependesse só dele, a gente ia ter parado de usar antes, mas como eu falei que preferia esperar os exames, a gente deu uma segurada. Que ok, eu prefiro sem, óbvio, é mais confortável, mais gostoso, tudo isso, mas também não me incomoda tanto assim, pelo menos não se for uma coisa provisória, também não ia querer se fosse direto, podendo fazer sem. (Diana, 21)*

Entrevistadora: *E com o Jorge em que momento vocês pararam de usar, quando vocês estavam namorando?*

Beatriz: *É, quando a gente já tava namorando. E com os exames dele na mão... (risos)*

Entrevistadora: *E você que pediu pra ele fazer?*

Beatriz: *Não, ele tinha, porque ele fazia, porque ele é doador de sangue e ele é militar, então ele tem que fazer. Então a gente usou*

muito pouco tempo camisinha, o que é bom também, porque eu nunca gostei muito de camisinha. (Beatriz, 26)

A prática de pedir ou realizar exames antes de interromper o uso de preservativos não é, entretanto, uma prática comum. Ela só ocorre quando se sabe que o parceiro em questão teve uma vida sexual muito ativa, com parcerias que despertam desconfiança. No início das trajetórias, quando os jovens possuem menos experiências esse tipo de preocupação parece não existir e a interrupção no uso da camisinha ocorre sem maiores preocupações em relação aos riscos de contrair DSTs.

A preferência por ter relações sexuais sem fazer uso de preservativo foi declarada por praticamente todos os entrevistados:

Ana: Até me preocupo com doença, mas sei lá, acho que não é uma preocupação tão constante, sabe? Não penso nisso o tempo todo. Não tem nem como. E quando você tá namorando, você confia também na pessoa. Porque não tem como usar camisinha direto, ninguém gosta, não digo nem só os caras não... As meninas também, pode perguntar. Incomoda, dá alergia.

Daniel: Isso é, é outra coisa sem camisinha. A gente usa porque é uma proteção, te dá uma liberdade maior... Mas uma vez que você tá direto com alguém, tem aquela confiança, normal parar.

Entrevistadora: E o que seria essa confiança?

Daniel: Saber que a pessoa não tem nada, que tá se cuidando pra não engravidar... (Daniel, 23)

Ana: E que não vai te trair ou que se for, vai usar camisinha com essa pessoa. Acho que é uma coisa de confiar que o cara gosta de você o suficiente pra cuidar de você, sabe? (Ana, 23)

Marcela: Cara, eu não curto também não, camisinha.

Beatriz: É uma merda, né?

Marcela: Eu acho que corta tesão, acho que, dependendo da marca eu fico muito assada, acho, tipo assim, até continuar, tipo ele tem que colocar outra camisinha e aí já não dá, tipo ai, saco!

Beatriz: O que dá pra aproveitar logo depois de gozar, quando você tem que botar outra camisinha já não dá mais... (Beatriz, 26)

Marcela: *Já não dá mais. Te dá aquele break ali, que tipo, porra... um saco. A minha primeira vez foi com o Luiz, né? Com camisinha, não sei o que. E foi a primeira vez dele também. Foi com camisinha, até certo tempo, quando eu comecei a tomar a pílula. Aí foi sem camisinha.* (Marcela, 25)

(...) *E aí com a Luiza no começo a gente usou, ela tava até tomando pílula, mas a gente usou assim mesmo, ela que insistiu... E mais porque ela insistiu mesmo. E aí, ok. Depois de um tempo, quando a gente começou a namorar sério, ficamos um mês sem usar nada, mais ou menos... Quer dizer, sem usar camisinha, que ela tava tomando pílula ainda. E aí... Tipo, agora, semana passada, a médica dela pediu pra ela parar de usar por um tempo, a pílula, porque ela tava tomando desde os 15, 16, sei lá. Só pra fazer uma pausa mesmo, que ela disse. Aí enquanto tá nisso vai ter que ser de camisinha... Mas sei lá, ela vai ver na próxima consulta se rola usar alguma outra coisa, porque direto com camisinha não é a mesma coisa...* (Bernardo, 21)

Ao contrário do que ocorre nos relacionamentos considerados estáveis, como é o caso do namoro, quando as relações sexuais ocorrem com pessoas com as quais não se tem um relacionamento de confiança a tendência entre os entrevistados é que se faça uso de preservativos. Esta tendência aponta para o fato de que, quando se percebem em risco, os jovens tendem a adotar medidas de prevenção. Utiliza-se a camisinha, portanto, com parceiros casuais. Nos relacionamentos descritos como “rolo” não há uma regra geral sobre o uso ou não da camisinha, mas parece existir uma tendência a abandonar seu uso quando a relação se torna “mais séria”. Os relatos dos jovens entrevistados apontaram ainda para a ocorrência de “falhas” na prevenção, que foram associadas à inexperiência, “afobação”, esquecimento ou questões relacionadas ao abuso de álcool:

Ah, esse foi com camisinha. Mas é, aí é diferente, porque eu mal conhecia, a gente não tinha nada sério e nem ia ter, então, com camisinha. (Bianca, 19)

E umas outras duas vezes que rolou sem. Uma vez quando eu era mais muleque, na afobação não coloquei, a menina não pediu também e tal, foi assim mesmo. E uma outra vez num carnaval, essa aí eu tava

transtornado de bêbado, nem lembro direito, sei que a menina não pediu e eu não coloquei. Acho até que tinha na carteira, mas não coloquei. (Bernardo, 21)

Uns caras que eu fiquei, mas aí só fiquei... e dois que eu transei mesmo. Um depois que eu terminei com o Lucas, antes de voltar com o João e outro logo depois que eu terminei com o João, antes até de ficar com Fábio. Desses aí com um eu usei camisinha e com esse último não, nem lembramos na hora. Tomei pílula do dia seguinte e daí quando fui na ginecologista pedi pra ela pedir os exames, eu fiz, e tudo certinho. (Ana, 23)

Marcela: *Eh, a primeira pessoa que eu transei depois do Pedro foi o Thiago, que a primeira vez não foi com camisinha, uma merda.*

Entrevistadora: *Essa foi a vez que você tava bêbada?*

Marcela: *Praticamente todas as vezes que eu transei com ele eu tava bêbada (risos).*

Beatriz: *(risos)*

Entrevistadora: *Mas foi daquela vez que você contou, de quando foi pra casa dele?*

Marcela: *Não, não foi a primeira vez que eu fiquei com ele. Eu só transei com ele depois... Aí a primeira vez foi sem camisinha, depois umas vezes com. Aí quando a gente tava ficando direto a gente transou um tempinho sem camisinha. E aí depois que a gente parou de ficar direto e que tá essa confusão é com camisinha direto. E aí é isso. (risos).*

Entrevistadora: *E quando vocês transam sem camisinha tem algum tipo de preocupação, com DSTs, gravidez?*

Marcela: *Cara, eu, sinceramente, nunca me preocupei muito com essas paradas de doença, não. A minha preocupação sempre foi de engravidar. (Marcela, 25)*

Dentre os entrevistados, cabe destacar o comportamento de Renata, que difere do que foi relatado pelos demais entrevistados. Ela relata que poucas vezes ao longo de sua trajetória fez uso de camisinha ou de pílula anticoncepcional e que durante um período longo de seu namoro o único método utilizado para evitar gravidez foi o coito

interrompido: *“A gente sempre contou muito com a sorte! (risos) E no calor da situação, nenhum de nós ia parar pra pensar em gravidez”*. Renata conta também que por diversas vezes ao longo do período do namoro achou que pudesse estar grávida. Ainda assim, a prática do coito interrompido foi mantida durante todo o namoro e utilizada também nos relacionamentos posteriores. Para ela, as DSTs nunca foram uma preocupação real: *“Nunca foram. E com os outros caras também não foi uma preocupação, tanto que não usava, com a maioria deles foi coito interrompido também. Maluca, eu sei. Mas, não penso mesmo. Na hora, lá, não quero nem saber”*. De acordo com Renata a preocupação com DSTs só ocorreu em uma situação específica:

Só usei com um cara, que era meio que ex-namorado de uma menina que eu conhecia, da faculdade, que queria dar um troco nela, porque ela tinha traído ele. Com ele, como eu não sabia de onde ele vinha nem pra onde ele ia, em termos de relacionamento. Não tinha como não usar! (Renata, 26)

Outro caso que difere um pouco dos demais é o de Renato. Ele conta que sua mãe engravidou dele muito nova e que por esse motivo sempre teve uma preocupação maior em relação à possibilidade de uma gravidez não planejada. Segue o trecho:

Renato: *Com a Isa eu usei camisinha muito tempo. O primeiro ano todo, pelo menos, se não um pouco mais. Era bem sossegado... Eu também nunca tinha transado sem camisinha, nem ela.*

Diana: *Jura?*

Renato: *Ahan. Só que daí ela começou a ter alergia ao látex da parada... A gente usou um pouco daquela camisinha especial, sabe? Uma que não é de látex, mas depois achamos melhor parar mesmo e daí ela ficou só tomando pílula. O que você tinha perguntado antes, das preocupações... Com ela eu não tinha nenhuma preocupação com pegar DST. Os dois eram virgens quando a gente começou a transar e nem acho que ela me traiu nem nada assim. Eu também não fiquei com ninguém enquanto eu tava com ela. Tinha mais receio dela engravidar, mesmo. Por isso que a gente usava camisinha mesmo ela tomando pílula, pra ser uma proteção a mais. Só paramos mesmo por causa da parada da alergia. Com a Natália eu tenho também essa preocupação de gravidez... Não chego a ser que nem o namorado da*

Diana que sabia mais do ciclo dela do que ela própria (risos), mas eu perguntava se a Isa tava tomando, se tava tudo bem. Com a Natália também... Assim, minha mãe engravidou de mim com 16 anos, e tava com 17 quando eu nasci. Meu pai nunca foi um cara presente e ela até que foi, um tempo, mas quando eu tinha 3 anos ela acabou indo morar fora e eu acabei sendo criado pelos meus avós. E beleza, não foi ruim ter crescido com os meus avós, mas acho que isso tem a ver. Que eu me preocupo mais com essa coisa de engravidar cedo, porque eu sei a barra que é. No que depender de mim eu só vou ser pai quando eu quiser ser pai mesmo, não vou ser pai por acidente que nem tem muito por aí.

Entrevistadora: *E nas relações que não são com namoradas?*

Renato: *Com camisinha também. Aconteceu já, uma vez, da camisinha estourar... Mas a gente percebeu na hora. De manhã passei com ela na farmácia pra comprar a pílula do dia seguinte e tal, liguei depois pra saber como ela tava, essas coisas.*

Diana: *Sério, Renato, você não existe! (Diana, 21)*

Renato: *Mas nem é gentileza, nem favor isso não, Di. Se eu não me preocupo e a menina engravida é minha também a responsabilidade depois. Não vou arriscar. Não mesmo. (Renato, 22)*

Outro ponto que pode ser destacado das entrevistas diz respeito às práticas de sexo oral. Um diálogo entre Diana e Renato exemplifica bem essa questão:

Diana: (...) Acho que ninguém usa camisinha, por exemplo, pra sexo oral... Tô falando por mim, que, cara, sempre usei camisinha com caras que não fossem meus namorados quando era penetração, mas que não uso se rolar sexo oral. Tá que não fiz sexo oral com um milhão de caras, mas, na boa, ninguém usa. Tem menos risco de pegar qualquer coisa, ok, tem, mas ainda que fosse igual. É estranho pensar em sexo oral de camisinha. Ninguém usa. Usa, Renato? Isso a menina fazendo no cara, já é difícil, o cara na mulher, então, duvido...

Renato: *- Não, não rola mesmo. (Renato, 22)*

Diana: *- Tem sempre a possibilidade, a gente nunca tá completamente protegido... Enfim, é isso. (Diana, 21)*

Ao que parece, para os jovens entrevistados – de ambos os sexos e independente da orientação sexual - a prática de sexo oral não é compatível com medidas de proteção. Isto não significa dizer que os jovens não a percebam como uma prática sem riscos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os dados de pesquisas recentes que apontam para uma tendência de aumento na prevalência da infecção pelo HIV, bem como demais DSTs, entre jovens, buscamos, com a presente pesquisa, compreender os significados e justificativas que orientam o uso, ou não, do preservativo na iniciação amorosa e sexual na juventude. Observamos, no grupo pesquisado, constituído por jovens universitários, que o acesso à informação a respeito dos riscos das relações sexuais não protegidas não é suficiente para que o uso do preservativo seja adotado em todas as relações e que apesar das campanhas a favor do uso sistemático dos preservativos, os jovens continuam a usa-lo de forma inconsistente.

Não seria o caso, entretanto, de dizer que o uso do preservativo não é aceito entre os jovens. A maioria dos entrevistados, nove entre dez, iniciou-se sexualmente fazendo uso de preservativo. O que verificamos, no entanto, é que a necessidade de tal uso está fortemente relacionada à prevenção de gravidez ou a proteção frente a situações percebidas como “de risco”. Para a maioria dos entrevistados, quando a preocupação com a possibilidade de uma gravidez não está mais em pauta e quando as relações ocorrem no contexto de um relacionamento percebido como estável e seguro, como as relações de namoro, a tendência é que se abandone o uso do preservativo. Frequentemente observamos que com o início do uso de métodos contraceptivos, pílula anticoncepcional ou anel, tende a diminuir o uso da camisinha. A prática do coito interrompido também foi relatada por alguns dos entrevistados como forma de evitar a gravidez, mas nesses casos, como a incidência de “sustos” foi alta, ela foi prontamente substituída por formas de contracepção mais eficientes. O uso da pílula do dia seguinte também foi relatado por dois dos entrevistados, como forma de evitar a gravidez em situações em que a camisinha “*estourou*” ou foi esquecida.

Outro ponto a ser destacado é que as primeiras parcerias, em geral, se formam dentro de uma rede pequena de amigos ou colegas, que se conhecem da escola, de atividades extracurriculares ou mesmo do local em que residem. Por se tratarem de pessoas próximas, que circulam em um meio conhecido e familiar, parece haver nesses relacionamentos uma maior percepção de segurança do que nos demais. Quando as relações sexuais ocorrem com pessoas “*desconhecidas*”, isto é, pessoas que não são conhecidas previamente e cujas experiências e parcerias passadas estão em aberto, a tendência é que se faça uso do preservativo. O preservativo parece, para os jovens

entrevistados, estar, ainda, fortemente relacionado ao universo do “desconhecido”, mais próximo à ideia de “promiscuidade sexual”.

Nas relações de namoro, bem como em relações consideradas “*mais sérias*”, a maioria dos entrevistados relatou não julgar que o uso do preservativo se faça necessário. Apenas dois dos entrevistados, Beatriz e Renato, relataram o uso de preservativo e pílula concomitantemente. Renato ressaltou, entretanto, que tal prática era muito mais uma forma de estar mais protegido de uma possível gravidez do que uma preocupação em relação às DSTs. Beatriz foi única, dentre os entrevistados, que fez uso do preservativo durante todo o período de seus dois primeiros namoros e que relatou uso do preservativo e da pílula anticoncepcional durante o início de seu terceiro namoro, com Erick. Para esta entrevistada, apenas em seus três últimos namoros (Erick, Diogo e Jorge) ela optou por deixar de usar o preservativo e fazer uso de outros métodos contraceptivos, por confiar em seus parceiros. A confiança parece ser um fator determinante nas relações desse tipo, que parecem ser regidas por normas e valores relacionados ao amor romântico. A fidelidade nesses casos aparece como uma regra importante, porém, como toda regra, nem sempre é respeitada. A traição aparece nas entrevistas como uma questão delicada e complicada. Os jovens a reconhecem como uma possibilidade, mas isso não faz com ela seja discutida pelos parceiros. Embora acreditem que, em caso de traição, deva-se usar camisinha para proteger os parceiros estáveis de qualquer risco, tal prática também não costuma ocorrer. As relações de traição relatadas nas entrevistas tendem a seguir a mesma lógica do que as demais, isto é, se as parcerias são percebidas como seguras e se não há risco de gravidez, o preservativo não é utilizado.

Retomando a questão apresentada por Pais (1990) passamos a nos perguntar então se os jovens sentiriam os riscos de contrair DSTs/AIDS como um problema que lhes diz respeito. Com base nas entrevistas, acreditamos que não. Ao que parece, o preservativo é utilizado sempre que tal prática é percebida como necessária e abandonada quando as relações são entendidas como seguras (pela confiança que se tem na parceria e pela ausência de preocupação em relação à gravidez). Se as relações são “seguras” não há riscos e, assim sendo, não haveria do que se proteger. O fato de que os primeiros relacionamentos são vivenciados dentro de uma rede restrita, em geral com pessoas conhecidas, parece contribuir também para esta maior sensação de segurança.

Talvez por existir ainda uma relação forte do uso do preservativo com a existência de múltiplas parcerias, percebemos em algumas das entrevistas que o uso, ou

não, da camisinha indica o status ou a importância que determinado relacionamento possui. Se o relacionamento é “*sério*”, as práticas sexuais podem prescindir do uso do preservativo, em caso contrário, ele deve ser mantido. Com base no discurso de algumas entrevistadas parece que a negociação a respeito do uso, ou não, da camisinha tem menos relação com a prevenção propriamente dita do que com o status que o relacionamento entre elas e seus parceiros irá receber. Deixar de usar camisinha seria, dessa forma, uma troca. A maior possibilidade de obter prazer nas relações – tendo em vista que para a maioria dos entrevistados o sexo sem preservativo é mais prazeroso – seria o que os jovens do sexo masculino ganhariam em troca ao abrir mão de outras possíveis parcerias. A necessidade de estar em uma relação de namoro parece ser maior entre as entrevistadas do sexo feminino, embora para os jovens de ambos os sexos as relações de namoro sejam a forma mais aceita e valorizada socialmente no que diz respeito à iniciação amorosa e sexual. Acreditamos que o namoro ganha mais importância para as moças, uma vez que para elas, mais do que para os rapazes, as relações que ocorrem fora do contexto de um namoro carregam conotações negativas e são associadas à “*promiscuidade sexual*”. Enquanto para os jovens do sexo masculino possuir muitas experiências é algo associado à maior virilidade, e por esta razão um comportamento valorizado, o mesmo não ocorre entre as moças. Isto indica que apesar de uma maior possibilidade de práticas e vivências relacionadas à iniciação amorosa e sexual, os valores e roteiros sexuais de gênero que regem a entrada dos jovens na sexualidade permanecem bastante desiguais.

Ainda de acordo com o material colhido, parece haver para os jovens entrevistados, tanto moças como rapazes, uma grande dificuldade de considerar os riscos que a prática sexual envolve ao mesmo tempo em que se preocupam e aprendem sobre os afetos envolvidos nos relacionamentos amorosos. Não é que não reconheçam que há riscos ou mesmo que os neguem, mas como se houvesse uma impossibilidade, em especial no início das trajetórias, de considera-los e, ao mesmo tempo, investir nas relações. Como se não houvesse relação possível sem confiança entre os parceiros. Os afetos e sentimentos, entretanto, não foram propriamente declarados nas entrevistas. Ao que parece, quando os jovens se referem à confiança que possuem nos parceiros ou dizem que eles transmitem segurança estão também falando de afetos, mas esse assunto não foi tratado de forma explícita por nenhum dos entrevistados. Apenas em algumas falas, em geral quando estavam relatando termos de namoros ou falando das dificuldades encontradas em alguns relacionamentos, é que a questão dos sentimentos

entrava em pauta. O fato de não aparecerem mais falas a respeito dos afetos envolvidos nessas relações pode indicar uma dificuldade por parte dos jovens de falar sobre assuntos que causem incômodo ou que exponham suas fraquezas e dificuldades. Nas conversas entreouvadas nos bares não era incomum que os amigos comentassem sobre seus problemas e percalços em suas relações. Durante as entrevistas, entretanto, essa tendência não se manteve. Marcela, por exemplo, preferiu não falar sobre os dilemas de sua relação com Thiago e Ana, por sua vez, também preferiu não expor detalhes de sua relação com Paulo que lhe causaram sofrimento, como os episódios de traição – que foram apenas mencionados brevemente. Esta dificuldade de falar sobre esses assuntos pode ser atribuída a um aprendizado; os jovens estão ainda aprendendo sobre seus sentimentos. Em especial os sentimentos envolvidos nos relacionamentos e seus efeitos – tanto neles próprios como em seus parceiros.

A tese de que o uso de preservativos estaria diretamente associado ao tipo de relacionamento em que estão inseridas as práticas sexuais foi confirmada, mas parece que tal uso está também relacionado às possibilidades de obter prazer nas relações. De acordo com os jovens entrevistados, a não utilização do preservativo possibilita que as sensações decorrentes da prática sexual sejam mais intensas e, por esta razão, as relações desse tipo são apontadas como mais prazerosas. Com base no material das entrevistas nos parece que os jovens estão, a todo o momento, considerando e comparando dois fatores: riscos envolvidos e possibilidades de obter prazer. Quando classificam determinada prática como muito arriscada – o que acontece, por exemplo, quando não tem nenhum conhecimento dos parceiros – não hesitam em fazer uso do preservativo, mesmo que isso signifique uma sensibilidade reduzida na prática sexual. Da mesma forma, quando há possibilidade de uma gravidez a camisinha tende a ser utilizada. Nessas duas situações, entretanto, como em todas as outras, parece haver sempre a possibilidade de falhas na prevenção, atribuídas a fatores como inexperiência e abuso de álcool. Nos relacionamentos estáveis, entretanto, a confiança envolvida bem como o uso de métodos contraceptivos parece diminuir a percepção dos riscos envolvidos e, dessa forma, há para os jovens a possibilidade de descartar o preservativo e obter mais prazer com a prática sexual.

Entendemos que o período da adolescência, que abarca as primeiras experimentações, deve sim ser encarado como uma possibilidade de intervir e tornar os jovens menos vulneráveis às DSTs/AIDS. Entretanto é preciso, cada vez mais, que se tenha a noção de que qualquer intervenção que esteja baseada apenas na transmissão de

informações a respeito dos riscos é insuficiente. Parece-nos que a intervenção que se faz mais urgente diz respeito à discussão dos valores, muitas vezes tradicionais, que regem a iniciação amorosa e sexual dos jovens, como é o caso dos roteiros sexuais de gênero. Enquanto o uso dos preservativos continuar sendo associado à “promiscuidade”, poucas são as chances de que seja mais utilizado, não apenas pelos jovens, mas também por toda a população brasileira sexualmente ativa. Percebemos ao longo das entrevistas que as meninas descritas como “moça de família” ou “para namorar”, seguem como aquelas com as quais não se faz uso de preservativo. Este parece ser um ponto que torna as moças mais vulneráveis, já que exigir o uso da camisinha pode ser entendido por alguns rapazes como um atestado de que elas já tiveram múltiplas parcerias. Valores como a fidelidade também precisam entrar na pauta das discussões, já que parece que esta é uma regra frequentemente quebrada e que acaba por colocar os parceiros em risco.

Por fim, parece haver ainda outro fator que contribui para aumentar a vulnerabilidade dos jovens às DSTs/AIDS. Em relação à AIDS, não há atualmente a mesma referência à doença que havia, por exemplo, na década de 80 do século XX. Os jovens que estão iniciando agora suas trajetórias não percebem o HIV/AIDS como a ameaça que ela representava nas décadas anteriores. Com os avanços no tratamento da AIDS e a quantidade cada vez maior de pessoas vivendo com o vírus, a associação direta da doença com a morte não é mais uma realidade. Ainda em relação às demais DSTs, parece que a possibilidade de serem tratadas sem que ocasionem maiores problemas de saúde, reduz a preocupação com os riscos de contágio. De acordo com as falas dos jovens parece que a gravidez é o único risco “real” do qual devem se proteger sempre.

Como pontos que merecem maior atenção em pesquisas futuras, destacamos a necessidade de compreender com mais detalhes como se dão as relações sexuais fora do contexto do namoro e como é realizada a prevenção nesses períodos. Embora os entrevistados tenham se referido a períodos de “solteirice” ou “pista”, pouco foi possível conhecer da dinâmica das interações nesses momentos. Talvez, ao utilizarmos o termo relacionamento para perguntar sobre as experiências passadas e atuais dos jovens entrevistados, tenhamos reduzido a abrangência da pesquisa. Isto porque o termo “relacionamento” parece ser destinado apenas às experiências mais significativas. Pudemos perceber que embora o “ficar” seja uma prática comum e aceita entre os jovens, ela não é considerada como um relacionamento propriamente dito. O estar “na pista para negócio” também parece representar um fenômeno reduzido para os jovens

entrevistados. Entretanto, comportamentos e práticas referentes às relações sexuais que ocorrem nesses períodos podem ter reflexos nos relacionamentos ou namoros futuros uma vez que, de acordo com os entrevistados, a interrupção do uso do preservativo quando os relacionamentos se tornam “*mais sérios*” poucas vezes é acompanhada de exames que atestem que os parceiros não possuem nenhuma DST.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ABRAMO, H.W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, nº 5, 1997.

AQUINO, E.M.L.; HEILBORN, M.L.; KNAUTH, D.; BOZON, M.; ALMEIDA, M.C.; ARAÚJO, J. & MENEZES, G. **Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais.** Caderno de Saúde Pública, nº 19, sup. 2, pp. 377-88, 2003.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOZON, M. **Sociologia da Sexualidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRAVERMAN, P.K. **Sexually transmitted diseases in adolescents.** Medical Clinics of North America, nº 84, pp. 869-89, 2000.

BRITO, A.M.; CASTILHO, E.A. & SZWARCOWALD, C.L. **AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada.** Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, vol. 34, nº 2, pp. 207-17, mar-abr/2000.

BUCHALLA, C. & PAIVA, V. **Da compreensão da vulnerabilidade social ao enfoque multidisciplinar.** Revista de Saúde Pública, vol. 36, supl. 4, pp. 117-19, 2002;

CARRANO, P.C.R. **Debate – Juventudes em rede: jovens produzindo educação, trabalho e cultura.** Salto para o futuro, Boletim 24, pp. 3-6, nov/2007.

_____ **Juventudes e cidades educadoras.** Petrópolis: Vozes, 2003.

CHAVES, J. **As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade.** Psicologia em revista. Belo Horizonte. vol. 16, nº 1, pp. 28-46, 2010.

CORRÊA, S. **Gênero e sexualidade como sistemas autônomos: idéias fora do lugar?** In. PARKER, R. & BARBOSA, R.M. (orgs.) **Sexualidades brasileiras.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

COSTA, J.F. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ **Razões públicas, emoções privadas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: Sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GUIMARÃES, C.D. **Aids no feminino: Por que a cada dia mais mulheres contraem Aids no Brasil?** Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

HEILBORN, M.L. **Entre as tramas da sexualidade brasileira.** In. Estudos Feministas. Florianópolis, vol. 14, nº 1, pp. 43-59, jan-abr/2006.

_____. **Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada.** Revista Estudos Feministas, nº 1, vol. 1, CIEC/ECO/UFRJ, 1993.

_____. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

HEILBORN, M.L.; AQUINO, E.M.L.; BOZON, M. & KNAUTH, D.R. (org.) **O Aprendizado da sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros.** Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

HEILBORN, M.L.; SALEM, T.; KNAUTH, D.R.; AQUINO, E.M.L.; BOZON, M.; ROHDEN, F.; VICTORA, C.; MCCALLUM, C.; BRANDÃO, E.R. **Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência.** Horizontes Antropológicos, ano 8, nº 17, pp. 13-45, 2002.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MARTIN, D.; BARBOSA, R.M. & VILLELA, W.V. **As Mulheres e a Prevenção da AIDS.** In. PAIVA, V. (org.) **Em Tempos de AIDS.** São Paulo: Summus, 1992.

MARTINS, L.B.; COSTA-PAIVA, L.H.; OSIS, M.J.; SOUSA, M.H.; PINTO-NETO, A.M. & TADINI, V. **Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil.** Cadernos de Saúde Pública, vol. 22, nº 2, pp. 315-23, 2006.

MINAYO, M.C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Programa Nacional de DSTs e AIDS.** Brasília, 2008.

_____. **Boletim Epidemiológico AIDS – DST. Versão Preliminar.** Brasília, 2010.

_____. **Boletim Epidemiológico AIDS - DST. Versão Preliminar.** Brasília, Ano VIII, nº 01, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Cadernos de Atenção Básica: Saúde Sexual e Reprodutiva**. Brasília, 2010.

_____. **Pesquisa de Comportamentos, Atitudes e Práticas da População Brasileira (PCAP)**. Brasília, 2008.

MONTEIRO, S. **Qual Prevenção? AIDS, sexualidade e gênero em uma favela carioca**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MOTTA, J. **A Moral do Amor – Da revolução sexual à revolução amorosa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011

O'LEARY, S. & CHENEY, B. (org.) **Tripla Ameaça: AIDS e mulheres: dossiê Panos**. Rio de Janeiro: ABIA, 1993.

PAIS, J.M. **A construção sociológica da juventude – alguns contributos**. *Análise Social*, vol. 25, nº 105/106, pp. 139-65, 1990.

_____. **Jovens e cidadania**. *Sociologia, problemas e práticas*, nº 49, pp. 53-70, 2005.

PAIVA, V. **Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual**. In PARKER, R. & BARBOSA, R.M. (orgs.) **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

PAIVA, V.; PERES, C. & BLESSA, C. **Jovens e adolescentes em tempos de AIDS: Reflexões sobre uma década de trabalho de prevenção**. *Psicologia USP* vol.13, nº 1, pp. 55-78, 2002.

PARKER, R.G. **Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política**. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed.34, 2000.

PARKER, R. & BARBOSA, R.M. (orgs.) **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

SANTOS, N. J. S.; TAYRA, A.; SILVA, S. R.; BUCHALLA, C.M. & LAURENTI, R. **A aids no Estado de São Paulo: as mudanças no perfil da epidemia e perspectivas da vigilância epidemiológica**. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, vol. 5, nº 3, pp. 286-310, 2002.

TEIXEIRA, A.M.F.; KNAUTH, D.R.; FACHEL, J.M. & LEAL, A.F. **Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual**. *Caderno de Saúde Pública*, vol. 22, nº 7, pp. 1385-96, 2006.

TAQUETTE, S.R.; VILHENA, M.M. & PAULA, M.C. **Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco.** Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, vol. 37, nº 3, pp. 210-14, 2004.

_____ **Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro.** Caderno de Saúde Pública, vol. 20, nº 1, pp. 282-90, 2004.

UNAIDS. **AIDS ate 30 – Nations at the crossroads.** 2011.

_____ **AIDS Epidemic Update.** Geneva, 2000.

_____ **AIDS Epidemic Update.** Geneva, 2009.

_____ **Global Report: UNAIDS Report on the Global AIDS Epidemic.** Geneva, 2010.

_____ **Securing the future today - Synthesis of Strategic Information on HIV and Young People.** Geneva, 2011.

VASCONCELOS, E.M.; **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VILAR, D. & GASPAR, A. M. **Traços Redondos. A gravidez em mães adolescentes.** In. PAIS, J. M. (org.) **Traços e Riscos de vida. Uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis.** Porto: Ambar, 1999.

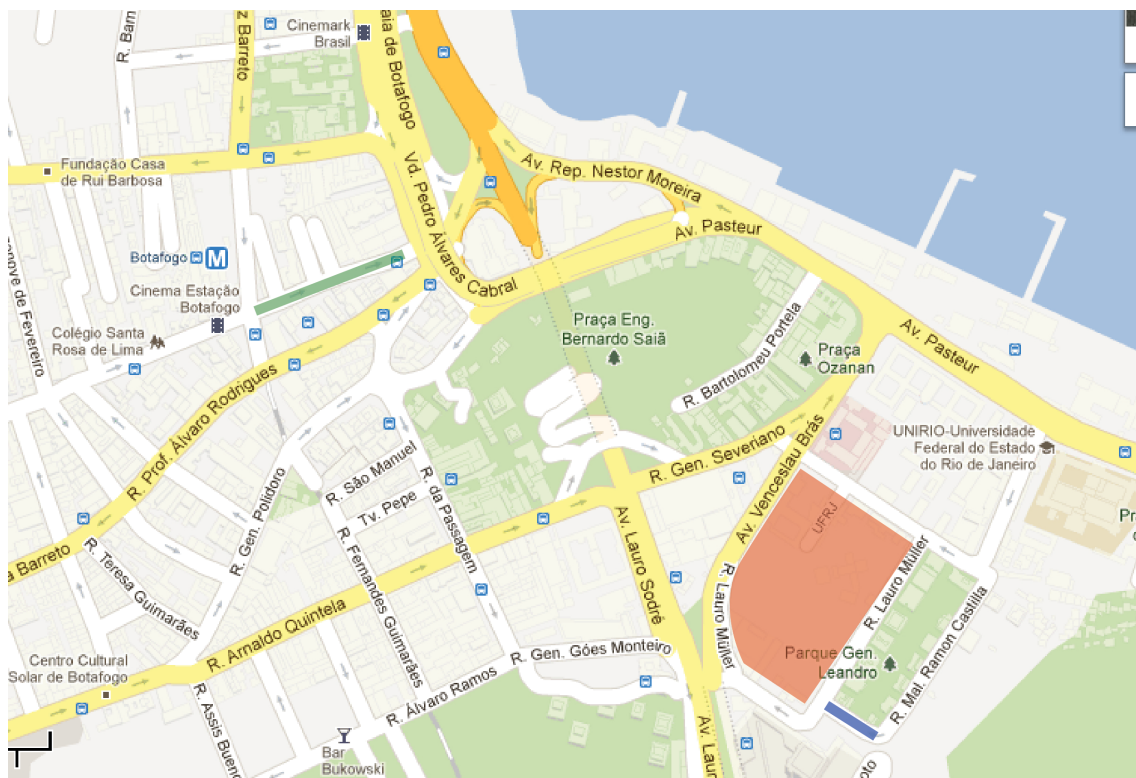
VILLELA, W.V. & BARBOSA, R.M. **Repensando as relações entre gênero e sexualidade.** In. PARKER, R. & BARBOSA, R. M. (orgs.) **Sexualidades brasileiras.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

Sites consultados:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/> Acesso em agosto de 2011.

www.aids.gov.br / Acesso em maio de 2011.

ANEXO I.



Mapa com a localização do Campus da Praia Vermelha, da UFRJ (em vermelho), a rua em que se encontra o “Mosca” (em azul) e o Baixo Botafogo, quarteirão da Rua Voluntários da Pátria entre a estação de metrô e a Praia de Botafogo (em verde).

ANEXO II.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você foi convidado(a) a participar de uma pesquisa, de caráter exploratório, sobre juventude, iniciação amorosa e sexual e prevenção de DSTs. Esta pesquisa tem como objetivo central compreender as razões do uso e do não uso do preservativo, entre jovens, na iniciação amorosa e sexual. Este é um estudo que tem como base uma abordagem qualitativa interdisciplinar e irá utilizar como método entrevistas qualitativas abertas em profundidade que serão gravadas e transcritas na íntegra para serem, posteriormente, submetidas a uma análise temática de seu conteúdo.

Todo o material colhido nas entrevistas será tratado de forma anônima e confidencial. Isto é, seu nome ou demais informações que possam identifica-lo(a) não serão divulgadas em nenhuma das fases do estudo.

Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa, cujos resultados poderão ser divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador.

Você não terá nenhum custo ou qualquer compensação financeira. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionados à sua participação. O benefício relacionado à sua participação será o de enriquecer o conhecimento científico acerca do tema em questão para a área da psicologia social.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone/e-mail e o endereço profissional do pesquisador responsável, e demais membros da equipe. Dessa forma, poderá tirar quaisquer dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Ao término da pesquisa, seus resultados serão disponibilizados para os entrevistados mediante a disponibilização de um exemplar da dissertação.

Desde já agradecemos sua participação.

Eu, _____
concordo em participar da pesquisa acima referida.
Rio de Janeiro (RJ), _____

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

MARCIA ARARIPE MELLO.
E-mail: ma.araripe@gmail.com

ENDEREÇO INSTITUCIONAL: Avenida Pasteur, 250 – Pavilhão Nilton Campos,
Praia Vermelha – Rio de Janeiro – RJ. CEP. 222.290-240. Telefone: 3873-5342